

SEDI

REVISTA MENSAL

RN/ECONÔMICO

ANO XIII — N.º 131 — MAIO/82 — Cr\$ 250,00

FIERN homenageia Senai



Custos da campanha assustam

Sucessão tem o 3º candidato

Arruda: o empresário da noite

Ministério eleva multa às empresas

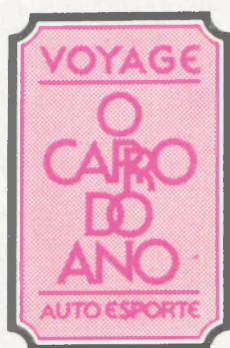
É fácil comprar carro na feira

Padre Agnelo é bicampeão do mundo

COLONIALISMO CULTURAL

413

SE VOCÊ JÁ TEM O CARRO DO ANO, PARABÉNS. SE AINDA NÃO TEM, VENHA CONVERSAR COM A GENTE.



Você, que é dono de um Voyage, pode ir se preparando para os cumprimentos, abraços e elogios de todo mundo.

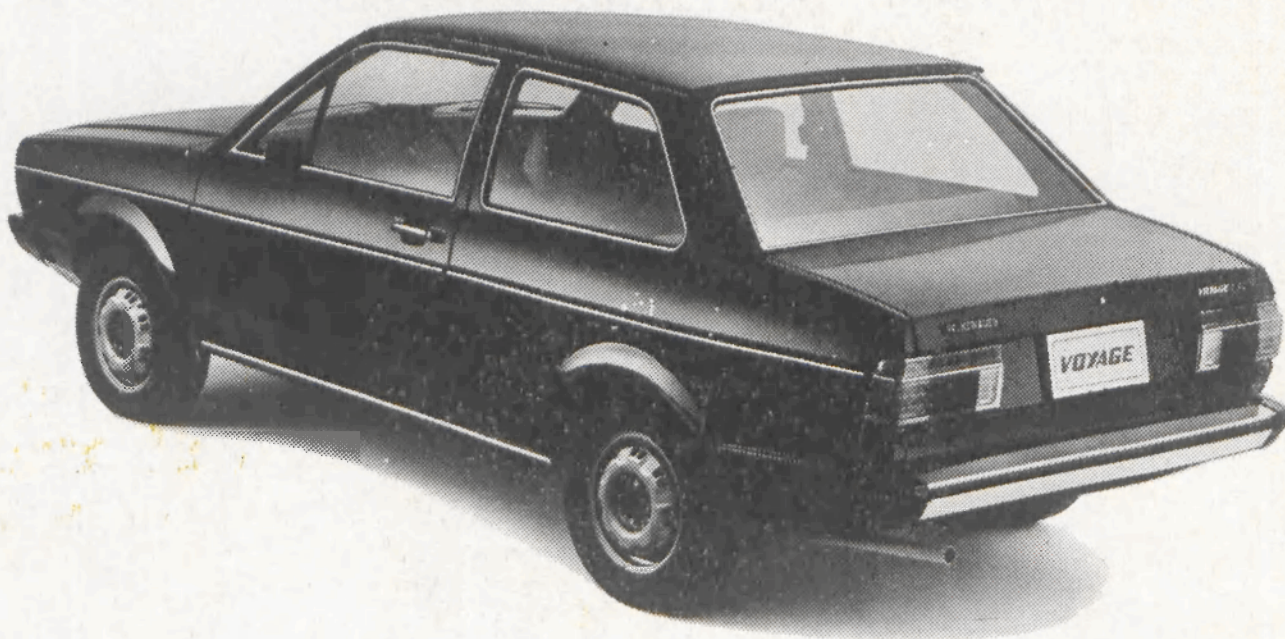
Agora você é nada mais nada menos que o dono do Carro do Ano: pessoa avançada, elegante e inteligente, pois soube escolher o carro certo. E, cá entre nós, até que é

gostoso ouvir elogios da boca dos outros, não é mesmo?

Mas para quem ainda não tem o Carro do Ano, nós temos uma boa notícia: apareça em nossa loja, e nós vamos dar um jeito de você sair com o seu Voyage ainda hoje. Planos, facilidades e financiamento é o que não falta.

Basta dizer como você prefere pagar e pronto.

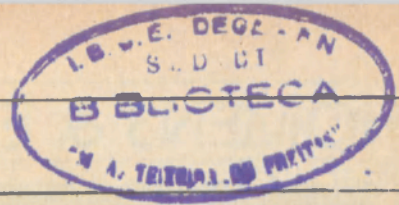
Pessoas com bom gosto, aqui em nossa loja, não pedem... mandam!



Tavares de Lira, 159
Pte. Sarmiento, 592

MARPAS S.A.



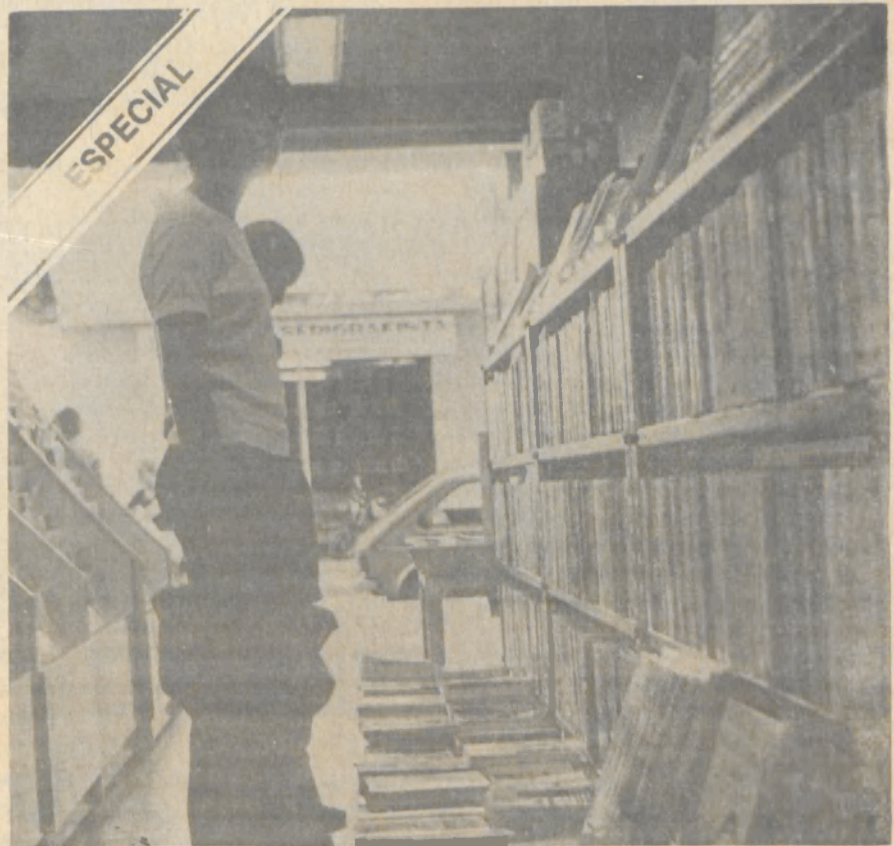


ÍNDICE

MG

CIDADE

Campanha: inflação do som na procura de votos.....	15
A grande luta da sucessão.....	18
O PT tem também seu candidato ao Governo.....	20
Natal no foco da Frente Fria.....	23
Feira de Veículos se torna um hábito.....	24
Seca faz RN se voltar para a industrialização.....	25
Comércio tem enfim boas notícias.....	26
Crédito Educativo: depois, a decepção.....	28
Também aqui há bons colecionadores.....	30
O adeus do bom inglês.....	32
Arruda, o novo empresário da noite.....	36
Multas às indústrias vão ser para valer.....	44
Horário único: as muitas consequências.....	46
Padre Agnelo, bicampeão do mundo.....	65



ESTADO

Mão-de-obra para mineração.....	52
Emergência: fim de um programa contraditório.....	60
Controvérsias sobre custeio agrícola.....	64

ARTIGOS

Manoel Barbosa.....	5
Cortez Pereira.....	46
Rosemilton Silva.....	70

SEÇÃO

Homens & Empresas.....	4
------------------------	---

O colonialismo cultural é um tema controvertido. Existe? De que forma se manifesta? Qual a causa principal? Quais as circunstâncias? Quem dele se aproveita? De positivo e inquestionável existe a falta de identidade cultural e uma influência acentuada das idéias, dos costumes e de todas as manifestações culturais vindas do Centro-Sul. As interpretações sobre a profundidade dos seus efeitos é que são muito divergentes. (8).

INVERNO

Não há, ainda, uma explicação sobre a razão da extrema vulnerabilidade de Natal ao inverno. Sem contar a situação da Ribeira, toda a cidade geralmente sente muito os efeitos da chuva (23).

TURISMO

Pela primeira vez no Rio Grande do Norte houve uma aplicação a nível de investimento sério num programa de turismo: Os Caminhos do Elefante. Por isso os resultados foram tão bons (40).

BICAMPEÃO

O Padre Agnelo é de Natal e é bicampeão do mundo. Ele deu toda a assistência religiosa à Seleção do Brasil que se sagrou, no Chile, em 62, bicampeão mundial. E fé em 82 (62).

RN/ECONOMICO

REVISTA MENSAL • ANO XIII • N.º 131 • MAIO/82 • CR\$ 250,00

DIREÇÃO
 DIRETOR/EDITOR: Marcelo Fernandes de Oliveira
 DIRETORES: Núbia Silva Fernandes de Oliveira, Maurício Fernandes de Oliveira e Fernando Fernandes de Oliveira.
REDAÇÃO
 DIRETOR DE REDAÇÃO: Manoel Barbosa
ARTE E PRODUÇÃO
 CHEFE: Euryly Moraes da Nóbrega

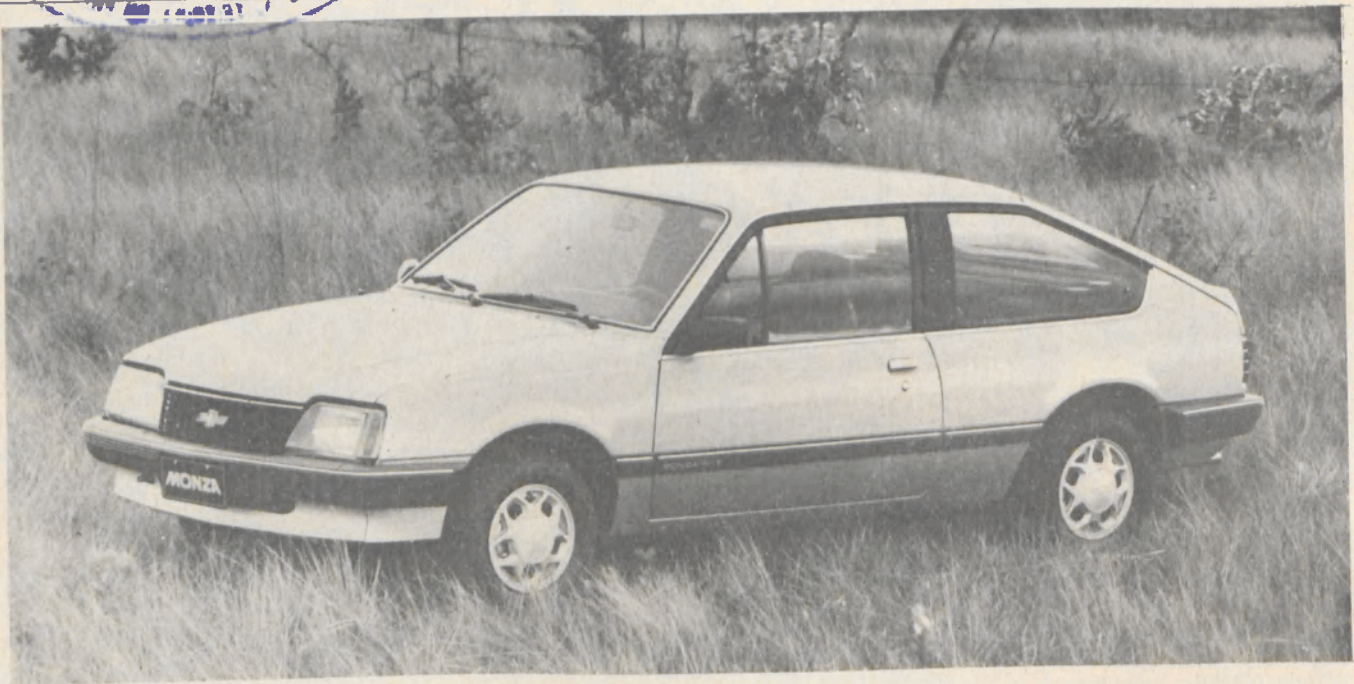
PROGRAMAÇÃO VISUAL: Moacir de Oliveira
 DIAGRAMAÇÃO: Francisco Enéas Peixoto
 FOTOCOMPOSIÇÃO: Antônio José D. Barbalho

DEPARTAMENTO COMERCIAL

GERENTE COMERCIAL: Paulo de Souza
 GERENTE DE ASSINATURAS: Antônio Emídio da Silva

RN/ECONÔMICO — Revista mensal especializada em

assuntos sócio-econômicos do Rio Grande do Norte é de propriedade de RN/ECONÔMICO EMPRESA JORNALÍSTICA LTDA. — CGC n.º 08.286.320/0001-61 — Endereço: Rua São Tomé, 421 — Natal (RN) — Telefone: 222-4722. É proibida a reprodução total ou parcial de matérias da revista, salvo quando seja citada a fonte. Preço do exemplar: Cr\$ 250,00. Preço da assinatura anual: Cr\$ 3.000,00. Preço do número atrasado: Cr\$ 500,00.



SUCESSO NO LANÇAMENTO DO MONZA

— Executivos — sobretudo de organizações bancárias de Natal —, empresários e jornalistas especializados prestigiaram o lançamento no Rio Grande do Norte pela Natal Veículos e Peças S. A. do Monza, da General Motors. Os quatro primeiros veículos foram vendidos antes mesmo que chegassem à revenda potiguar. A procura é muito grande e a primeira cota de 24 unidades, segundo acredita a direção de Natal Veículos, será vendida em tempo recorde. Os designs do Monza causou muito boa impressão no mercado automobilístico.

REEMPOSSADA DIRETORIA DO CDL

— Foi reempossada a diretoria do Clube dos Diretores Lojistas de Natal, para mais um mandato: João Costa na presidência e Ronald Gurgel na vice. Na mesma oportu-

nidade também foi empossado na presidência do Conselho Deliberativo do CDL, Zildamir Soares. O CDL de Macaíba, por sua vez, já está sendo implantado, devendo ficar com a sua estrutura definitiva dentro de 60 ou 90 dias no máximo. Por ora, o CDL de Macaíba funcionará em convênio com o Serviço de Proteção ao Crédito do CDL de Natal.



NOVO COMPUTADOR DA DATANORTE

— Com a entrada em funcionamento do seu novo computador — B-6800, a Datanorte se aproxima do seu nível máximo de operacionalidade.

CRECI PROMOVE ENCONTRO EM MOSSORÓ

— O CRECI-RN, através do seu Presidente, Francisco Ribeiro, realizou em Mossoró mês passado o 1.º Encontro dos Corretores de Mossoró. Na oportunidade foi discutida a formação da chapa de Conselheiros para o próximo pleito, na qual Francisco Ribeiro tenta a reeleição. Os Conselheiros indicados por Chico Ribeiro são: Antônio de Pádua Cantídio, Adjano Pereira do Nascimento e José Zélito Nunes. Esta é a primeira vez que o CRECI — 17.ª Região — terá representação formada por corretores oes-
tanos.

PROJETO DE LOTEAMENTO

— O Grupo Medeiros (Soriedem e vários outros empreendimentos) vai lotear cinco (5) hectares do terreno ao lado da fábrica. O projeto de loteamento já está pronto, com 74 lotes, de 15x30 cada lote, numa área nobre de Natal. A procura já é muito grande e segundo se informaram há um interessado querendo adquirir toda a área.

DUBOM LANÇA NOVOS PRODUTOS

— Até o final do ano, a DUBOM S/A estará lançando três novos produtos de sua fabricação. É a glicerina, em agosto; o sabão de coco, em outubro e o sabonete até o final do ano. Afirmou o Diretor Wálter Peixoto que o Sabão Dubom — o primeiro produto fabricado pela empresa — está com boa aceitação, assegurando toda a venda da produção.



STAND DA SERIDÓ — A Distribuidora de Automóveis Seridó inaugurou um stand de vendas no Aeroporto Augusto Severo, dia 20 deste, às 15:30 horas. Na ocasião falou Sérgio Freire, diretor da firma, dizendo dos objetivos promocionais de sua revenda Volkswagen. Da área de marketing da VW estiveram presentes os funcionários Antônio Carlos Rossi e Miguel Augusto Borges de Souza. O carro Voyage em exposição foi apresentado ao público presente pelas recepcionistas da Distribuidora Seridó. O stand funcionará nos horários normais de expediente, nos dias úteis, com atendimento receptivo e material impresso à disposição dos interessados.

★ ★ ★

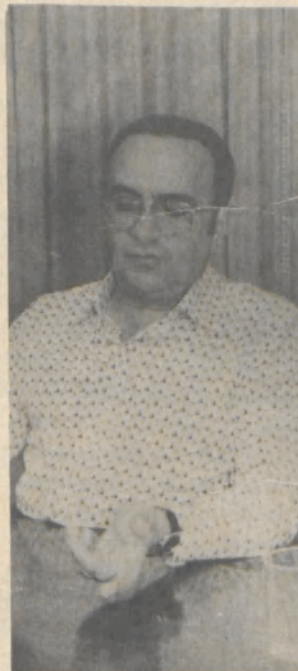
DIRETORES DA CERNA ESTIVERAM EM NATAL — Tomando providências para o início da implantação da Cervejaria Cerna no Es-

tado, estiveram em Natal seus diretores, Manoel Fernandes da Rocha e Dietrich Niehaus, quando mantiveram contatos com a Rede Ferroviária Federal, o Cais do Porto e a Secretaria de Indústria e Comércio. Eles são também, respectivamente, diretores da Cerpi — Cervejaria Piauiense S/A e da Cerpasa — Cervejaria Paraense S/A.

★ ★ ★

SIC ASSINA CONVÊNIO COM EXPORTADORES — A Secretaria de Indústria e Comércio, SIC, assinou convênio com a Associação dos Exportadores para promover um programa de formação e desenvolvimento de recursos humanos na área do comércio exterior, visando oferecer mão-de-obra devidamente treinada às empresas do Estado e aos bancos que operam com câmbio. O convênio foi assinado através do Pro-

POTYCRET EM NOVAS INSTALAÇÕES — Incorporando-se à sua usina de britagem, a Potycret até o final de julho se transferirá para o vizinho município de São Gonçalo do Amarante, onde se instalará numa área de cem hectares. A partir dessa data passará a produzir pré-moldados em geral para construção civil, inclusive tubos.



BANCO AUXILIAR VOLTA A NATAL —

Após passar quase uma década fora da praça de Natal, o Banco Auxiliar de São Paulo retorna à cidade e será gerenciado por Francisco de Lima Cordeiro, o "Bezerrinha", ex-gerente do Banorte. O Banco, quando explorou a praça há dez anos, instalou-se no cruzamento das ruas Ulisses Caldas com a Rio Branco.

★ ★ ★

EMPRESÁRIO CANDIDATO A VICE NA PARAÍBA — O empresário José Carlos da Silva Júnior é o candidato a vice-Governador da Paraíba pelo PDS. Figura tradicionalmente ligada aos meios empresariais também do Rio Grande do Norte e tendo se destacado na Região pelo seu dinamismo, José Carlos foi indicado pelo Governador Tarcísio Buriti. José Carlos tem sem campo de ação empresarial em Campina Grande.



A VIAÇÃO NORDESTE TAMBÉM TESTOU E COMPROVOU

Radial de Aço da Goodyear é mesmo mais do que pneu

Os ônibus da Viação Nordeste rodam, por mês, milhares de quilômetros. Só mesmo mais do que um pneu para aguentar. Faça como a Nordeste e outras grandes empresas de transportes: use, teste e comprove o Radial de Aço da Goodyear. Em Natal, DUAUTO PNEUS dispõe da mais completa linha de pneumáticos da Goodyear, dispondo ainda de completa assistência técnica.

DUAUTO PNEUS

Rua Presidente Bandeira, 1244
Fone: 223-4402 e 223-3137 — Natal/RN

POLÍTICA E EMPRESÁRIOS

MANOEL BARBOSA

Com a abertura política os empresários brasileiros adotaram padrões de comportamento diversos dos até então tradicionalmente seguidos. Passaram a ter uma presença política mais ostensiva, ocupando parte dos espaços surgidos com a abertura. Nesse período, os encontros dos empresários, em qualquer parte do Brasil, deixaram de ser uma troca de opiniões sobre negócios. Os empresários, como outros segmentos da sociedade brasileira — e sendo eles um conjunto com altas responsabilidades na construção do País — têm alargado o leque de suas discussões, vinculando-as, não raro, a níveis político-reivindicativos.

Partindo, inicialmente, de São Paulo, a nova palavra de ordem sensibilizou as classes empresariais de todo o País. Participar mais politicamente foi essa a palavra de ordem, que teve posteriores desdobramentos. E o fato dela ter sido proferida, inicialmente, em São Paulo, não tem nada de especial. Não poderia ser de outra maneira, pois é São Paulo, sem dúvida nenhuma, o mais industrializado dos Estados brasileiros e, talvez, o da América do Sul.

O fato é que a onda se propagou e foi captada também aqui no Rio Grande do Norte, Estado que, se não tem um parque industrial do porte de São Paulo, possui uma sensibilidade política que em nada lhe fica a dever. Dentro das suas possibilidades, os empresários do Rio Grande do Norte têm procurado participar do processo político, conforme aquela ordem de raciocínio. Uma participação, no entanto, específica.

Esse grau de especificidade não tem sido muitas vezes compreendido. E é nele que estão os aspectos mais delicados da participação política do empresário potiguar. Uma participação que alguns observadores acham “tímida”. Tem sido comum essa interpretação para justificar a aparente hesitação com que, nos momentos decisivos, os empresários têm se portado, nos últimos anos, em termos políticos, mesmo após o declarado desejo de posicionamento após a palavra de ordem de São Paulo.

Qual a razão da timidez?

Ou melhor: há a timidez?

É então que vem aquela nossa interpretação de “especificidade”. Os impacientes não têm dúvida de que, realmente, os empresários riograndenses do norte têm se mostrado tímidos mesmo nessa fase de participação ostensiva em discussões mais ou menos políticas. Mas esquecem que a estrutura sócio-econômica do Rio Grande do Norte é radicalmente diferente da de São Paulo. A presença do Estado na economia potiguar ainda é muito grande. Sobretudo, porque é uma dupla e poderosa presença: dos Governos Estadual e Federal. Em São Paulo, o empresariado praticamente

só tem a sombra do Governo Federal, atuando com mais independência na área estadual pelo que sua atividade representa, em si, no contexto.

A “timidez”, pois, no nosso entendimento, que ainda se verifica no posicionamento do empresariado potiguar nas questões políticas, é também uma questão de tática. Uma tática, digamos, compulsória. Uma “timidez” forçada por um contexto natural de uma situação antiga, profundamente arraigada. Na verdade, seria precipitação agir de outro modo. Seria, mesmo, quixotesco agir de outro modo.

É impossível, num Estado como o Rio Grande do Norte, modificar as estruturas de um ano para outro. Principalmente porque as leis do mercado ainda não são exatamente, digamos assim, as leis do mercado, mas ainda estão subjugadas a certos condicionamentos, padecem de vícios paternalísticos, não chegaram, enfim, a um estágio de pleno desenvolvimento. O Rio Grande do Norte é, ainda, uma província econômica. Ele busca a sua identidade econômico-empresarial, através de um processo de amadurecimento na exploração das suas vocações. Ao mesmo tempo, há a outra ponta da questão, que é um mercado incipiente, pobre, intermitente, dependente de bons e maus invernos, pois o Estado ainda é basicamente agrícola.

A política, pois, do empresariado potiguar, na sua fase de amadurecimento, tem de ser realmente uma política no melhor sentido da palavra. A ordem é ocupar espaço. Mas é preciso saber ocupar espaços, como ocupar espaços. É preciso cuidado para não criar atritos desnecessários e transformar aliados em inimigos.

É uma situação difícil.

Tudo, de resto, no Rio Grande do Norte atual é difícil. Tudo é sacrifício, tudo é conseguido com muita dificuldade. É clara a percepção de que os defeitos antigos, a pobreza secular e as distorções perpetuadas teriam de desaguar, um dia, numa situação complexa, do mesmo modo que uma doença não curada termina em graves complicações orgânicas:

O empresariado tem sentido como o processo político tornou-se traumático e, embora desejando participar, encolheu-se estrategicamente, evitando uma presença ostensiva no confronto dos grupos. Não está omisso, percebe-se. Nem, certamente, ficará omisso. Tem, implicitamente, deixado claras as suas intenções e as suas necessidades e a sua disposição de lutar por elas sem esperar numa posição passiva. Isso, para um bom entendedor, é um pronunciamento mais ou menos nítido. O empresário quer espaços. Não só o espaço político em si. Mas o espaço que lhe permita exercer suas atividades de modo mais produtivo possível e com o menor número de entraves.



Nos debates culturais/políticos/ideológicos, a influência de outras culturas

Esta Colônia Cultural

Colonialismo cultural é um processo de falta de identidade de uma cultura que, não se encontrando a si mesma, nem se conscientizando dos seus próprios valores, vive à procura de modismos, de modelos e de padrões em que se apoiar. É a definição mais sintética e formal para o termo colonialismo cultural. Mas é uma definição insuficiente, porque o processo é muito mais complicado e pleno de contradições. Na verdade, a abordagem da problemática do colonialismo cultural é perigosa. O terreno é escorregadio, cheio de armadilhas, o que parece consistente é feito só de aparências; o que parece ser só aparência muitas vezes tem consistência, o falso frequentemente passa por verdadeiro e o verdadeiro por falso. E nesse torvelinho a medida dos valores se torna difusa, cresce a dimensão da superficialidade, fazem do com que as capacidades sucumbam no anonimato e as incapacidades brilhem.

Por que o colonialismo cultural? Como se processa? Quais os seus mecanismos? Quais os seus efeitos? Quais os setores mais atingidos?

O próprio comportamento da sociedade e da cultura do Rio Grande do

Norte é afetado, no seu todo, pelo processo, através da influência dos professores visitantes, das leituras sistemáticas de revistas e jornais do Sul, da produção cultural do Centro-Sul e das traduções do exterior — aconselhada pelos resenheiros dos jornais e das revistas do Sul —, da música imposta pelos programas de rádio gravados, de TV, as modas impostas pelas novelas, etc.

ATÉ AS MINORIAS — *Nesse universo, não escapa, sequer, o grupo de intelectuais que se enquadra no rótulo de "minorias". O colonialismo cultural tem muitas variedades e subtons, planos e níveis. As minorias natalenses que deveriam investir contra o "intelectualismo oficial" também são vítimas dos padrões impostos — geralmente transmitidos pelas publicações nancas impressas no Sul — pelo colonialismo. Assim, no dizer de um desses "contestadores", o antimodismo natalense é copiado de outros modismos — assimilados por osmose.*

E uma situação tão complexa que gera confusões inextrincáveis. Uma das soluções, seria o posicionamento adotado pelo Pró-Reitor de Extensão

da UFRN, Pedro Simões Neto, que diz:

— É preciso, no Rio Grande do Norte, adotar o universalismo sem esquecer o regionalismo e aplicar o regionalismo sem que este signifique jacobinismo cultural.

Sim. Porque este é o lado mais delicado e explosivo de tudo. Quando é atacado um foco colonialista, os seus responsáveis se defendem dizendo que estão sendo vítimas de "jacobinismo cultural". Por sua vez, os verdadeiros jacobinistas culturais atacam valores que poderiam ser da maior utilidade para a cultura local — a cultura universalista-regional sem jacobinismo de que fala Pedro Simões — a pretexto de estarem sendo contra o colonialismo cultural quando, em essência, estão defendendo os seus próprios interesses pessoais. Um escritor do nível e da clareza mental como João Ubaldo Ribeiro foi vítima desse complexo de contradições, quando é fora de dúvida que a sua inteligência e o seu trabalho profissional seriam de extrema utilidade para a Universidade Federal do Rio Grande do Norte e a cultura do Estado e não teriam nada a ver com o colonialismo cultural.

E fácil encontrar em qualquer livraria do Rio Grande do Norte obras traduzidas do alemão, russo, ídiche ou do sânscrito. É possível, com a maior facilidade, o acesso ao mais recente "best seller" aconselhado pelo "New York Times", Jornal do Brasil ou o Caderno de Cultura do Estado de São Paulo. No entanto, o livreiro e editor Carlos Lima, dono de uma das mais tradicionais gráficas da cidade e de duas livrarias, tem dificuldade para obter livros de autores da terra para vendê-los. E, assim, se alguém quiser fazer uma pesquisa sobre acontecimentos históricos do Rio Grande do Norte terá de recorrer à biblioteca da Fundação José Augusto ou aos Arquivos do Instituto Histórico ou Geográfico. Ou ainda — se for algum assunto relacionado com o Oeste — solicitar pessoalmente a Vingt-un Rosado, um dos responsáveis por uma série de livros com o título geral de "Coleção Mossoroense".

Esse é um dos aspectos cruciais do processo do "colonialismo cultural". É um processo que muitos explicam como sendo subjacente às próprias características sócio-econômicas do Estado. Ou seja: da sua pobreza. Em função dessa pobreza, não há uma indústria editorial adulta, baseada em métodos empresariais racionais onde sejam levados em conside-

ração fatores como o mercado e a indispensável distribuição para que o produto chegue a ele.

Assim, conforme apurou **RN/ECONÔMICO**, afora o trabalho de penetração das casas editoriais do Sul do país, que operam com "marketing" atualizado e maciça divulgação das obras que editam, as publicações periódicas, como revistas e jornais nânicos também contam, ao contrário do que se pensa, com eficientes meios de distribuição. A Editora Abril, por exemplo, atua de parceria com a Natal Distribuidora de Publicações, que tem uma capacidade operacional além do normal e o seu titular, Manoel Lopes da Silva sempre ocupa excelente posição entre os distribuidores de todo o Brasil. A Distribuidora coloca só em Natal, por mês, 120 títulos diferentes com a venda de 100 mil exemplares.

INDÚSTRIA INCIPIENTE — Carlos Lima tem experiência muito concreta a esse respeito. Desde que se iniciou no ramo gráfico tem sentido o problema das deficiências culturais/econômicas. Ele, depois de ter editado uma revista e um jornal semanal, conseguiu também passar para o ramo da livraria, que é a outra parte do negócio.

— Realmente — diz ele — o gran-

de problema é a distribuição. Eu tenho dificuldades para adquirir títulos do Rio Grande do Norte. As vezes faço o pedido e fico esperando mais de um mês. E tudo aqui. Isso, no entanto, não acontece com as editoras do Sul que têm todo um esquema muito bem montado.

Carlos Lima, preocupado com isso, está tentando contornar esses problemas. Pretende, em bases mais modestas, montar um esquema de distribuição, inclusive a nível regional. É bem possível que consiga. Tem conseguido, de resto, coisas difíceis no ramo, como, a partir de uma gráfica com recursos gráficos apenas razoáveis e praticamente nenhuma disponibilidade financeira, publicar muitos livros de autores da terra. É uma façanha que ele mesmo tem dificuldade de explicar, dentro da lógica normal, quando tanta gente reclama do preço do livro, custos, etc.

O exemplo de Carlos Lima mostra que o colonialismo cultural é econômico, mas também cultural. No caso da Coleção Mossoroense, por exemplo, ela contém um acervo de mais de 50 títulos sobre o Oeste. Mas, como lembra o próprio Carlos Lima, não são livros fáceis de encontrar para quem não conhece os caminhos certos. E os caminhos certos não são procurar numa livraria do Recife ou de Natal. No Recife, a Livro 7, que é uma das maiores livrarias do Brasil,



Revistas: a invasão impressa

dispõe de obras de todos os tipos e em diversas línguas e muitas mal são editadas no seu país de origem. Mas, apesar do seu dono, o divreiro Tarcísio, ser do Rio Grande do Norte e parente do Senador Agenor Maria, não dispõe de um livro sequer da Coleção Mossoroense. Como diz Carlos Lima: o caminho para se conseguir um livro daquela Coleção não é o da livraria, mas o do contato com Vingt-un Rosado.

A INVASÃO IMPRESSA — Porém os números da invasão impressa periódica são bem opressivos no seu total. Opressivos, se se levar em conta que, além da invasão impressa há a invasão eletrônica.

Além das 100 mil revistas mensais da Editora Abril em Natal há o reforço das publicações de outras editoras. Mais duas distribuidoras atuam na Capital: a Imrensa, da Bloch Editores e a Pégasus, de Fernando Chináglia. Esta última tem uma infinidade de títulos, inclusive toda a linha de revistas pornográficas de todos os níveis. Juntamente as três distribuidoras, a estimativa é de que, em Natal, são despejadas 150 revistas.

Além dessas revistas — todas do Centro-Sul, é evidente — há os jornais. E a circulação diária dos jornais do Sul em Natal não é nada desprezível se se considerar a distância de mais de dois mil quilômetros. Segun-



Difícil encontrar livros com temas locais

do Francisco Bezerra, dono de uma das principais cigarreiras, diariamente o Jornal do Brasil vende 400 jornais, O Globo 250 (e às segundas-feiras 400), o Estado de São Paulo 120, a Folha de São Paulo 100 (aos domingos 150) e a Última Hora 100. Isso dá uma média de 1.000 jornais por dia.

Levando em conta o nível das pessoas que lê esses jornais, pode-se afirmar que eles atingem uma área de decisão quase igual a atingida pelos jornais da Capital.

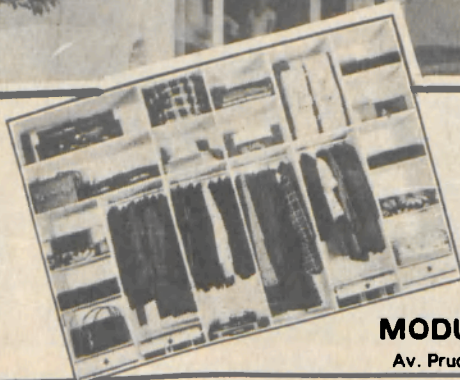
Além desse, ainda há as publicações locais como "Pasquim", "Voz da Unidade", "Em Tempo", "Hora do Povo", "Prazer e Luta", entre outras, com circulação semanal e mensal bem expressivas e formadoras de opiniões.

ALIMENTO DE EQUÍVOCOS —

Os intelectuais da terra, os mais sinceros, se sentem oprimidos e angustiados com a atmosfera criada por esse tipo de colonialismo. O crítico de arte e jornalista Franklin Jorge, que de modo algum pode ser acusado de jacobinismo, e foi até pouco tempo representante da revista "Vogue" no Estado, diz:

— O colonialismo cultural age de uma forma deprimente, alimentando equívocos diversos da parte de pessoas que se limitam a repetir — sem a necessária assimilação crítica — modelos culturais que nada representam, de fato, no quadro cinzento e estático da nossa realidade. Não vale repetir aqui uma experiência de Andy Wharol em New York. Lá, os artistas fazem o seu atelier em *lefts*, agora mais um modismo à americana.

A VERSATILIDADE EM MÓVEIS



A Modular apresenta a mais nova concepção em móveis de estilo. A versatilidade e o bom gosto somados a classe e a nobreza.

MODULAR comércio de móveis Ltda.

Av. Prudente de Moraes n: 623 Petropolis Fone 222 9129



Pesquisa: fácil quando o assunto é de fora

Para Franklin, o grave das distorções do colonialismo está em exemplos como esse, pois ele acrescenta, com o espírito mordaz que lhe é peculiar:

— Aqui, os artistas nem sequer têm atelier. Muitos deles, mais informalmente, trabalham a vida inteira para adquirir a casa própria... pela Cohab.

NOS GESTOS, EM TUDO — O extremo colonialismo cultural de que o Rio Grande do Norte e, em especial,

Natal, é vítima, as vezes é explicado como o hábito dos costumes externos solidificado a partir da Segunda Guerra Mundial com o grande número de norte-americanos que passou a viver na Capital. As vezes. Mas o tipo de colonialismo cultural que se vem manifestando é bem diferente, porque não é simples influência, ou miscigenação de costumes.

— Eu tenho visto em festinhas — diz o pintor Gilson Nascimento — pessoas se portando como aqueles personagens das novelas, segurando

o copo de bebida do mesmo jeito, conversando daquela mesma maneira, esquecendo até o sotaque da terra.

Porque, além da invasão impressa fazer “a cabeça” de uma boa parte das elites, há a invasão eletrônica, através da televisão e também dos programas de rádio e de discos.

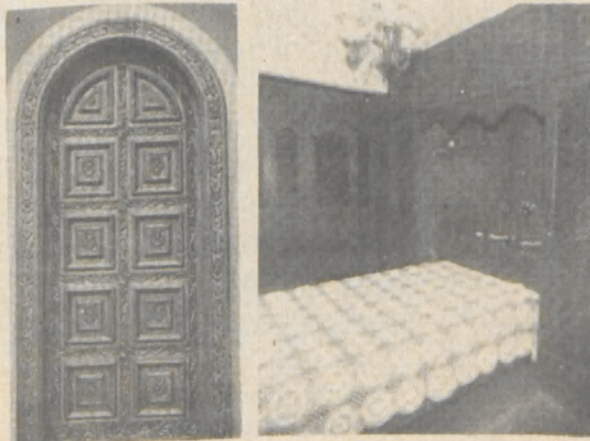
NA UNIVERSIDADE — O colonialismo cultural afeta também a Universidade Federal do Rio Grande do Norte?

Segundo o mestre Aurélio, Colonialismo é um “Sistema ou orientação política tendente a manter sob domínio, inclusive econômico, as possessões de determinado Estado”. Uns, como é o caso de Pedro Simões Neto, acham que “a controvérsia já começa pela expressão. O substantivo “colonialismo é autoritário, requer dominação direta e sujeição”. Para ele, em matéria cultural há que se ter certa sutileza, um certo **savoir-faire**, para que os sujeitos aceitem — as vezes sem saber — a pretensa dominação.

Na verdade, o colonialismo existe na universidade brasileira. No caso específico do Rio Grande do Norte, podemos constatar que, com o colonialismo cultural, enquanto uns se alienam outros se aproveitam para se insurgir contra novos valores, como foram os casos de Carlos Eduardo Lins da Silva e João Ubaldo Ribeiro, repudiados pelos nativos, atemorizados diante de uma suposta superioridade.

A PERFEIÇÃO NOS ENVAIDECE

A organização de uma casa começa pelos seus móveis. Procure a Indústria de Móveis São José. Você vai encontrar tudo em esquadrias, armários embutidos e instalações comerciais. Seja nosso cliente, aqui você recebe toda a orientação para instalar sua casa com a nossa linha de móveis.



**IND. DE MÓVEIS SÃO JOSÉ
LTDA.**

Rua Da Luz, 157 — Natal-RN — Fones: 223-3719 e 223-4044

ALIENÍGENA — Depois da descoberta da “aldeia global”, do poder das comunicações pressentido e fartamente utilizado, mas nunca dantes consciente com tanta intensidade e com tanto vigor, o campo de batalha é manipulado pelos Intelsat, via Embratel, pela massificação editorial alienígena e por um complexo de modismos a que estão presentes os costureiros, os maquiadores, os fabricantes de supérfluos e os produtores de sonhos enlatados.

Segundo Pedro Simões, é comum o nativo aparecer com a seguinte argumentação: “O produto é nacional? Então soy contra. Não li e não gostei. Não vi porque não ia gostar mesmo”. E ele indaga: “Já imaginaram um título qualquer simploriamente nacional”? Que tal: “As desgraças de Severina Xique-Xique? Agora, mude-se a embalagem para uma apresentação como “O lado yang de Sissi” com subtítulo de **análise estrutural** (ou transcendental) ou ainda **leitura interpretativa** de uma existência reprimida. Ponha uma pitada de Lèvy-Strauss.

O Pró-reitor diz que não é contra a



Carlos Lima: milagre de editar

cultura universal: “Ao contrário, o paroquianismo me irrita. Mas que não se confunda universalidade com alienação nem desalienação com paroquianismo. São, ambos os blocos, antíteses profundas, irreconciliáveis”. Na sua opinião, uma definição apressada do que seria paroquianismo nos conduziria ao jacobinismo cultural. É uma postura irracional, insegura e, contraditoriamente,

autoritária. Por isso, ele acha que “os donos da verdade são latifundiários do pedantismo e da superficialidade. Temem o confronto para que não se lhes a fragilidade das informações, o sedimento barrento de sua condição intelectual. Tal como a roupa nova do Rei. Os paroquianos, no paroxismo do temor, se transformam em inquisitoriais e obscurantistas”.

PARABÉNS A VOCE, FIERN

Com açúcar e energia a *USINA ESTIVAS* manda parabéns a você, FIERN, no Dia da Indústria. A nossa palavra de apoio e incentivo ao trabalho dos dirigentes da Federação das Indústrias que está entregando, hoje, à comunidade, um Centro de Formação e Treinamento em Confecções e o novo Cadastro Industrial do Rio Grande do Norte.



USINA ESTIVAS S.A.

MIMETISMO — Quando indagado como via os professores da UFRN, principalmente os visitantes — os alunos conhecem Gramsci, Marcuse, Hohemberg, Althusser, etc e nada da nossa realidade cultural — abordando uma realidade que não é a do Rio Grande do Norte, o Pró-reitor de Extensão foi categórico: “Que não se chegue ao extremo de achar Goethe supérfluo. Nem Chopin. Simplesmente porque temos Zé da Caída, cordelista emérito ou Xiquinho da Sanfona, o ás dos oito baixos. Devagar com o andor”.

Ainda prefiro Judas Fawley ao jovem Werther, afirma Simões. Prefiro muito mais o jovem Paulo Simões, — personagem de Pessach, de Cony, que na realidade é Simon Gorberg, judeuzinho renegado. Não é questão de mimetismo ou de jacobinismo. É de identidade cultural. Mas seria impossível atribuir a Goethe, talvez a maior expressão intelectual alemã e com toda certeza uma das glórias do hemisfério, a menoridade intelectual em contraposição a Cony ou a José Bezerra Gomes, por mero exercício de transposição nacionalóide.

Pedro Simões acha que “a contenda é de natureza ideológica. Não se resolve com patrulhamentos ou paroquianismos, mas com um arsenal de idéias iguais e contrárias. Com alternativas coerentes, sem fanatismo. Somos uma ilha cultural? Um arquipélago, talvez, no nosso próprio País,



onde o Sul maravilha recebe os impulsos alienígenas e os transfere, via de fato, aos nordestinos, crentes de que conceberam o próprio ato original”.

PENSAMENTO — Quando o repórter insiste nos males que o colonialismo traz à universidade, o Pró-reitor de Extensão rechaça e diz que “o compromisso da instituição é com o livre trânsito de idéias. Somos, a Universidade Federal do Rio Grande do Norte, o maior pólo cultural do Estado. O “locus” onde o pensamento — fluido — não conhece fronteiras ideológicas, geográficas ou religiosas”.

Com essa posição, ele acha que fica evidenciado que não se estimula o “grupo”, a “capelinha” e a “patrulha”. O que a UFRN deve, com o propósito de buscar as raízes culturais da nacionalidade, conhecer as variáveis regionais, numa corrida armamentista de natureza ideológica para confrontar a alienação. Isso não significa necessariamente levar à fogueira a cultura alienígena, porque seria um ato de estupidez. Mas de refletir sobre a necessidade de estabelecer alternativas, induzindo à lógica de que só seremos universais a partir do conhecimento de nossa própria realidade.

VISITANTES — Numa outra abordagem sobre os professores visitantes, que aqui chegam desconhecendo a nossa realidade e a maioria faz questão de assim continuar, Simões dá um conselho: “Os que vêm de fora, os que escolheram Natal ou foram por ela escolhidos, que se nordestinizem, sem perder o caráter”. O Rio Grande do Norte é feito aquele baixinho, diz, que se comepensa pela ousadia e pelo orgulho, acrescentando que “horizontalidade é tudo que pede para coexistência pacífica. Ninguém é tão pobre que não possa contribuir com alguma coisa para formar, por exemplo, um ideário”.

E Simões Neto conclui seu pensamento afirmando que o pedantismo contraria simplicidade e hospitalidade nordestinas. Nunca confundir o simples com o simplório. Às vezes o é quem confunde. Cascudo é simples. Newton Navarro também. Djalma Marinho foi um homem simples. Diógenes é simplesmente Diógenes, não é o Magnífico Reitor com vestes talaras — é antes de tudo um cúmpli-ce do Rio Grande do Norte.

ARTIGOS INDUSTRIAIS



É isto mesmo, em César Comércio e Representações, você encontra a mais variada linha de artigos industriais como betoneiras, abraçadeiras, amianto, bombas para todos os fins, telefones em geral e material de instalação, além de contar também com materiais para a construção. César é isso, só pensa em servir melhor.

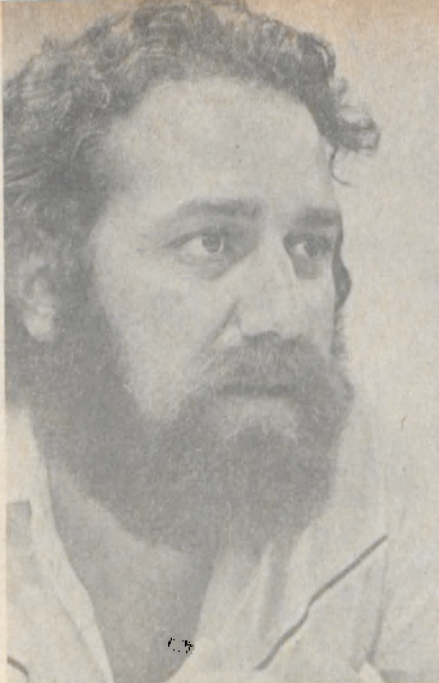
CESAR

Rua Dr. Barata, 205/209 - Tels.: 222-8490, 222-8491, 222-8489, 222-8492 Natal - RN.

“Creio que os termos colonialismo e imperialismo sempre estiveram presentes na universidade e em todo o sistema educacional brasileiro, se levarmos em consideração que a instituição de ensino imposta por uma minoria”. Esse é o ponto de vista da professora Ana Cocentino Ramos, Chefe do Departamento de Comunicação Social da UFRN acerca do colonialismo cultural na Universidade, acrescentando que o entende “como uma orientação tendente a manter sob a sua dominação a cultura de um outro grupo”.

Dentro do tema central, colonialismo cultural, indagamos à Chefe do Departamento de Comunicação se ela achava que o professor visitante estava implantando na Universidade Federal do Rio Grande do Norte o colonialismo cultural, uma vez que ele chegava aqui e impingia aos alunos uma realidade que não era a nossa. Ana Cocentino respondeu com uma indagação: “Quais os visitantes que estariam impondo a sua cultura? Os estrangeiros? Creio que não. Além desta categoria de professores ter aparecido por aqui em número reduzidíssimo, registrou-se sempre uma permanência efêmera; os sulistas? Também não creio”.

E Cocentino continua a indagar: “Por que a afirmação de que eles estão impondo na UFRN uma outra realidade diferente da nordestina?”



Visitante: bons, como Sebastião e outros controvertidos

Por indicarem para os seus alunos (como qualquer outro professor, independente do seu local de nascimento) uma listagem bibliográfica com nomes de autores como Marx, Gramsci, Althusser, Horhheimer, Wertheim, Swuingwood, ou seja lá quem for nascido distante do Potengi? Será que para desenvolver no meio universitário uma consciência dos problemas da região, a Universidade tenha que bolir das prateleiras de suas bibliotecas os autores estrangeiros?”

ABERTURA — Deixando bem claro tratar-se de um patrulhamento ideológico acusar o visitante de impor o colonialismo cultural na Universidade, Ana Cocentino Ramos diz que, “além dos estrangeiros e daqueles procedentes de outros Estados brasileiros integravam até pouco tempo a categoria de visitantes os **professores da terra**. Sim senhor, vários professores visitantes eram daqui mesmo de Natal”. E volta a indagar: “Seriam estes então os responsáveis pelo colonialismo cultural na UFRN”? E ela mesma responde: “A pergunta parece-me ridícula, sem sentido mesmo. No meu entender, o que tem se verificado nos últimos anos na UFRN tem sido a abertura de um espaço de luta (se bem que reduzidíssimo), de conflito, de questionamento, realidade certamente facilitada pelas diferentes correntes de pensamento que voltaram a ter voz, a surgir em decorrência do atual momento histórico”.

No entanto, a Chefe do Departamento de Comunicação reconhece não dispor de elementos para analisar a atuação dos visitantes nesse processo, mas crê que eles, como também os professores da terra que estão voltando à Universidade depois de realizarem pós-graduação em centros maiores, e não apenas estes, mas todos aqueles — professores e estudantes — que têm evidenciado as contradições do sistema educacional, tiveram ou estão tendo participação efetiva.

Para Cocentino, isto, entretanto, “não implica na prática do colonialismo cultural”, “pois pretender taxar os professores visitantes da UFRN de colonialistas é assumir um discurso xenófobo, é exercer a atividade de patrulheiro ideológico. No meu entender o colonialismo não foi implantado na UFRN, nem em nenhuma Universidade brasileira pelos professores visitantes, porém pelo Governo revolucionário, em 1965. Sabe-se que naquele ano o Presidente Castelo Branco importou cinco técnicos norte-americanos, que juntamente com dois brasileiros ficaram responsáveis pela elaboração de recomendações básicas da política educacional do Governo em todos os graus de ensino. Essa comissão nunca divulgou os resultados dos seus estudos”.

COMIDA TÍPICA ESPANHOLA

Em Natal, somente no Restaurante Nemésio você encontra os pratos típicos da cozinha espanhola. No Centro da Cidade, Nemésio oferece também:

- Cozinha Internacional
- Ar condicionado
- Música ambiente
- Bebidas finas

26 anos a serviço da boa culinária.

TODOS OS DIAS BACALHOADA.

NEMESIO RESTAURANTE!

Av. Rio Branco, 728 tel.: 222-4658



Na campanha eleitoral, o carro de som é uma boa arma

CAMPANHA

Inflação do som na busca aos votos de novembro

Os próximos seis meses, voltados para a campanha política, estarão martelando na cabeça de todos uma curta e decisiva pergunta: "Quem será eleito?" É que, a partir de agora, acelera-se a corrida a cargos majoritários ou proporcionais, nas diversas esferas legislativas, ou na área das Prefeituras do interior, uma maratona que envolverá desde a tradicional figura do cabo eleitoral, até os mais requintados recursos da propaganda. A finalidade é única, o objetivo um só: eleger 150 prefeitos, 24 deputados estaduais, oito deputados federais, centenas de vereadores e, o mais importante, o Governador do Estado.

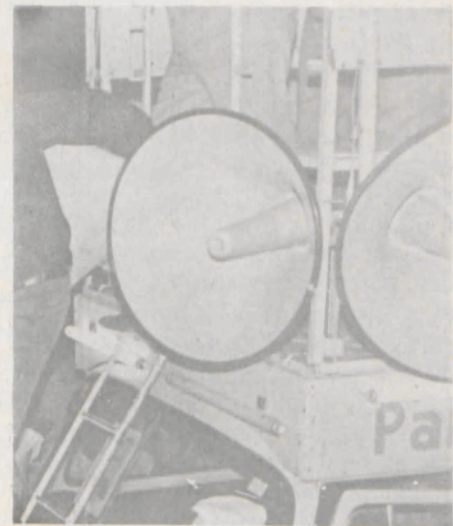
Uma eleição, entretanto, não se faz só com o objetivo desbotado do cabo eleitoral, ou com a eficácia da propaganda. Tem de haver algo por trás de tudo isso: dinheiro. Sem um respaldo financeiro mínimo, qualquer candidato jamais deixará tal condição, limitando-se a subir nesse ou naquele palanque, fazendo discursos sem maior repercussão. Sem dinheiro, não há cabo eleitoral, muito menos publicidade em rádio, jornal e TV. Uma aná-

EMMANUEL BARRETO

lise inicial, a respeito dos custos para a campanha de um candidato a deputado estadual, concluirá folgadoamente pelo gasto de gordos, inflacionados Cr\$ 15 milhões, com despesas tão díspares como a gasolina para o transporte até os mais distantes locais de comícios e aquela ajuda de última hora, ao eleitor que está desempregado.

COM BOBINA — Hélio Segundo, que dirige uma grande empresa que atua no setor de instalações eletrônicas, fez o seguinte cálculo, quando indagado a respeito de quanto alguém gastaria para sonorizar um carro de propaganda: "Olhe, uma Kombi toda preparada, inclusive para funcionar como palanque móvel, ficará na faixa dos Cr\$ 2 milhões, isso com bobinas de origem nacional, não se incluindo aí, é claro, o preço da Kombi, que eu entrego toda pronta em mais ou menos 30 dias".

Se o preço parece exagerado, ele despejou uma nova carga monetária,



anunciando que, caso algum candidato queira instaladas em seu carro de som bobinas de fabricação estrangeira, o preço saltará Cr\$ 2 milhões e 800 mil. Esclareceu, entretanto, que esse material é difícil, em virtude da proibição de importar-se componentes eletrônicos. Mas as despesas não ficam aí: o custo poderá alçar-se em mais Cr\$ 200 mil, se no carro for instalada iluminação fluorescente, luzes intermitentes e até uma insistente sirene, para melhor chamar a atenção do povo na rua.

Tantas e tamanhas despesas certamente são demais para neófitos na política, como Casciano Vidal, um jovem filiado ao PDS, que pretende um lugar na Câmara Municipal de Natal. Funcionário da Assembléia Legislativa, ele não escondeu: "A nível de custos, eu não estou preparado

para uma campanha, que exige dinheiro”, sentenciando em seguida: “E dinheiro eu não tenho”.

Mesmo assim, não perde o otimismo quando diz acreditar que na luta por uma vaga no Legislativo municipal, há a possibilidade de prescindir-se de um maior esforço financeiro, “pois o voto do vereador é o voto pessoal. O voto do contato direto, o voto da amizade”. Certamente. E para comprovar seu ponto de vista, mobiliza amigos que irão aos bairros populares tentar compensar a falta de uma estrutura maior para sua eleição, procurando fixar o nome de Casciano.



Vivaldo: campanha barata

Também candidato, mas à reeleição, o deputado Padre Cortez chegou a passar mais de meia hora, no plenário semi-deserto da Casa, conversando com um técnico, para tentar obter a fórmula de montar um carro de som sem gastar as somas tão astronômicas que são cobradas pelo setor. Ainda conseguiu um orçamento que o deixou boquiaberto: Cr\$ 1 milhão, e isso para um equipamento sem qualquer qualidade excepcional ou um maior raio de abrangência, foi advertido. Depois, disse: “É. Para um deputado liso, é a coisa mais difícil do mundo fazer uma campanha”. Por sorte, garante, há uma compensação: “Se não fosse o meu contato com as bases, seria muito difícil a minha reeleição. Ainda bem que eu sou candidato do povo”.

50 A 100 MIL — Mas as despesas com um sistema volante de propaganda não ficam aí. O técnico em eletrônica Tarcísio Bezerra, advertiu que, dependendo da sofisticação do esquema a ser acoplado ao veículo, exige pagamento que pode variar de Cr\$ 50 a Cr\$ 100 mil, isso fora a manutenção, “que fica a critério do pro-

prietário”. Segundo revelou, em Natal circulam cerca de 20 desses veículos, entre particulares e de aluguel. E muita gente, disse, vem de Estados

como Paraíba, Ceará, Pernambuco, Sergipe e até da longínqua Minas Gerais, para adquirir um carro de propaganda.

Só ele, acrescentou, tem dez sistemas a instalar, para a próxima campanha, e comentou: “Em matéria de som, Natal é a capital mais bem servida do Nordeste”. Chamado a falar sobre sua campanha, o deputado Vivaldo Costa (PDS), garante que consegue desviar-se de maiores gastos durante o período eleitoral. Segundo diz, não há truques nem apadrinhamento de outro político: “Para começo de conversa, dinheiro eu não tenho. Mas a minha campanha é uma das mais baratas, pois eu quase só gasto com gasolina”, viajando ao Seridó, “onde atendo ao meu eleitorado. Eu já vivo em campanha: é recebendo um e outro”, Vivaldo é médico, “é ajudando a transportar um doente, essas coisas”.

VIRA SORVETE — Mas se Vivaldo fez declarações tão comedidas, sua modéstia não foi acompanhada pelo deputado Theodorico Bezerra, que bradou números estonteantes para qualquer político, até mesmo para ele, que está no ramo há 32 anos, segundo gosta de jactar-se. Abrindo suas palavras, intimidou: “Olhe, são Cr\$ 15 milhões para eleger-se um deputado estadual. Veja bem: o banco cobra da gente juros de oito por cento. Tem quem possa com uma coisa



**Companhia
de Ferragens
Distribuidora**

*Ferramentas - Máquinas
Material Elétrico - Material de Construção
Ferragens - Abrasivos
Instrumentos de Medição Motores Elétricos
Eletrodos - Máquinas de Solda
Tubos e Conexões
Ferramentas Elétricas etc.*

Matriz: Recife-PE Filial: Natal-RN. R. Dr. Barata, 190 Tels.: 222.3571/8210/8033 — Natal-RN































































SE O SEU EMPREGADO FALTAR AO EXPEDIENTE OU CHEGAR ATRASADO,

Sem dúvida, haverá queda de produção e a conseqüente baixa nos lucros. Isso não é bom para uma empresa. Faça como 58 importantes firmas do Estado, entre elas várias indústrias. Tire seus funcionários das filas dos médicos e tenha a certeza de uma maior assiduidade deles ao trabalho, o que lhe proporcionará maiores lucros. O empregado quando falta ao expediente ou chega atrasado, normalmente desculpa-se: "Fui tirar uma ficha. O médico demorou a atender". A partir da hora em que você cadastrá-los na UNIMED, nada mais disso irá acontecer. Eles passarão a ser atendidos rapidamente no consultório do médico particular e nos

laboratórios, mediante a simples apresentação de sua carteirinha. Ninguém entra em fila, e até mesmo por telefone se marca a consulta. Um funcionário que é cadastrado pela empresa na UNIMED, dificilmente perderá um dia de expediente ou chegará atrasado, pois não há limite de consulta ou de exames laboratoriais, o que é regra geral hoje do INAMPS. Está aí uma excelente oportunidade de você tirar seus funcionários das filas, cadastrando-os em um sistema nacional de saúde com 12 anos de existência. A UNIMED, prestando assistência médica às empresas e às famílias, só no Rio Grande do Norte congrega mais de 15 mil usuários.

O QUE ACONTECERÁ?



**UNIMED NATAL SOCIEDADE COOPERATIVA DE
TRABALHOS MÉDICOS LTDA.**

Rua Seridó, 426 - Petropolis Tel. 222-9286 Natal-RN

Tel: 2229286



Theodorico: experiência em campanha

dessas?" O Major continuou, para vaticinar que ninguém escapará de gastar nada menos de Cr\$ 45 milhões, caso queira passar quatro anos com um mandato de deputado federal. Mas, para Governador, fez uma surpresa aos que o cercavam no plenário, antes do início de uma sessão.

Empostando a voz como quem vai revelar um segredo de grande importância, disse: "Para Governador, não se gasta nada. Os outros é que gastam por ele".

Afinal, pela contabilidade de Theodorico, a voragem inflacionária leva-

rá os candidatos a Senador ao sacrifício de Cr\$ 150 milhões. Ele, entretanto, é precavido. E utilizando toda a experiência que tem ao seu dispor, disse que somente nos últimos 90 dias da campanha entrará firme no páreo, não para reeleger-se, já que pretende ser substituído pelo filho Kléber Bezerra, empresário, mas para reforçar a candidatura de um neto que leva seu nome e que, a despeito de ter pouco mais de 19 anos, quer ser Prefeito no interior. E justifica: "Se eu entro antes, o povo cai em cima de mim, a me pedir dinheiro, e a gente vira sorvete".

VINTE AMIGOS — Se o Major alarma tão altas cotações para o custo da campanha, o candidato a vereador Wober Lopes Jr. (PMDB), parece não estar preocupado com as dimensões das verbas a serem dispendidas, "pelo fato simples de que não tenho

A GRANDE LUTA DA SUCESSÃO

Incrível? Fantástico? Extraordinário? Não. Eleições. Apenas eleições para a escolha de governadores de Estado, a 15 de novembro. Coisa rara no País e objeto precioso para a democracia, a indicação de representantes pelo voto assumir, certamente, um caráter decisivo na vida política nacional, especialmente pelo fato de que milhões de brasileiros abaixo de 31 anos ainda não tiveram o direito de votar para a chefia do Executivo. Convocação de tal monta, todavia, implicará na mobilização de recursos materiais, humanos e financeiros tamanhos, que somente o preço cobrado pelos 18 anos de silêncio justificaria o dispêndio.

No Rio Grande do Norte, os dois candidatos a Governador, Aluizio Alves (PMDB), que volta de um duro período de ostracismo e trouxe um discurso capaz de unir esquerda e direita numa frente oposicionista; e José Agripino (PDS), que sai da Prefeitura de Natal após uma movimentada administração e apresenta-se como um jovem disposto a trabalhar pelo Estado, já deram demonstrações inquestionáveis de que a campanha será palmilhada com esmero.

NÃO TÊM IDEIA — Nenhum dos dois candidatos, entretanto, revelou a estimativa de custos com a difusão de sua mensagem, muito embora ambos, a giro, já estejam em disputa há cerca de um ano, cada qual à sua maneira: enquanto Aluizio percorre o interior com formidáveis maratonas, vai às comunidades rurais e percorre ruas e conjuntos residenciais na capital e interior, Agripino, utilizando a TV, rádio e jornais, manda uma mensagem otimista e divulga a imagem do administrador jovem. Desincompatibilizado do cargo desde o dia 14 último, ele agora também anuncia incursões a todo o Estado, sendo Mossoró a primeira cidade a visitar, por longos dez dias.

Primeiro a ser entrevistado sobre os gastos com a campanha para Governador, o representante oposicionista preferiu nada adiantar quanto aos certamente monumentais gastos que suportará, garantindo: "Não tenho idéia. Esse problema está entregue à coordenação geral da campanha e à tesouraria do Partido". Também parcimonioso no gasto desse tipo

de informação, o ex-Prefeito repetiu Aluizio, ao dizer: "Não tenho idéia", acrescentando que o assunto será tema de estudos a nível de Partido.

SUPERESTIMAÇÃO — Para Aluizio, mesmo não falando em custos, a publicidade tem importância numa campanha eleitoral, com uma ressalva: "Ela é apenas um mecanismo através do qual os candidatos e os Partidos levam a sua mensagem e seu programa ao povo". Afinal, entende: "O valor maior está mesmo é na mensagem". Agripino, que foi entrevistado logo após anunciar o último reajuste salarial do funcionalismo do município, dia 5 último, garante que não terá preocupação maior com esse ou aquele sistema de comunicação, afirmando: "Eu não terei veículo preferencial. O meu veículo preferencial será minha própria presença na praça pública".

O candidato da Oposição tem opinião formada a respeito do uso da publicidade. Segundo comenta: "Atribuir superestimação à publicidade é tão errado quanto subestimá-la". Já Agripino, que revelou

dinheiro". Wober, segundo garante, conseguiu literalmente um milagre, ao montar um sistema de som com Cr\$ 400 mil, para percorrer os bairros. Imaginoso, organizou uma equipe de 20 amigos, que vão trabalhar a seu favor. Mas se não conta com estruturas, já garantiu apoio à candidatura de Iris Rodrigues de Freitas, candidata do Partido em Taipu, à Prefeitura da cidade, e vai colaborar com a candidata, esposa de um amigo, Romeu Oliveira.

Sobre o mesmo assunto, o deputado Paulo de Tarso, líder do PMDB na

Assembléia foi sucinto: "Pretendo fazer a campanha na medida das minhas possibilidades, esperando que minha mensagem sensibilize o eleitorado". Já o deputado Alcimar Torquato (PDS), admitiu: "Minha campanha será cara. Muito cara". É que Alcimar detém seu principal reduto político "lá na tromba do elefante", como ele costuma chamar o Alto Oeste do Estado. E só de gasolina, ele já sabe que gastará alguns milhares de cruzeiros.

Uma coisa garantiu: não utiliza o sistema de cabos eleitorais para a ga-

rantia de votos mediante retribuição financeira ao eleitor: "Essa despesa eu não faço". Por sua vez, o elegante orador Márcio Marinho, líder do PDS, falou pouco, quando foi chamado a contar como está vendo o custo de vida interferindo na atividade política: "Nunca fiz campanha baseado em dinheiro. Sempre me elegei sem ele e espero que isso aconteça na próxima eleição". Mais disposto a entrar em detalhes, o opositor Antônio Câmara calculou em Cr\$ 5 milhões sua campanha, remetendo 60 por cento desses custos a gasolina e equipamento de sonorização.

E assim será: milhões de litros de gasolina consumidos, centenas de pneus gastos, dias e noites de maratonas, milhares de discursos proferidos, entrevistas à imprensa e publicidade o dia todo. Afinal, vai valer o esforço: o povo vai votar para Governador. □



estar disposto a incentivar e apoiar a candidatura Dix-Huit Rosado à Prefeitura de Mossoró, numa tentativa de reunir o Partido contra a Oposição, também acredita que a presença do candidato é de importância essencial.

FORTE ESTRUTURA — Muito tem falado o PMDB, na Assembléia e na Câmara Municipal de Natal, dos gastos oficiais com publicidade, o que tem valido uma saraivada de críticas ao Governo do Estado e ao próprio Agripino Maia. Segundo os representantes da Oposição, há uma "máquina" montada para dismantlar a resistência dos que divergem do lado oficial. Aluizio, a esse respeito, foi claro: "O problema não é enfren-

tar a máquina, pois ela não tem como consertar os erros da política econômico-social do Governo, as obras suntuárias, ou fazer democratas os que agora se apresentam travestidos, querendo o voto do povo, a quem abandonaram e maltrataram. O problema, sim, é desviar o uso do dinheiro do povo, com publicidade que vem sendo feita escandalosamente em rádio, TV e jornais, improbidade que o povo julgará nas urnas".

Agripino, entretanto, diz acreditar que, na verdade, o que existe é uma forte estrutura do PDS. Indagado a respeito do voto vinculado, se as suas consequências seriam a municipalização ou a estadualização da campanha, com o

candidato a Governador puxando os demais, garantiu que o Partido dispõe de uma sólida organização em todo o Estado, para então afirmar que sua maior luta será consolidar a vitória dos correligionários do interior, ajudando no que puder.

POTIGUAR — O ex-Prefeito dedicou algum tempo a falar sobre sua atuação na campanha, dizendo que será de grande importância deslocar-se ao interior, já que, pelo fato de centralizar em Natal sua presença, agora chegou o momento de comparecer aos mais distantes pontos do Estado, para ouvir os grandes, lancinantes problemas do povo, talvez na companhia do ex-deputado Ulisses Potiguar, que recentemente perdeu o mandato de deputado federal e chegou a considerar-se um morto político. Redivivo, Potiguar iria na condição de candidato a vice-Governador. Por sua vez, Aluizio, comentando as investidas do lado governista, advertiu que o povo nordestino é "amadurecido" para entender que "a única maneira de derrotar o Governo será votando na Oposição", classificando o pleito de novembro como um plebiscito.

PT também está na luta pelo Governo do Estado

“A noite/e uma chuva se intimidam/intimidando/homens ocultos/nos olhos necessariamente abertos./Há um alerta em todos os sentidos./Em todos os latidos/há zelosos cães./ — E uma pedra não há para enfrentá-los?” (Rubens Lemos, em Ciclos da Pedra e do Cão, pág. 49, março de 1978).

Durante o período mais acre da repressão política, ele teve de esconder-se, e até fugir para a Argentina em meio a uma torcida de futebol que ia assistir a um renhido prélio internacional para, afinal, ficar durante algum tempo mais ou menos tranquilo. No Chile. Até que veio Pinochet. De volta ao Brasil, superado o período mais nebuloso do regime, Rubens Lemos regressa ao jornal e ao rádio e reúne-se ao Grupo Caimba, uma reunião de pessoas interessadas num ativo trabalho literário, até que, surgido o Partido dos Trabalhadores — PT, assume uma posição de vanguarda na sigla, pela qual disputará o Governo do Estado, em novembro próximo.

Há quatro anos, certamente, ele sequer suporia que viesse a enfrentar uma tão grande disputa, quando, cercado de amigos, lançava o seu Ciclo da Pedra e do Cão, numa animada, grande confraternização, ocorrida na Livraria Clima, Ribeira, onde foram servidas profundas doses de batida, servidos peixe frito e tapioca. Agora, envolvido no embate, diz, quando in-



Rubens: eleições por outro ângulo

dagado a respeito do motivo por que seu Partido resolveu lançar candidatos em todos os níveis, especialmente ao Governo do Estado:

“A primeira questão, é que o PT vê as eleições de forma diferente dos Partidos tradicionais. O PT se lança na campanha eleitoral dentro de uma visão de construção do Partido. É o Partido que está se construindo, não é um Partido acabado, e também porque o espaço da campanha eleitoral se destinará, na visão do PT, a fazer realmente avançar esse sentido da construção partidária, e, sobretudo, de poder ajudar, contribuir, na organização dos trabalhadores, que vêm e que devem ter no PT o seu canal de expressão política e de organização política”. Arrematando, garante que o Partido não vê “a campanha eleitoral como uma campanha eleitoral”, e fundamenta a participação da sigla a partir do tema “Trabalho, Terra e

Liberdade”, como proposta a ser levada e discutida a nível de comunidade, seja na capital, ou no interior.

FIGURA EXECRÁVEL — Fixando os princípios básicos do Partido, que considera como “uma necessidade histórica”, Rubens ressalta que a sigla não tem propósitos imediatistas e detalha que o PT “não será um Partido eleitoreiro, não será um Partido de eleições, mas será um Partido de organização dos trabalhadores no País”. A proposta, aparentemente de um teorismo exacerbado, pouco realista e de aplicação possivelmente muito lenta ante o grande dinamismo dos fatos políticos, não significa, garante Rubens Lemos, que o Partido não vá à rua buscar votos, como o PMDB, PTB e PDT. A respeito, comentou:

“Mas é evidente. E eu lhe diria: o PT vai pedir votos, mas de uma maneira também diferente. O PT vai procurar desenvolver uma campanha, visando eliminar essa figura execrável do cabo eleitoral. Vai tentar mostrar ao trabalhador a opção, a alternativa, que se está oferecendo a ele, trabalhador, ou às classes trabalhadoras, uma alternativa de luta através de um Partido político. Um Partido que não é para os trabalhadores, mas dos trabalhadores”, enfatizou. Segundo explicou, a conscientização do eleitorado será a tônica dominante em toda a campanha, advertindo ao trabalhador quanto à importância do voto como instrumento de organização política.

Uma questão quase que rotineiramente proposta às lideranças do PT, a possibilidade do Partido funcionar como fracionador das oposições, enfraquecendo o virtual maior adversário do Governo, o PMDB, recebeu de Rubens a afirmativa de que a divisão não existe em função do Partido dos Trabalhadores. Elaborando um longo raciocínio, explicou: “Primeiro, a gente tem que compreender a relação capital-trabalho, as relações econômicas no Brasil, e a própria composição dos chamados Partidos de Oposição, dentro de uma concepção liberal-burguesa. Então, esta divisão social já existe antes do PT. O PT não veio para dividir oposição. O PT veio para ser a oposição popular: não num confronto eleitoreiro com a oposição liberal-burguesa. Mas ele veio para ser, realmente, aquilo que eu chamaria de correia-de-transmissão e de organização de uma verdadeira oposi-

ção popular neste país. Então, não há nenhum sentido divisionista. O PT não está interessado em qualquer benesse do sistema. O PT não esteve nas ante-salas do Planalto pedindo casuísmos que viessem a beneficiar o que se chama de **Partidos pequenos**. Quem esteve lá foi o sr. Jânio Quadros, quem esteve lá foi dona Ivette Vargas, quem esteve lá foi Sandra Cavalcanti, quem esteve lá foi, inclusive, o sr. Brizola, mas nós não vimos o Lula ir a Abi-Ackel pedir, nem Airtton Soares, um dos nossos representantes na Câmara Federal, nem o Antônio Carlos de Oliveira, também da Câmara Federal, ninguém viu, ninguém, nenhum dos companheiros do Partido dos Trabalhadores exigindo do Governo um casuísmo, pedindo ao Governo qualquer facilidade”.

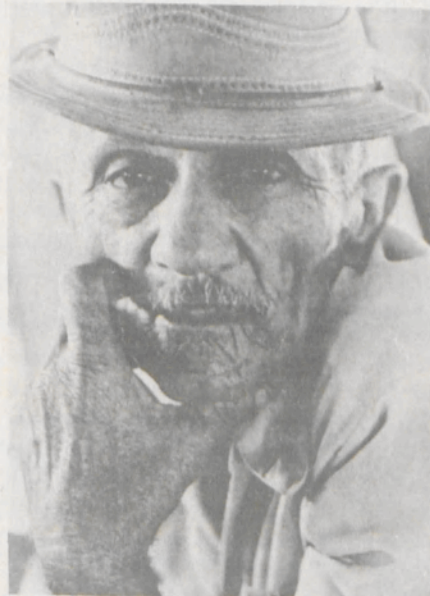
A CAMPANHA — Imprensado entre a poderosa, larga máquina oficial, e o resistente, agressivo pelo compressor do PMDB, o PT vê-se ante a contingência de também mover todas as suas forças, para também conquistar votos. Frente a tão grande confronto, o Partido, segundo deixou claro Rubens, assumirá o desafio levando às bases a mensagem de união das classes trabalhadoras. Admitindo que o Partido não dispõe de qualquer estrutura financeira para suportar a monumental campanha política que se inicia, além de não contar com rádio, jornal ou TV, o caminho natural do Partido, afiançou, será um trabalho de base.

A estratégia, simples, direta, coloquial, será chantada sobre os ombros dos militantes que chamou de “agentes da campanha”, que neutralizarão, espera, a ação dos cabos eleitorais. O PT fará com que seus representantes tentem suprir a carência de um sistema de comunicação, “com uma campanha de porta em porta, em cima do movimento social vivo”. Assim, detalhou Rubens Lemos, o Partido tomará exemplos fortes para figurar em sua mensagem, como os conflitos e as contradições na área rural, um setor onde o Partido detém 85 por cento de sua composição partidária. Enfatizou:

“O PT vai transformar. Mostrar que o trabalho pelas bases pode ser muito mais importante, muitas vezes, do que o velho discurso, o discurso alienador e alienatório e alienante, dos Partidos tradicionais, ou dos políticos tradicionais, das vestais, dos medalhões e etc. O PT vai transfor-

mar o trabalhador no candidato em potencial dele, porque o PT não terá **candidato**, o PT não vai trabalhar em função de um candidato, mas sim, terá o candidato, ou os candidatos do PT, e não o candidato fulano de tal, sob a legenda do PT”.

A campanha, esclareceu, será trabalhada a partir do Programa partidário, com postulantes a cargos eletivos indicados estritamente pelas bases. Insistindo, disse que é preciso “fazer um trabalho de base”, que está em andamento, para alegria de Rubens: “Acreditamos nesse trabalho de base”, que comparou a uma semente que está em germinação, é que, deseja, deverá florir “um novo estilo de política nesse País”, onde o trabalhador seja o porta-voz de suas reivindicações.



Em junho, dia 6, o Partido fará sua convenção, a fim de determinar os candidatos que oficialmente representarão a sigla. No encontro, em Natal, serão apreciados em caráter final alguns nomes já homologados na pré-convenção, ocorrida em janeiro passado. Para o Senado, representando o Oeste, virá Luiz Alves, apresentado por Rubens como “jornalista e bancário”, além de José dos Santos, que detém liderança junto às comunidades rurais, e Cesário, trabalhador na agricultura, em Macaíba. Para vice-governador, o mesmo José dos Santos volta a despontar, novamente alinhado junto a Cesário, ficando ambos como alternativa, para um ou outro cargo.

SEM EXPLORADORES — Chamado a posicionar-se quanto à presun-

vel importância de uma vitória oposicionista, mesmo que esse agente fosse o PMDB, preferiu classificar tal possibilidade, que funcionaria provavelmente como uma sensível alteração no quadro político nacional, como algo “relativo”, advertindo que o triunfo do chaguismo no Rio, por exemplo, teria repercussões insignificantes no processo de superação do estado de coisas imposto ao País após 1964. Mesmo assim, manifestou importância à chamada “tendência popular” do PMDB, cujos propósitos viu como sendo de grande importância para a redemocratização do País.

Segundo raciocina, o importante é “mudar a face do sistema, lutando, historicamente, a partir de agora, pela organização, pela organização dos trabalhadores, por uma sociedade sem exploradores e sem explorados. Pode parecer um jargão, mas é este o programa do PT, em seu sentido geral. Então, ele visa muito mais longe”, do que o que se propõem os outros Partidos, afirmou.

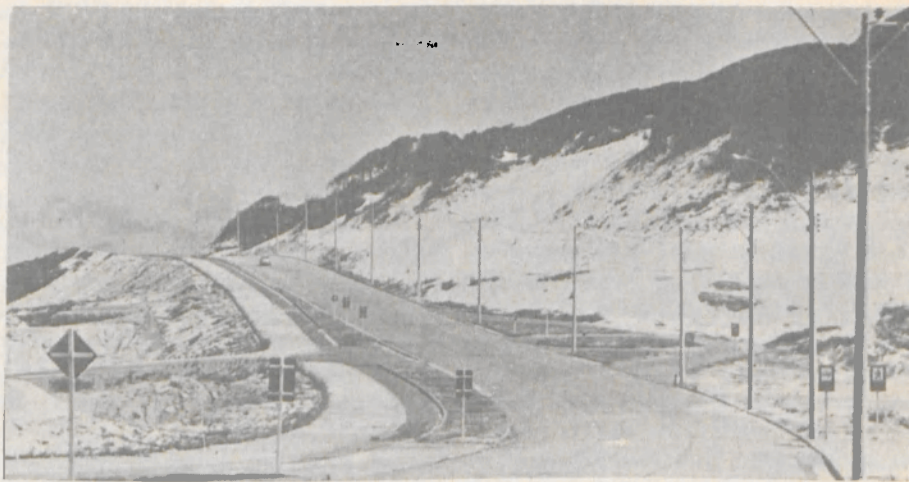
A respeito dos grandes, seculares problemas econômico-sociais que afligem o Estado, tem uma visão, a partir de reuniões com militantes de diversas áreas, o que configuraria um programa de Governo, com prioridade para saúde, habitação e economia de um modo geral. O Partido programa o lançamento de uma plataforma a respeito das dificuldades do Rio Grande do Norte, abarcando questões como a produção da scheelita e sal, setores da mineração cuja mão-de-obra enfrenta perene achatamento, salarial e social, além de coisas como o plantio de 100 mil hectares, no Estado, somente com capim e cana-de-açúcar: “O povo come capim?”, indagou, expressando estupefação: “O povo come cana-de-açúcar?”, enfatizou. Partindo do argumento de que “o trabalhador rural precisa mais de feijão do que de capim”, advertiu da importância de modificação desse quadro.

Cooperativismo dos pequenos produtores, para fortalecimento de classe, como forma de anteposição ao gigantismo das grandes indústrias que exploram, por exemplo, a cultura do caju, são também outra preocupação, já que o dono da terra, economicamente frágil, passa a ser um assalariado do grande industrial, a quem limita-se a vender o que colhe. Êxodo rural, desertificação humana do campo, é outra questão, já que o último Censo, de 1970, traz um dado da

grande significância, afirma Rubens Lemos, para dizer: "A população rural do Rio Grande do Norte baixou para 66 ou 63 por cento. Esse êxodo rural é decorrência de quê? Apenas por que deixou de chover? Apenas por que a seca é de tal forma violenta que faz o trabalhador fugir?"

Após tais indagações, enunciou os latifúndios e culturas minifundistas como os calos sociais que apertam o pé do homem do campo levando expressivas parcelas da mão-de-obra rural à procura das cidades, aonde passam a amontoar-se nas favelas. O Programa de Emergência foi considerado por ele como apenas "um tipo de cabo eleitoral sofisticado do PDS", que concede cadastramento a afilhados políticos e até às mocinhas que são a **mlss** da cidade, como ocorreu em Jucurutu, disse, onde havia 1 mil e 401 inscritos, que jamais pegaram numa enxada, ficando a beldade local entre tais beneficiários.

Estendendo as críticas ao plano administrativo, lembrou os mais de Cr\$ 200 milhões gastos com a residência oficial em construção na Via Costeira, para arrematar com os gastos com a publicidade oficial, que estimou em Cr\$ 300 mil diários, total



Costeira: um desperdício, segundo o PT

que, ao final de 30 dias, saltará aos Cr\$ 9 milhões, alcançando facilmente os Cr\$ 90 milhões ao longo de dez meses, dinheiro que gostaria de ver melhor empregado, quem sabe, num programa de casas populares.

Rubens lembrou que está engajado no PT por um compromisso político que não é de hoje, já que, considera-se, um homem comprometido com as lutas do povo. Mesmo reconhecendo que é um trabalhador especializado, "na medida em que sou jornalista", diz ter visto, desde os

17 anos de idade, a importância de alteração das estruturas sociais do País: "Por isso, já andei pelos exílios da vida, por isso já andei pelas prisões políticas da vida e não me arrependo: voltaria, tranquilamente, a passar por todo esse tipo de processo, para ser coerente com os princípios que adotei". Segundo afirma, o PT surgiu no momento exato, coincidindo com o começo do fim do autoritarismo, e a sigla o "encantou desde o início" — talvez, quem sabe, a pedra clamada pelo poeta. □

A EIT SAUDA A FIERN NO DIA DA INDÚSTRIA

A EIT — Empresa Industrial Técnica participa dos eventos do Dia da Indústria, saudando a FIERN como entidade maior de nossa representação classista. A EIT mantém seu compromisso com o desenvolvimento: de construir mais estradas no Nordeste, no Brasil e nos Países Amigos.

E.I.T.
Empresa Industrial Técnica

Natal tem estrutura para aguentar o inverno

No fim do primeiro semestre Natal foi praticamente subjugada por um inverno que há muito tempo não via. Jerônimo Siqueira, um agrônomo recém formado, ao deparar-se com notícias num dos jornais de Natal de que a intensidade das chuvas podia ser fruto de "um trabalho artificial de nucleação" achou muita graça. Porque, na verdade, tratava-se de mais uma das frentes frias que têm cruzado o Brasil de sul a norte, com uma constância de certo modo alarmante nos últimos anos. Todavia, se esse tipo de chuva tem trazido esperanças e praticamente assegurou o inverno no Estado, tem tido efeitos muito diferentes na Capital. Afirma o agrônomo que Natal é uma das cidades atualmente mais despreparadas do Nordeste para suportar aguaceiros pesados. Ele mesmo diz:

— Uma tromba d'água em Natal poderá causar uma catástrofe muito maior do que no geral das cidades. A capacidade de resistência da cidade aos milímetros das chuvas é de um limite pouco visto, justamente por estar mais acostumada ao sol.

NEM SEMPRE — Mas nem sempre foi assim. As informações generalizadas dão conta de que Natal já teve uma capacidade muito superior à chuva, simplesmente por um fenô-

meno que os mais antigos habitantes da cidade lembram com um misto de espanto. Jerônimo diz que a "progressiva desertificação do Estado, especialmente o aniquilamento da mata atlântica, teve seus efeitos prejudiciais ao clima, não tenham dúvida".

O agrônomo explica, por esse prisma, parte do que está acontecendo na cidade. Para ele, há uns tempos, quando Natal se concentrava em torno de alguns bairros próximos ao cais e à orla marítima, mesmo quando chovia mais e às vezes até por mais de uma semana seguidamente, não havia tantos danos como agora.

O QUE ESTRAGAR — Segundo essa teoria, mesmo chovendo menos, Natal sente os estragos porque "há mais coisas para estragar". Já alguns técnicos em urbanismo não concordam com isso. Para eles o que ocorreu e tem ocorrido — e vai continuar ocorrendo — é uma sistemática desmoralização dos planos diretores da cidade. Há quem afirme de forma muito radical que nunca um plano Diretor foi respeitado. Pior até do que isso, os Planos Diretores não passam de planos que são discutidos e debatidos ao longo dos anos e, quando chegam ao ponto da execução, se torna, absolutamente desatualizados. Essa seria, inclusive,

a razão básica porque os bairros da zona sul da cidade e as favelas que têm sido construídas desregradamente estão tão vulneráveis.

Para o recolhimento de uma opinião entre engenheiros e técnicos em urbanismos a situação é um tanto delicada. Como nota um deles:

— É um problema que não tem sido debatido com muita assiduidade de maneira pública porque grande parte dos engenheiros e especialistas do setor ou trabalha para a Prefeitura ou para o Governo do Estado

Quando algum técnico mais conhecido é chamado para opinar sobre o problema da atual situação urbana de Natal, há sempre um riso desconfiado. Quando há a concordância de alguma explicação técnica, vem sempre acompanhada da ponderação para que "meu nome não seja publicado, pois não quero complicações por ora".

Só quem tem disposição para se pronunciar são os estudantes, ecologistas e recém formados. Estes pouco estão se importando e continuam com as suas campanhas em defesa da natureza. As dunas de Natal têm merecido campanhas mais sistemáticas do que mesmo a preservação do que resta da mata atlântica.

Enquanto as discussões se processam de modo muito silencioso, entre os especialistas, a população continua reclamando sem saber porque, a cada chuva a situação se deteriora mais.

— É o preço da expansão urbana — diz Jerônimo Siqueira — pois ninguém progride sem pagar um alto preço ao progresso. Nenhuma cidade escapou de pagar esse preço e Natal não poderia ser a primeira.



Ruas sem condições: causas?

Feira de carros usados se transformou em hábito

A idéia lançada pelos diretores da Savel (Salustino Veículos Ltda.) no início do mês passado em abrir espaços para uma Feira de Veículos Usados, sem distinção de marca, ano ou estado dos veículos, aos sábados, serviu para aumentar o fluxo das vendas na concessionária Fiat de Natal. Para o diretor financeiro, Ricardo Salustino, a Feira de Automóvel Usado vem solucionando o problema de algumas pessoas que necessitavam sempre de um anúncio para a venda de seu veículo usado. A idéia, pioneira no Estado, surgiu depois que Carlos Porto, diretor-administrativo, viu em São Paulo, no Anhembi, uma Feira idêntica, em maiores proporções, naturalmente.

— A Feira de Veículos Usados está indo muito bem. De um lado, as pessoas vêm vender seus veículos usados contando com toda uma estrutura de financiamento e emplacamento na própria concessionária. De outro, para nós também foi bom porque motivou um aumento no fluxo de pessoas que vêm aos sábados à nossa loja e, conseqüentemente, também contribuiu para que houvesse um aumento nas vendas de veículos zero quilômetro.

Tanto o carro zero quilômetro quanto o usado ganharam um novo comércio, que aos sábados andava sem muita motivação. Confirma-se também que o fato de não haver distinção de marca de veículos para as vendas dos usados, serviu, sobremaneira, para o aumento gradativo das revendas:

— Confirmando que tanto o veículo usado quanto o novo teve um aumento em seu volume de venda.

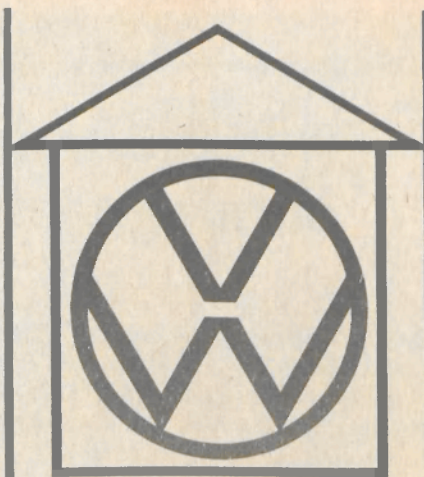
Ricardo: sucesso na feira

Mesmo que esteja para ser confirmada a vinda de uma agência da Financeira Fiat, Ricardo Salustino disse também que até agora a fábrica tem operado com outras financeiras, mas é certo que quando da chegada da Financeira Fiat, a concessionária vai continuar também operando com as que, no momento, estão prestando serviços na Feira de Veículos Usados:

— Mesmo que dentro de no prazo máximo de dois meses estejamos com a Financeira Fiat, vamos continuar operando com outras, já que preferimos deixar que o cliente escolha, porque isso também facilita as operações e apressam as negociações.

Mas disse em seguida que quando estiver instalada na concessionária a Financeira Fiat deverá agilizar mais o movimento de vendas porque entrarão com campanhas no sentido de que isso venha a acontecer.

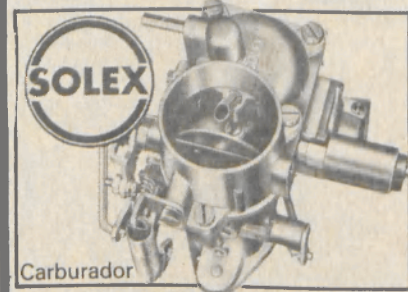
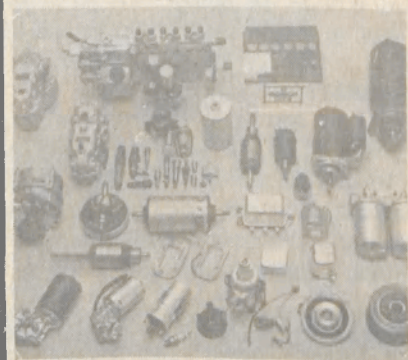
Ricardo Salustino confirmou também que não pode calcular um número exato do volume de vendas feitas aos sábados, mas que ele já chega a ser considerável, até porque houve um aumento na venda do veículo novo e o número de pessoas que passaram a visitar a revenda aos sábados aumentou consideravelmente.



CASA DO VOLKS



Aqui seu carro é tratado com muito mais carinho. Temos o maior prazer em atender pessoas como você além de contar com peças, acessórios e tintas.



Carburador

Gurgel & Oliveira
Comércio e
Representações Ltda.

Av. Prudente de Morais, 1804
Tel.: 223-2488

Seca colocou RN numa nova rota: a da industrialização

A seca colocou o Rio Grande do Norte no caminho da industrialização. Curioso capricho do tempo e do destino. Sem que quase ninguém notasse — com exceção dos técnicos do Governo —, a Administração Lavoisier Maia, que se iniciou tendo como proposta básica a prioridade para a Agricultura, teve de mudar de rumos do meio para o fim em consequência da teimosa sequência de estiagens. E, nessa inversão, pela primeira vez em sua história econômica, o Estado abandonou a sua vocação agrícola para perseguir, um tanto apressada e inopinadamente, a industrialização. É difícil saber se todas essas metas serão alcançadas — ou mesmo se algumas dessas metas sejam alcançadas. De todo modo, quando nada nos levantamentos técnicos que já existem com razoável fartura, a estratégia parece simples: aproveitar ao máximo as matérias-primas existentes no Estado — sobretudo os minérios — e, através de programas básicos — ou pólos — conseguir a implantação de novas indústrias, daqui ou de outros Estados.

ESVAZIAMENTO RURAL — A virada para a industrialização também proporciona a oportunidade de mostrar uma nova realidade do Estado. Os técnicos constataram, entre outras coisas, que há, no Rio Grande do Norte, uma vasta faixa de mão-de-obra disponível. Não porque essa mão-de-obra seja farta, em si. Mas por dois motivos muito simples: primeiro, porque — conforme levantamento da SIC — 17% da população economicamente ativa se encontra desempregada; segundo porque a taxa do crescimento urbano natural da população chegou a 5,3%, superando a do crescimento natural, que é de 2,4%.

Os técnicos têm procurado enfiar os números e os fatores positivos na tentativa de encontrar argumentos convincentes para motivar o investidor. Aliás, a SIC já tem, entre suas armas, um Guia do Investidor. Neste Guia, há, entre outras, as se-



guintes afirmações com respeito ao potencial industrial do Estado:

— Existe possibilidade de, a médio prazo, o Rio Grande do Norte elevar a participação do setor industrial na composição da sua renda interna. A implantação de uma unidade para a produção de barrilha possibilitará uma elevação significativa nos níveis da renda estadual e a implantação de outras indústrias que poderão dar início a formação de um pólo dinâmico, gerador de grandes benefícios econômicos e sociais para o Estado.

AS ALTERNATIVAS — No momento, quase todo o leque de alternativas industriais está sendo incluído no conjunto de argumentos. São arroladas as áreas químicas, da indústria extrativa mineral, a indústria alimentar, a indústria do vestuário e a têxtil.

Reconhecem os técnicos certas características da economia atual do Estado, como a do setor terciário, importante mas sem “estrutura própria”. Assim, diz o levantamento:

— O setor terciário ocupa um lugar de destaque no conjunto econômico do Rio Grande do Norte, visto que, juntamente com o setor primário, representa o maior peso na formação

da renda interna. Não obstante esta participação, o setor terciário não possui uma estrutura própria bem montada nos seus diversos subsetores, porque, sendo composto por atividades residuais, depende do crescimento dos demais setores produtivos para se estruturar adequadamente e funcionar de forma eficaz.

Quanto ao comércio, faz uma revelação que pode surpreender a quem não conheça com profundidade a economia do Estado. Pois diz:

— O comércio, embora desde 1963 não represente mais o principal componente do setor terciário, continua desempenhando uma importante função na economia estadual.

QUEM CRESCE MAIS — Na outra ponta, há as indicações de dois setores que têm apresentado bons desempenhos evolutivos. Um deles é o da indústria de vestuário, calçados e artefatos de tecidos. Diz o Guia:

— Na verdade, se em 1960 esse ramo industrial representava 4,8% do valor global da transformação industrial, em 1975 essa participação subiu para 16,8%, com perspectivas de aumentar para ainda mais.

E, do ramo têxtil, diz:

— O ramo têxtil continua a participar significativamente na composição do valor da transformação industrial do Estado. Em 1970, a sua contribuição correspondia a 11,9%, passando a representar 17% em 1975. Esse setor pode ser dinamizado em virtude da facilidade de obtenção de matéria-prima, o algodão, que é o principal produto do Estado.

COMÉRCIO

Enfim aparecem boas notícias

Foi a primeira notícia não desanimadora que o comércio de Natal teve nos últimos quatro anos: a baixa dos juros para o crédito ao consumidor. Mas, estranhamente, uma notícia que não chegou a animar, nem a causar entusiasmo. Tão logo surgiram as primeiras informações sobre o propósito do Governo Federal, através do Ministro Delfim Neto, de reativar o setor industrial de bens de consumo estimulando as vendas com a atenuação dos juros para o crédito ao consumidor, as lideranças do comércio lojista de Natal reagiram de modo muito frio. Quase indiferentemente. Na realidade, as primeiras notícias chegaram a Natal de forma fragmentária e no relativo alvoroço do movimento de compras para o Dia

das Mães.

E não é só. Também porque, se as notícias chegaram através dos jornais, não se materializaram, de pronto, na forma de providências. Isto é: até a primeira quinzena deste mês não tinha ocorrido qualquer alteração no comportamento das financeiras.

De qualquer forma, Ronaldo Resende, do grupo J. Resende Comércio Ltda, diz à RN/ECONÔMICO que "se o juro baixar mesmo vai ser muito bom, porque, com o último recuo dos rendimentos das Cadernetas de Poupança, o consumidor vai ficar mais motivado a comprar"

Há no meio lojista natalense esse estado de indiferença, embora a notícia, de todo modo, não deixe de gerar alguma expectativa. Só alguma expectativa, acrescente-se. Porque, conforme pesquisa realizada entre os lojistas e gerentes de algumas lojas, o problema do comércio natalense — o de vendas a crédito — não é exatamente o de juros ou de custos finais do produto. A questão é, mesmo, de crise econômica, de limitação do poder de compra do consumidor, de falta de dinheiro. □

IMÓVEIS

Oferta ganha da procura

A oferta de apartamentos, atualmente, no mercado imobiliário de Natal, está superior à procura. Só dois lançamentos — um já na fase de vendas, o Parque das Flores e o outro com o contrato de construção recentemente firmado entre a Master Incosa e a Caixa Econômica Federal, — Bairro Latino — representam uma oferta de 660 apartamentos numa faixa entre três e quatro mil UPCs. O Parque das Flores, na Estrada de Ponta Negra, representa 106 apartamentos e o Bairro Latino vai compreender 564 apartamentos, também na zona sul da cidade, em Lagoa Nova. Somando-se com as outras ofertas de prédios já concluídos e em acabamento, projetados e em fase de construção, em Natal, a oferta de apartamentos novos está em torno de mil unidades com o preço médio de três mil UPCs.

O mercado comporta esse tipo de oferta?

É uma pergunta que, colocada diante dos corretores de imóveis, suscita um certo encolhimento. O setor está otimista e ninguém quer arriscar um palpite negativo. Mas aqui e ali ouve-se temores com respeito à possível saturação. Tanto que, para certos lançamentos, são esquematizados materiais promocionais cuidadosos para a promoção de vendas. Alguns corretores acham também que os preços estão dirigidos a um segmento ligeiramente superior ao poder aquisitivo médio da classe média, com apartamentos oscilando entre cinco e seis milhões de cruzeiros, com a inclusão da poupança e entradas relativamente pesadas. Muitas imobiliárias procuram atenuar o impacto enfatizando em seu material publicitário que todas as despesas adicionais são por conta dela. A zona sul — Lagoa Nova e Ponta Negra — é a área da cidade que continua atraindo o maior número de lançamentos, estando previstos, também, alguns prédios na Praia do Meio e um prédio no Centro, pela Apern, cujas vendas foram realizadas rapidamente. □

BOMBAS SUBMERSAS PARA FAZENDAS, INDUSTRIAS E RESIDÊNCIAS e com CYRO CAVALCANTI



ÁGUA DE ONDE ESTIVER PARA ONDE VOCÊ QUISER

- VENDAS
- INSTALAÇÃO
- PERFURAÇÃO
- ASSISTÊNCIA

CYRO CAVALCANTI
Av. Duque de Caxias, 170 - Fone 222.7072, 222.2234
Ribeira Natal

JA entrega 108 obras em 12 horas a Natal

A maratona parou em Brasília Teimosa, onde foi inaugurada a pavimentação de 12 ruas e 05 travessas.

Participaram da maratona os candidatos ao Senado pelo PDS: Ney Lopes de Souza, Carlos Alberto de Souza e Rádir Pereira; o Governador Laivoisier Maia Sobrinho, Senador Dinarte Mariz, deputados federais Antônio Florêncio, Carlos Alberto, João Faustino e Wanderley Mariz, deputados estaduais Marcílio Furtado, Raimundo Hélio, Willy Saldanha, Nelson Queiroz, Dari Dantas, Jeová Alves e Oswaldo Garcia, além de vereadores, lideranças comunitárias e prefeitos do interior.

Em um dos seus discursos José Agripino disse: cumpro todos os compromissos assumidos, porque vim para a vida pública trabalhar. Estou entregando no último dia de minha administração 108 obras a Natal, e Natal nunca viu isto. Estou deixando para o meu sucessor pelo menos 60 obras em andamento e um programa acertado no valor de um bilhão de cruzeiros- dinheiro que vem para a Cidade do Natal.

Uma maratona de 12 horas consecutivas de inaugurações, abrangendo 108 obras novas executadas na administração do ex-prefeito José Agripino, foi sustentada de sexta para sábado em vários pontos da cidade do Natal.

Os atos inaugurados tiveram início às 16 horas de sexta-feira, no bairro da Conceição, e terminaram às 4 da manhã do sábado, em Brasília Teimosa, sempre prestigiados com a presença de moradores que permaneceram nas ruas aplaudindo as autoridades e agradecendo os benefícios recebidos.

O ex-prefeito, que vinha entregando uma obra por dia, no último dia de seu exercício entregou 108 obras, inclusive a transformação da favela do Japão em bairro Novo Horizonte, onde construiu 16 escadarias, executou o revestimento do riacho das Quintas e pavimentou 20 ruas, 03 travessas e 01 vila.

No bairro da Conceição e Laguna Seca José Agripino entregou a pavimentação de 21 ruas e 08 travessas depois de ouvir seus moradores e identificar seus anseios.

Em Felipe Camarão e Cidade Nova, foram entregues o abastecimento d'água às duas comunidades, uma escola estadual e o calçamento a paralelepípedos ligando uma comunidade à outra, numa extensão de seis quilômetros. Nenhum dos dois bairros dispunha de água encanada e suas ligações eram precárias, feitas em estrada de barro que se tornava intransitável no inverno e que agora permite livre acesso a Felipe Camarão e à Cidade Nova.



ex-“Favela do Japão” transformada no bairro Novo Horizonte



Cidade Nova o reconhecimento de um bairro remodelado.



Crédito Educativo é bom antes da hora de pagar

Situação delicadíssima de quem se "beneficiou" do Crédito Educativo. No Banco do Brasil estão os carnês que a Caixa Econômica envia com as prestações de quase dois mil cruzeiros de quem já se formou há mais de um ano e, agora, tem de pagar o empréstimo. O pagamento só vai terminar lá para 1986. E quem atrasa, paga imediatamente os juros. A Caixa Econômica — e muito menos o Banco do Brasil — não se importa com detalhes como se o devedor, mesmo formado, conseguiu emprego e, portanto, está em condições de pagar o empréstimo. Quem passar três meses sem ir apanhar o carnê já se candidata, de princípio, a ter o nome enviado para o Serviço de Proteção ao Crédito — SPC, para o temido fichamento. E, depois disso, medidas piores, como protesto, etc.

É realmente uma situação muito difícil. Da última fornada de diplomados da Universidade Federal do Rio Grande do Norte mais de 50% ainda não conseguiu emprego. As listas de candidatos a empregos no Sine-RN ostentam nomes de profissionais de nível universitário com dois e mais anos de experiência. Na própria Universidade há uma corrida no sentido inverso de formandos em busca de reingresso, na tentativa

de encontrar especialidades mais receptivas ao mercado de emprego do Rio Grande do Norte.

Então, como pagar as prestações do Crédito Educativo?

VOLTA AO PASSADO — Desiludidos porque, até agora, nenhuma campanha para obter o perdão das dívidas do Crédito Educativo teve resultados, muitos estudantes já formados que não conseguem emprego estão pagando as prestações a duras penas, com atrasos médios de dois meses, enquanto metade simplesmente não aparece para apanhar o carnê. A CEF, por sua vez, não se propõe a realizar campanhas de alertas para lembrar os devedores de que o prazo está acabando ou já acabou para muitos. Prefere esperar. Por sua vez, o MEC estima que foram gastos cerca de 30 bilhões com o Crédito Educativo.

A essa altura, as lideranças estudantis se mostram algo indecisas diante das campanhas que possam realizar. A maioria, teoricamente, acha que ele é prejudicial, a longo prazo, mas os estudantes continuam se inscrevendo em grande escala. No fundo, há sempre aquela esperança de que, depois, não seja preciso pagar. Até surgir o carnê. □

AQUI ESTÁ O MATERIAL QUE VOCÊ PRECISA

Louças e metais sanitários; Pisos revestimentos; Tintas, tubos e conexões, além de outros produtos para sua construção.

Procure a Saci, onde Natal compra.

SACI
MATERIAL DE CONSTRUÇÃO

Matriz: Rua Pio Bandeira, 828
Tels.: 222-3626 / 3627 / 3628
Filial: Av. Rio Branco, 304 / 310
Tels.: 222-2284 / 3367





uma parcela de contribuição para o povo do Rio Grande do Norte

Obrigado Banco Safra

Agradecemos a essa Empresa a oportunidade que nos deu de participarmos nas instalações de sua nova agência.



SUMMA

ar condicionado

Rua Fabrício Pedroza, 46 —

Fone: (084) 222-5887 — Natal-RN

Dois formam também coleções curiosas

Passatempo, terapia ou cultura, qualquer que seja a justificativa, crianças e adultos, em todos os tempos, amontoaram desde tampas de garrafa a pedras preciosas, de figurinhas de animais a selos estrangeiros — tudo isso formando coleções que podem valer somente pelo seu aspecto afetivo ou, então, alguns milhões de dólares. No Rio Grande do Norte, o hábito de colecionar não é muito difundido, e os poucos colecionadores ou não têm coleções muito expressivas ou preferem se ocultar no anonimato.

Dois destes colecionadores fogem à regra, em Natal: Marco Antônio Fernandes de Oliveira — dentista, professor da Escola Técnica Federal do Rio Grande do Norte — dono de uma coleção de plastimodelos que pode ser uma das maiores do País; e um empresário de automóveis que não quis se identificar, mas permitiu que RN/ECONÔMICO devesse a intimidade muito bem protegida da sua valiosa coleção de relógios antigos.

A coleção de Marco Antônio abrange cerca de 800 mini-aviões exatamente iguais aos modelos originais, sendo que cerca da metade já está montada. A do proprietário da locadora tem mais de cinquenta relógios de parede e 18 de algibeira, em que 14 são de ouro maciço. As duas coleções, guardadas com o maior carinho por seus donos, não têm similar no Estado.

SEM PREÇO — Muitas particularidades assemelham os dois colecionadores. Ambos, por exemplo, jamais venderiam as suas coleções; um pretendente já ofereceu por um dos relógios de algibeira do empresário, um cheque em branco e, mesmo assim, não conseguiu adquiri-lo. As diferenças, no entanto, são profundas.

Marco Antônio se declara “um aficcionado por aviação”. Daí o seu interesse por plastimodelismo. Num primeiro-andar que construiu em sua casa, além das prateleiras — ao todo, quatro — repletas de aviõezinhos, há



Os mini-aviões: coleção minuciosa

uma estante com livros sobre aviação. Marcão, como é mais conhecido o odontólogo, é capaz de contar a história de cada uma das miniaturas, a que país pertencem os originais, quantas variações daquele modelo existem e muitos outros detalhes, incluindo datas. Os plastimodelos são montados depois de uma cuidadosa pesquisa, para que sejam réplicas perfeitas.

Já o outro colecionador — o de relógios — sequer possui um catálogo de modelos. Sabe o nome de apenas alguns relógios, e o preço do mais caro: um **PATEK PHELLIPE**, cujo valor estimado é de Cr\$ 1 milhão. Quem conhece, de verdade, os seus relógios, é um amigo: o relojoeiro Lula, de quem adquire a maioria dos seus modelos. Que estão guardados, por falta de espaço, em uma saleta própria e na sala de visitas da casa.

FANTASIA — “Aqui tem o que você sonhar em matéria de aviões. De

todas as nacionalidades e de todos os tempos: desde o 14-Bis até um avião atômico que, na realidade, ainda está em projeto”, é o que afirma Marcão a respeito dos seus plastimodelos. No espaço que lhes destinou — chamado, pelo colecionador, **primeiro-andar da fantasia**, em alusão ao filme da TV — Marcão tem uma oficina em

que os modelos são montados. Latas e mais latas de tinta, pistolas para pintar, motores odontológicos para fabricação de peças se espalham por toda a parte, junto a centenas de caixas de plastimodelos para montar.

Nas folgas, ele passa todo o tempo no seu primeiro-andar. Camufla, envelhece utilizando técnicas especiais de pintura, cola peça por peça e realiza façanhas difíceis como pintar um minúsculo painel de avião com um pincel de somente um fio de cabelo. Isso leva muito tempo. O modelo mais fácil fica pronto em uma semana; alguns, porém, podem levar até mais de dois anos, como é o caso de um deles, de quase trinta centímetros de comprimento.

“Os modelos grandes têm uma riqueza de detalhes inacreditável” — afirmou — “desde pilotos, pessoal de manutenção até extintores de incêndio e bombas. Meu tesouro é um **Thunderbolt P-47**, que pertenceu (o original) ao comandante Nero Moura,

que teve participação ativa na II Grande Guerra Mundial". O tamanho dos aviões obedece a escalas de proporção exatas e somente os de combate interessam a Marcão.

Um detalhe curioso da sua coleção é que o primeiro modelo, adquirido em 1959 — um **Fokker S-11** — foi o primeiro avião que pilotou quando cursou a Escola de Pilotagem do Aéreo Clube. Marcão já foi convidado para fundar uma associação de plastimodelismo, mas ainda não se decidiu. A sua coleção já toma muito do seu tempo, mesmo que ele já não faça mais exposições, como fez em 1974, no Aéreo Clube, com 60 dos seus modelos.

UMA HERANÇA — Enquanto os plastimodelos de Marcão custam, no máximo, Cr\$ 6 mil, os relógios do empresário valem quase mil vezes mais. Essa foi uma das razões para que o colecionador fosse tão reticente em sua entrevista, embora se entusiasmasse cada vez que falava da sua coleção.

“De início, eu queria dar um relógio para cada filho. Depois, fui tomando gosto e agora não conheço



Carinho com a coleção

ninguém com uma coleção de relógios do tamanho da minha. Só o doutor Milton Ribeiro, que começou por meu intermédio, é quem tem dez relógios”. A coleção ainda será deixada como herança para os filhos. Só que não será um relógio, e, sim, uma porção.

O primeiro relógio, tipo capelinha de parede, foi adquirido por Cr\$... 200,00 há mais de dez anos pelo colecionador. Tem mais de cem anos, embora haja outros que têm mais de 150. Há relógios oitavados, de móvel,

tipo carrilhão, em forma de oito, capelinha e de algibeira. De madeira, de prata, de ouro e um com pêndulo de cristal. As nacionalidades são variadas: alemão, inglês e americano. Só não tem brasileiro.

Todos os relógios, logo que são comprados, são revisados e consertados, de modo que todos funcionem bem. Muitos são despertadores; há um, de móvel, que badala de quinze em quinze minutos. Outros têm calendário, porta-jóias e porta-retratos. Pessoas famosas, como o senador João Câmara, foram possuidoras de alguns dos modelos, mas o colecionador prefere não falar sobre isso: “As pessoas tiveram que se desfazer dos relógios por necessidade. Muitas até choraram e poderiam se magoar se eu falasse”.

Todos os colecionadores contam fatos interessantes sobre o seu passatempo. Este disse que um relógio do tipo **capelinha**, comprado há muitos anos, trabalhou na parede torta de uma casa de taipa durante quinze anos. E foram precisos muitos ajustes e um certo tempo para que o relógio trabalhasse, sem problemas, numa parede reta. □

NO DIA DA INDÚSTRIA A BORBOREMA TECE ELOGIOS

Aos companheiros dirigentes dos órgãos representativos da classe industrial no Rio Grande do Norte, nossa empresa sente-se feliz em saudá-los neste dia 25 de maio que é consagrado à indústria em todo o Brasil. À Federação das Indústrias — FIERN — a nossa mensagem de aplausos e de confiança nos destinos da entidade que conduz a chama da livre iniciativa em nosso Estado.

S.A. FIAÇÃO BORBOREMA

O adeus do bom inglês



Birch: deixando saudades

Charles Birch é um escocês tranquilo que, por dez anos foi o responsável pela condução dos negócios da Algodoeira São Miguel no Rio Grande do Norte. Com o seu português arrevesado, mas inteligível, sempre bem humorado, Birch conseguiu manter excelente relacionamento entre os empresários da terra. Assim, a notícia da sua aposentadoria pela empresa inglesa tomou de surpresa todos aqueles acostumados ao convívio do afável escocês. Para substituí-lo a Algodoeira já efetivou no cargo William Bisland, filho de pais ingleses mas nascido no Brasil e que fala um português claro, sem sotaque, muito diferente de Birch, a não ser pelo que parece ser também um gênio afável e a comunicabilidade. No dia 22 de maio, uma sexta-feira, houve uma reunião com muitos amigos de Charles Birch para marcar a sua despedida do Rio Grande do Norte e à frente dos negócios da Algodoeira no Estado.

MONUMENTAL

UNA EMOCION ARREBATADORA

"EL GOL"

NERVIOSO, ECONOMICO, JOVEN Y VALIENTE

DISTRIBUIDORA DE AUTOMÓVEIS SERIDÓ S/A.

Av. Nascimento de Castro 1597 - Fone 223-4566

ENTUSIASMO — O período em que geriu os negócios da Algodoeira no Rio Grande do Norte foi de muita atividade para Charles Birch. Como produtora de algodão para Linhas Corrente, sua subsidiária, a empresa tem desenvolvido uma política bastante ambiciosa no setor da produção. Birch gostava, particularmente, de refir-se com entusiasmo as experiências com uma variedade de algodão que vinha apresentando excelentes resultados.

Era uma variedade altamente resistente e de alta produtividade que, inicialmente, foi desenvolvida no Pará. Quando as experiências passaram a ser realizadas também no Rio Grande do Norte, Charles Birch encarou o programa com muitas esperanças e os resultados corresponderam plenamente. Mostrou que, mesmo servindo a uma empresa estrangeira, é possível interessar-se pelas coisas da terra a ponto de, com muito trabalho e empenho, contribuir também para o seu desenvolvimento.

O ÊXITO DE UM ESFORÇO PARA IMPLANTAR AS BASES DA INDUSTRIALIZAÇÃO NO RN

Viabilizada como organismo capaz de executar a política e as diretrizes do Governo Estadual na área do desenvolvimento industrial, a Companhia de Desenvolvimento Industrial — CDI/RN, que é vinculada à Secretaria da Indústria e Comércio, está implantando a infra-estrutura básica dos Direitos Industriais do Rio Grande do Norte como parte de uma estratégia geral do processo desenvolvimentista potiguar no Governo Lavoisier Maia. A CDI atua basicamente em consonância com o Plano de Ação do Governo e estabeleceu um conjunto de metas que vão permitir a instituição, no Estado, de um conjunto de condições capaz de proporcionar a implantação de empresas industriais em vários setores, de modo a aproveitar todos os potenciais de riqueza do Rio Grande do Norte, muitos dos quais ainda não devidamente explorados, mas com largas possibilidades. Essas metas estão incluídas em programas específicos e claramente delineados, suplementados por um trabalho de equacionamento, de informações e indicações capazes de apresentar aos investidores e empresários, do Estado e de outras regiões, um quadro claro da realidade.

OS PROGRAMAS — Dentro do conjunto de programas, a Companhia de Desenvolvimento Industrial estabeleceu, por exemplo, o Programa de Áreas Industriais e Desconcentração Espacial. É um programa, por sua

vez, subdividido em vários segmentos importantes. O principal deles é o do Distrito Industrial Sócio Integrado de Natal, projeto em implantação às margens da RN-160, em Natal e São Gonçalo do Amarante, numa área de 212 ha. Já estão concluídas fases importantes desse projeto, como a de aquisição da área e abertura do sistema viário e providenciada a infra-estrutura de esgotos sanitários. Nesse sentido já foi firmado convênio entre o Governo do Estado, CDI e a Caern para a realização das obras e serviços dos sistemas de esgotos. No convênio, o Governo se atribui a responsabilidade de entrar com Cr\$ 100 milhões dos recursos, devendo a CDI remunerar a Caern com uma taxa de 5% do valor total.

Pelo documento firmado, além da responsabilidade pela execução dos sistemas de água e coleta de esgotos sanitários e industriais do Distrito Industrial de Natal, vai também manter os sistemas em perfeito funcionamento, responsabilizando-se pela operação e manutenção e cobrar as tarifas correspondentes aos serviços prestados.

A racionalidade de todo o programa compreende também o cuidado da CDI em destacar técnicos da sua equipe para aquilatar o nível final dos trabalhos.

Essas providências já têm seus resultados práticos dentro do universo almejado. Assim, no Distrito Industrial já está em implantação a Prenal — Pre-moldados de Natal Ltda., empresa do

ramo de material de construção, numa área de 5,8 ha, representando um investimento de Cr\$ 22 milhões e 200 empregos diretos. Também, do mesmo ramo, está implantada a Madeireira Transamazônica Ltda.

No setor têxtil, já foi implantada a pedra fundamental da Guararapes Têxtil, em área construída de 30.000 m², que vai possibilitar a criação de 800 empregos diretos, com investimento de Cr\$ 5 bilhões e produção estimada de 7.200 toneladas/ano de malha e tecidos. Também no ramo têxtil está em implantação no Distrito Industrial, a Verona Têxtil S/A, com a capacidade de absorção de 388 empregos diretos, investimento de Cr\$ 2,6 bilhões.

Herbus Confecções Ltda, por sua vez, está passando por um processo de reformulação completa, absorvendo um investimento de 3,4 milhões para proporcionar 437 empregos diretos.

Na área da produção de alimentos foram acertadas a implantação da Cisaf — Comércio e Indústria de Fibras S/A, com projeto de três unidades para beneficiamento de castanha de coco da Bahia e a produção de sucos e da Simas Industrial S. A., que terá duas unidades — uma destinada a produção de balas e caramelos e outra de biscoitos, cujos projetos, para efeito de realocação no DIS, já estão na fase de Carta-Consulta.

METAL-MECÂNICA — O Distrito Industrial também está atraindo indús-

trias do setor metal-mecânico, que é outro dos objetivos do atual processo de industrialização do Rio Grande do Norte. Já está para ser instalada uma unidade de produção de ferramentas agrícolas, com área já reservada; uma unidade produtora de equipamentos de bombeamento de petróleo (cavalo de pau) e uma unidade produtora de borraça, subsidiária da Petrose. As duas últimas unidades são de empresas que trabalham com o apoio direto da Petrobrás.

Noutra especialidade, há certa a implantação da Cialta — Cirúrgicos e Absorventes Ltda., com investimento de Cr\$ 1,3 bilhão, capacidade de absorver 318 empregos diretos e que vai produzir algodão hidrófilo e gases.

São conquistas já asseguradas para um plano de industrialização fadado a abrir novos horizontes para a economia do Rio Grande do Norte. Porém não é tudo.

EM MOSSORÓ — E não é tudo porque o Governo Lavoisier Maia, através da Secretaria da Indústria e Comércio e tendo como órgão executor a Companhia de Desenvolvimento Industrial, não concentrou os Distritos Industriais apenas em áreas de Natal e São Gonçalo do Amarante. Uma outra face do seu programa, nesse sentido, é o Distrito Industrial Sócio-Integrado de Mossoró. É um programa já em fase adiantada, com a área já adquirida e iniciados os trabalhos relacionados com os projetos básicos.

OUTRAS METAS — O leque de opções é variado, para que o processo de industrialização possa contar com muitas alternativas. Assim, é importante a iniciativa desenvolvida para a implantação do Núcleo Cerâmico, com definição da área para que se concretize a instalação do setor de cerâmica branca.

Já, quanto ao apoio logístico, salienta-se o programa de Apoio Tecnológico. É um programa que, como está explícito em sua denominação, tem como objetivo apoiar o desenvolvimento, adaptação e absorção de tecnologia de processos de produção. O programa tem um perfil definido e nele já estão sendo executados os seguintes projetos: a) assistência técnica às empresas (consultoria); b) normalização industrial, visando assegurar às empresas o

acesso e o uso das normas industriais; c) documentação e informação com a finalidade de se assegurar às empresas um fluxo de informações científicas e tecnológicas.

INVESTIMENTO — O Programa de Promoção e Investimento é também um aspecto importante para a consecução de todas as medidas visadas. Esse programa tem como objetivo promover e divulgar os projetos do Governo prioritários ao desenvolvimento do Rio Grande do Norte. Ele compreende, no momento, a realização dos seguintes projetos: a) implantação de Núcleos de Promoção junto às agências do Bاندern no Rio, São Paulo, Brasília e Recife; b) participação em feiras, convenções, seminários e outros eventos, visando contactar com investidores potenciais.

É com essa última finalidade que estão certas as participações na 27.^a Feira Nacional de Indústria Têxtil — FENIT, de 30 de maio a quatro de junho e 26.^a Exposição Paralela ao 26.^o Congresso Brasileiro de Cerâmica, no Recife, de 30 de maio a dois de junho.

Outro componente desse segmento estratégico é a integração de promoção ao desenvolvimento com órgãos federais, estaduais, centros e federações de indústrias.

AGRO-INDÚSTRIA — Já o Programa de Apoio à Agro-Indústria tem como objetivo apoiar a atividade agro-industrial no sentido de aumentar a participação dos produtos agrícolas no total do PIB, ampliando a oferta de alimentos.

Dentro do seu âmbito está o projeto Pequenos Negócios no Meio Rural, que trata de dar apoio técnico operacional e financeiro às pequenas unidades industriais do meio rural, proporcionando o desenvolvimento agro-industrial através do máximo aproveitamento do potencial agropecuário do pequeno e médio produtor. Para efetivação do projeto, são tomadas providências visando redirecionar seis segmentos agro-industriais: 1 — frutas e tubérculos; 2 — pseudo fruto do caju; 3 — tomate; 4 — leite e derivados; 5 — carnes; 6 — pescado.

Já foram executadas, com esses objetivos, as seguintes etapas: levanta-

mento de oportunidades de investimento, segmento de cooperativas, assim como a elaboração de perfis compreendendo o Parque Industrial de Processamento de Tomates. Estão, de outro lado, em execução: a) elaboração do Perfil Industrial do Processamento do Pseudo Fruto do Caju; b) estudos para elaboração do Perfil Industrial do Processamento do Leite e Derivados.

Quanto ao Projeto de Frutíferas visa uma ação integrada produção/industrialização, estimulando a participação direta do pequeno produtor. A execução é para o Pólo Agro-Industrial da Chapada do Apodi.

O Projeto de Oleoginosas — apoio e ampliação — inclui: óleos vegetais (algodão, mamona, castanha de caju, coco da Bahia); óleos essenciais.

MICRO-DESTILARIAS — O Projeto de Micro-Destilarias tem suas metas bem especificadas. No global, ele visa implantar 20 unidades este ano, sendo: a) projeto integrado com 10 Cooperativas da Região Oeste, utilizando como matéria-prima a mandioca e o sorgo sacarino; b) Projetos-Suroresa, utilizando como matéria-prima a cana-de-açúcar. As estimativas para a produção deste projeto é de 18.750.000 litros de álcool carburante.

APOIO ÀS EMPRESAS — É também outro item do maior significado para o processo de industrialização do Estado, na estratégia traçada, o Projeto de Apoio à Pequena e Média Indústria. Basicamente compreende a implantação de um projeto especial de apoio financeiro e técnico a empresas de pequeno e médio porte.

A Companhia de Desenvolvimento Industrial, como órgão da Secretaria da Indústria e Comércio, vem executando as metas básicas traçadas no programa geral de dinamização do setor industrial pelo Governo Lavoisier Maia, sobretudo abastecendo os investidores em potencial de dados e informações necessárias sobre todas as possibilidades existentes no Rio Grande do Norte, em especial a sua disponibilidade de mão-de-obra e matéria-prima. É por essa razão que os resultados — com pouco tempo de trabalho — já estão surgindo e o conceito do Estado, em termos de perspectiva de investimento para empresas industriais, está mudando substancialmente.



RIO GRANDE DO NORTE

GOVERNO DO ESTADO

Secretaria de Indústria e Comércio

A INDÚSTRIA

NESTA DATA DE 25 DE MAIO, CONSAGRADA À INDÚSTRIA, HONRA-ME, SOBREMODO, EM NOME DA SECRETARIA DE INDÚSTRIA E COMÉRCIO - SIC -, A OPORTUNIDADE DE SAUDAR AS LIDERANÇAS EMPRESARIAIS POTIGUARES, CONGRATULANDO-ME, DESTA FORMA, COM A ENTIDADE MAIOR DA CLASSE - A FIERN - FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE, POR ESTAR INAUGURANDO, HOJE, O CENTRO CLÓVIS MOTTA - FORMAÇÃO E TREINAMENTO EM CONFECÇÕES -, LANÇANDO SEU CADASTRO INDUSTRIAL E HOMENAGEANDO OS 40 ANOS DO SENAI.

COMUNGANDO DAS MESMAS ASPIRAÇÕES DOS LÍDERES EMPRESARIAIS DA INDÚSTRIA NORTERIOGRANDENSE, NÃO ESQUECENDO A LABORIOSA CLASSE DOS INDUSTRIÁRIOS, ESTA SECRETARIA, QUE PROMOVE, INCENTIVA E PARTICIPA DO NOSSO DESENVOLVIMENTO INDUSTRIAL, SENTE-SE FELIZ EM SAUDAR, NESTA DATA, A TODOS AQUELES QUE EXERCEM A ATIVIDADE FABRIL NO RIO GRANDE DO NORTE.

José Thomaz Assunção
SECRETÁRIO

Arruda acredita que vale à pena investir na noite

O que, de princípio, parecia uma insólita, trivial e inconsequente gozação do pintor e, eventualmente, travesti, Arruda Sales, é, na realidade, um empreendimento comercial de certo fôlego e que já consumiu redondos Cr\$ 2,5 milhões. Um empreendimento comercial no ramo artístico, do acanhado "show business" de Natal, que Arruda Sales vem tentando animar com o seu "Frezezi", uma mais ou menos exótica casa de diversões instalada num casarão remodelado da rua Dr. Barata, na Ribeira. Com "shows" semanais de travestis, o "Frezezi" procura seguir os passos de um empreendimento semelhante do Recife — o Vivencial — que, hoje, transformou-se num dos principais pontos de atração daquela cidade. Por sinal, o grupo do "Vivencial" tentou instalar-se também em Natal e o "Frezezi" de Arruda já é uma defecção da iniciativa pernambucana que gorou, mas deixou raízes.

Arruda Sales teve participação na primeira fase dos espetáculos de travestis em Natal como artista de dotes bem elogiados. Aos poucos, porém, percebeu que era preciso ir mais adiante e, até mesmo com prejuízo de suas atividades como pintor, tomou a sério a função de empresário da noite de Natal e nela está empenhado prá valer.

Além do senso de profissionalismo implantado por ele junto ao seu pessoal e o fato de manter uma linha de trabalho, a consciência do trabalho que deve ser feito e a segurança daquilo que se está fazendo, tem conseguido manter a casa:

— Hoje eu já tenho a consciência e a certeza de que é preciso tudo isso para manter a casa. E tenho que continuar assim para que não deixe a coisa cair.

DIFÍCIL — Confirma que é muito difícil manter uma casa noturna em Natal porque as pessoas não têm o costume de sair à noite: "É muito acomodado o povo de Natal". Citou que um show não pode ficar mais de um mês em cartaz, porque as pessoas

ficam sempre dizendo que já está na hora de mudá-lo:

— Não sei porque. Em outros Estados o mínimo que passa é um ano em temporada. Agora, o pessoal daqui só é acostumado a ir a um lugar uma vez.

Para se mudar um show, diz, o investimento é muito alto. "O que precisa é que os homens da terra venham ver, porque quando saem daqui vão assistir a espetáculos apenas porque estão lá fora".

O relacionamento empresário/empregado, segundo Arruda Sales, tem sido o melhor possível, porque ele os trata como se fossem pessoas iguais e não patrão e empregado:

— Porque eu sou o patrão não vou gritar com ninguém. Apenas eu digo ou exijo isso ou aquilo e faço por onde eles cumprirem o trabalho. Agora, tem aquelas pessoas que não têm a visão da coisa e procuram deturpar, mas isso é uma pequena minoria. Como todo trabalho tem de ter sua dor de cabeça.



INVESTIMENTO — O investimento feito por Arruda Sales, no Frezezi, ficou na ordem de 2,7 milhões, no ano passado. Segundo ele, a grande dificuldade foi no início já que o "saco de cimento custava um preço e ao término da construção o valor havia triplicado". Revela: "Muitas contas eu já paguei e ainda existem algumas outras para serem pagas".

Ri das opiniões, dizendo:

— O pessoal diz: ah, Arruda está rico. Que nada! Eu estou rico só se for em aplausos. E se estiver, e daí? Acho que cada qual tem que batalhar

Você comprou
forropacote, divisória divilux,
 piso paviflex, esquadria de
 alumínio, box p/banheiro e
 não consultou a Única Metal,
 você PERDEU DINHEIRO.

Única Metal
fones: 222-0200 - 222-7957
Org. FERNANDO BEZERRIL

o seu lugar ao sol.

Arruda Sales diz que preferiu a Ribeira por achar que é o melhor lugar, pois o Teatro Alberto Maranhão é também no mesmo bairro. Até porque também a estrutura física do prédio que ele conseguiu foi ideal, embora, segundo comenta, não seja o local definitivo, já que pretende ampliar um pouco a sua casa de espetáculo:

— Eu ainda penso em coisas mais adiante. Embora eu saiba que de imediato, onde estamos, dá para suprir as necessidades.

Afirmando que se instalou na Ribeira para que as pessoas revivessem uma fase dos grandes tempos do bairro boêmio:

— Eu já não sou daquele tempo, apenas ouço comentários. É sempre bom se reviver a nostalgia, por isso escolhi a Ribeira.

As dificuldades são muitas, é o que ele afirma, para manter uma casa de espetáculo em Natal. Até mesmo em termos de material ele diz que é necessário ir buscá-lo fora porque "aqui não tem para vender e quando tem chega pela hora da morte". Vê, também, muita timidez do empresariado:

— Porque os homens da terra não

têm confiança de investir em alguma coisa. Em termos de comércio todos só fazem aquilo que o outro fulano está fazendo e dando certo e não procuram outro ramo. O grande defeito é esse.

SEM PROCURA — Com um bom palco, um sistema de iluminação e de som perfeito, Arruda Sales tem seu espetáculo mostrado de quinta a domingo, mas ele afirma que não era sua idéia inicial em deixar a casa fechada os outros dias. Até hoje não foi procurado por outras pessoas para ceder ou ocupar o espaço diário que continua vazio:

— As pessoas nunca me procuraram. Não houve interesse da própria terra no sentido de se fazer uma movimentação lá. Eu ouço muitas reclamações de pessoas, de artistas que dizem não ter espaço para transar um show, mas ninguém nunca me procurou. Eu também não tive muito interesse de procurar essas pessoas. Quem quiser fazer, a casa está aberta e contará com o nosso apoio.

A partir de agora o Frenezi só está funcionando sexta e sábado, porque segundo Arruda Sales, a quinta-feira está sendo muito fraca em termos de público.



O Frenezi revela "artistas"

CONSULTE O SINE

Rua Trairi, 345 — Petrópolis
Tels. 222-3442 e 222-1006 — Natal

SECRETÁRIA:

- solteira, 22 anos, 3 anos de experiência
- casada, 22 anos, 2 anos de experiência
- solteira, 24 anos, 2 anos de experiência

CONTADOR:

- casado, 38 anos, 12 anos de experiência
- casado, 36 anos, 15 anos de experiência
- solteiro, 35 anos, 3 anos de experiência
- casado, 37 anos, 8 anos de experiência

TELEFONISTA:

- solteira, 23 anos, 2 anos e 6 meses de experiência
- solteira, 27 anos, 2 anos de experiência
- casada, 32 anos, 1 ano e 6 meses de experiência
- casada, 31 anos, 2 anos de experiência

VENDEDORA: CAIXA:

- casada, 21 anos, 1 ano de experiência
- solteira, 24 anos, 2 anos e 1 mês de experiência
- solteira, 22 anos, 4 anos e 6 meses de experiência

MOTORISTA:

- casado, 36 anos, 12 anos de experiência
- solteiro, 22 anos, um ano de experiência
- casado, 36 anos, 4 anos de experiência
- solteiro, 28 anos, 2 anos de experiência

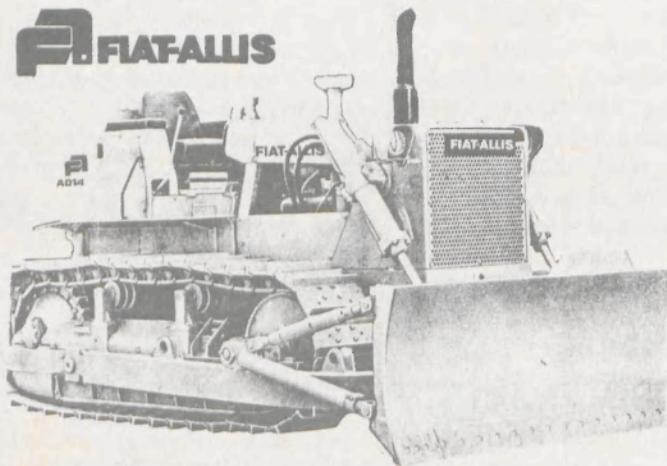
OUTROS:

MARCENEIRO, casado, 51 anos, 15 anos de experiência
TÉCNICO EM FOGÃO A GÁS, casado, 25 anos, 2 anos de experiência
FAXINEIRA, viúva, 34 anos, 5 anos de experiência
FAXINEIRA, casada, 26 anos, 3 anos de experiência
LAVADEIRA, casada, 25 anos, 5 anos de experiência
LAVADEIRA, solteira, 28 anos, 5 anos de experiência
JARDINEIRO, solteiro, menor de 18 anos.

A Turma da Pesada

(e a mais completa linha de implementos)

FIAT-ALLIS



TRATORES DE ESTEIRA "FIAT-ALL IS"

VALMET



TRATORES DE PNEUS
E EMPILHADEIRAS "VALMET"



COMPACTADOR VIBRATÓRIO
REBOCÁVEL

HWB



MOTONIVELADORAS "DRESSER-HWB"

DRESSER
Galion



GUINDASTES "GALION"
ATÉ 14 TONELADAS



PÁS CARREGADEIRAS DE RODA E ES-
TEIRA "FIAT-ALLIS"

TUDO ISTO COM A MELHOR ASSISTÊNCIA TÉCNICA

COMERCIAL WANDICK LOPES S/A

R. TEOTÔNIO FREIRE, 218 - FONES: 222.1525 - 222.3778 - 222.4180 e 222.1554 - NATAL-RN

RUA ALFREDO FERNANDES, 5 - FONE: 321.5186 - Mossoró-RN.

NATAL — MARCOSA PROMOVE SEMINÁRIO AGRÍCOLA



— D4E com subsolador, acoplado a uma barra porta ferramenta, tóldo a lâmina 4A.



— D4E equipado com ancinho, proteções do motor, cabine para desmatamento, tracionando uma grade Rome TACH 10x32.



— D4E equipado com lâmina 4A, tóldo e barra porta ferramenta.

MARCOSA S.A. revendedor dos produtos Caterpillar para o Estado do Rio Grande do Norte, promoveu nos dias 28 e 29 de abril p.p. interessante seminário agrícola.

O referido seminário recebeu o apoio da Caterpillar Brasil S.A. e teve como objetivo demonstrar a importância da mecanização no desenvolvimento da agricultura moderna.

O Programa mostrou na parte teórica, explicações sobre métodos, sistemas e preparo de solos.

O último dia constou de demonstrações de campo com tratores Caterpillar D4E usando vários tipos de implementos agrícolas em operações de desmatamento, tracionamento de grade, subsolagem e valetamento.

Prestigiaram a promoção agrônomos e técnicos agrícolas representando os seguintes órgãos públicos e empresas particulares: Sec. da Agricultura, Prestsolo, Agricam, Plantes, Emparn, Usina S. Francisco, Cida, Banco do Brasil, Agromar, Consterma Ltda, Maisa, I.M Comércio e Sertel.

O gerente da filial Dr. Edson Figueyroa organizou e dirigiu os trabalhos, juntamente com a sua equipe.

Pela Caterpillar Brasil S.A. participaram Arcilio Loverri e Toru Sato, técnicos agrícolas.

O seminário, além de atualizar e aprimorar conhecimentos, demonstrou, na teoria e na prática, a qualidade dos produtos Caterpillar.

O encerramento festivo foi realizado com um churrasco no hotel Pousada do Sol, onde a confraternização foi geral.




marcosa s.a.

R. Antônio Basilio, 1370. Fone: 231-1070 (084)



CATERPILLAR

Caterpillar, Cat e  são marcas de Caterpillar Tractor Co.

Quando há investimento aparece logo o retorno

Está provado: turismo só se faz com investimento. Na primeira vez que um órgão turístico do Rio Grande do Norte se dispôs a investir, de modo racional e com certa agressividade, os resultados foram altamente compensadores: os Caminhos do Elefante já estão aí na sua segunda excursão com o maior sucesso. Não foi fácil chegar, porém, a esse acontecimento. Foi necessária uma conjugação de fatores para que, no fim, a Empresa de Promoções e Turismo do Rio Grande do Norte — Emprotur, fosse convencida a investir uma verba de 4,5 milhões de cruzeiros numa ampla campanha publicitária, através de uma programação séria produzida por uma agência de publicidade — a Dumbo — para que os resultados pudessem surgir. No final da campanha “O Rio Grande do Norte está à venda por 6.900,00” a primeira excursão dos Caminhos do Elefante foi sucesso absoluto. O sucesso começou logo no coquetel de lançamento do programa, quando para o ato foram atraídos empresários, políticos e



Natureza, o grande capital

intelectuais, a ponto de se transformar num acontecimento de expressão o que, em outra circunstância, talvez não passasse de um evento a que só os amigos mais chegados da direção da empresa comparecem.

TURISMO COMO INDÚSTRIA — Na acepção da expressão, foi a pri-

SAUDAMOS A INDÚSTRIA

E nos sentimos felizes, por há 71 anos de Nordeste e 30 de Rio Grande do Norte, fabricarmos, de forma pioneira, e com absoluta exclusividade, Dore-Cola, Dore-Guaraná, Dore-Laranjada, Dore-Soda Limonada e o Grapette. Os refrigerantes Dore continuam firmes na preferência do consumidor e já é tempo suficiente de se confirmar que os produtos Dore são “coisas nossas”.



SIDNEY DORE IND. DE REFRIGERANTES LTDA.

Rua Sílvio Pélico, 233 - Tels.: 222-1594 e 222-3472

meira vez que o turismo recebeu um tratamento realmente empresarial no Rio Grande do Norte. Não quer isso dizer, como advertem as pessoas ligadas ao turismo, que vá sempre assim, nem que isso é uma norma a ser seguida e recentemente fixada. Pelo relato dos publicitários envolvidos na campanha, foi preciso um certo poder de convencimento e de “implicância profissional” para que a campanha fosse realizada do porte em que surgiu. Quando surgiu o primeiro contato entre a Emprotur e a empresa publicitária, segundo **RN/ECONÔMICO** pôde apurar, a pretensão não era exatamente a de uma campanha de grandes proporções. A idéia do órgão de turismo era a de simplesmente dar publicidade ao pacote turístico proporcionado com a implantação da rede de hotéis do interior. A verba era modesta, como sempre são modestas — e quase sempre inexistentes — as verbas para campanhas publicitárias envolvendo o turis-



Bons Hotéis: trunfo

mo. O comportamento em relação ao pacote era, em essência, o mesmo de sempre: a encomenda para a bolação de um anúncio isolado, os convites para o lançamento, uma notinha aqui, outra ali.

O tino publicitário e a consciência profissional se recusaram a encampar a solicitação. Foi mostrado ao presidente da Emprotur, Jussier Santos, que era necessário — para que fosse possível obter um bom retorno — a aplicação de uma verba razoavelmente substancial — mas ainda assim não a ideal — para a realização de uma campanha em ampla escala de modo a atingir todos os objetivos.

O RETORNO — Como é comum no Rio Grande do Norte, o orçamento da campanha — custo de produção, veiculação, etc. — assustou o responsável pela Emprotur. É comum a reação do empresário potiguar em relação à publicidade bem planejada. Ele ainda acredita que se trata de “despesa” e não de investimento.

De qualquer forma, foram apresentados argumentos convincentes e Jussier Santos, reagindo com sensibilidade, deixou-se convencer. Deu o sim e a campanha foi executada.

A procura e o interesse demonstrado pelo programa Caminhos do Elefante foram os resultados imediatos. O universo atingido pela campanha percebeu perfeitamente o seu signi-

ficado e respondeu de modo positivo, lotando as duas primeiras excursões e indicando que, graças a estratégia racional adotada o programa encaixou-se rápida e definitivamente no gosto de quem habitualmente faz turismo no Estado — e mesmo de quem não faz vai começar a fazê-lo. Os 4,5 milhões aplicados se traduziram em resultados, significando um

investimento real e de retorno muito rápido, na primeira vez em que o turismo é tratado empresarialmente no Estado.

IDÉIA ANTIGA — A diferença pode ser melhor aquilatada com o detalhe: a idéia de uma excursão do tipo Caminhos do Elefante não é nova. O mais antigo agente de turismo do Rio Grande do Norte, Hypérides La-

PROTEGER É PREVENIR

O INCÊNDIO ACONTECE ONDE A PREVENÇÃO FALHA

Tintas especiais à base de Epoxi e borracha clorada é a mais nova linha de produtos que a OPEL — Obras e Planos de Engenharia Ltda. — passa a vender, diversificando mais ainda suas atividades. Essas tintas não são vendidas no comércio e são utilizadas como proteção anti-corrosiva para casco de barco, tanques de aço e ferros em geral. a OPEL (223-2400) dispõe também de equipamentos de salvatagem, hoje exigidos pela Capitania dos Portos.

Todos esses equipamentos aprovados pela ABNT, Min. Trab. e Capitania dos Portos.
Rua Sampaio Correia, 4000 — Bom Pastor - tels.: 223-2400-3557 — Natal-RN

opel MÁXIMO EM PROTEÇÃO

martine, que já foi Secretário de Turismo da Capital, quando esse posto ainda existia, antes de ser absorvido pela Emprotur, tentou por diversas vezes tornar realidade uma excursão desse tipo e chegou a realizar algumas. Na época, cinco/6 anos atrás, o seu roteiro não era exatamente o atual porque ainda não havia a rede de hotéis do interior. Peri Lamartine fazia fé num roteiro pelo Seridó, voltando pelo Oeste, mais ou menos como o de agora.

Vários fatores evitaram que os projetos do antigo secretário de Turismo fossem levados adiante, embora ele tivesse duplo interesse no seu sucesso: como diretor do turismo oficial e como proprietário de uma agência de turismo. Falta de hotéis — em Mossoró, só o São Pedro e o Abolição, o Olho D'Água, de Caraúbas, ainda estava por terminar, Umarizal só contava com umas poucas e humildes pensões do interior, assim como Macau e Areia Branca —, falta de estradas e pouca fé no turismo interno foram alguns desses fatores.

Mas, certamente, faltou o comportamento empresarial. E esse foi o detalhe mais importante, mas compre-

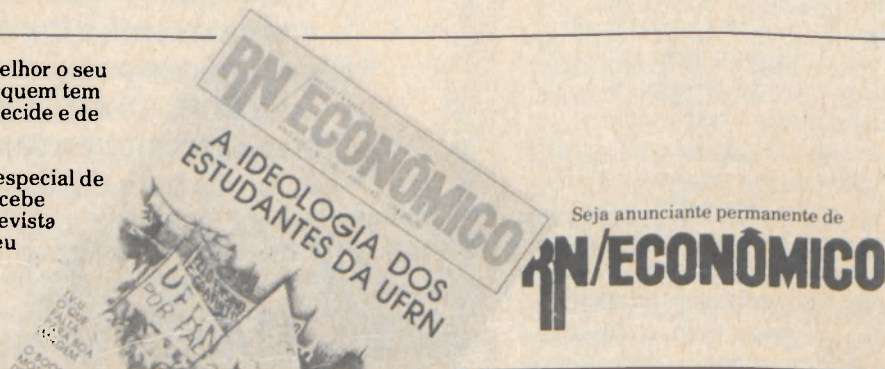


Paisagens também atraem

Você escolheu o melhor veículo para o seu anúncio Agora mantenha-o permanente

A revista RN/ECONÔMICO vende melhor o seu produto porque ela chega às mãos de quem tem poder aquisitivo mais alto, de quem decide e de quem determina.

O seu anúncio permanente em RN/ECONÔMICO goza de desconto especial de 10% sobre o preço de tabela, e não recebe reajustes na vigência do contrato. A revista coloca à disposição do anunciante o seu departamento de criação, encarregando-se da elaboração da mensagem publicitária. Venda mais!



ensível. A antiga Secretaria de Turismo existia, na prática, no papel e para distribuir as subvenções das agremiações carnavalescas por ocasião dos melancólicos desfiles do chamado tríduo momesco. No mais, era um órgão entravado pela absoluta falta de recursos e espremida num estreito raio de ação.

TURISMO IMPROVISADO — De qualquer modo, o turismo no Rio Grande do Norte, como reconhecem todos os que nele estão envolvidos, sempre foi improvisado. As coisas realmente só começaram a melhorar com a decisão de construir a rede de hotéis no interior, que ficou a cargo da Secretaria da Indústria e Comércio, logo que ela foi criada no Governo Tarcísio Maia. Por uma dessas ironias de Estado subdesenvolvido — como lembra um técnico da SIC — logo na sua primeira fase a Secretaria da Indústria e Comércio não tinha uma finalidade específica e era até difícil estabelecer as suas

reais atribuições dentro da estrutura do Estado. Havia, com uma atuação muito expressiva, a Secretaria de Planejamento e, além do mais, como o Rio Grande do Norte era essencialmente voltado para as atividades agrícolas uma Secretaria voltada para a indústria e um comércio que é estático parecia um corpo estranho. Assim, a primeira atribuição realmente nítida do novo órgão foi o turismo — uma indústria até então vista com desconfiança, apenas como atividade paralela, quase uma palavra sem grande significado.

E foi, sem que ninguém percebesse, naquela fase de aparente inatividade, que começou a tomar corpo, de forma silenciosa, a nova estrutura turística do Estado com a assinatura do primeiro convênio — no valor de Cr\$ 100 milhões — com a Embratur para a implantação de uma rede de hotéis no interior do Estado.

A CHAVE: HOTÉIS — E os hotéis, segundo os agentes de viagens, foram realmente o elemento mais im-

portante para a nova fase do turismo no Estado. Até antes da implantação do programa de hotéis no interior — de início visto sem muita importância, porque sequer se sabia se ia mesmo ser levado adiante — o Rio Grande do Norte seguia a tendência muito comum no País de construir hotéis de porte médio para cima, esquecendo sistematicamente o turista de poucas possibilidades e de que turismo não é, essencialmente, uma atividade só para endinheirados. Sistematicamente, os poucos "experts" em turismo do Rio Grande do Norte batiam nessa tecla: hotel de luxo, com altas diárias, é só para hóspede especial, das grandes empresas.

O que falta, diziam todos, é hotel com diárias acessíveis.

Era, na ocasião, uma reivindicação modesta, porque elementar. Não se pensava ao menos em fatores como investimento em publicidade, promoção, etc.

O sucesso dos Caminhos do Elefante pode ser que mude tudo.

ELDORADO UMA NOVA DIMENSÃO EM CONSÓRCIO



Os planos ELDORADO são realmente melhores porque facilitam nos pagamentos, os prazos mais longos, na tramitação dos papéis, numa porção de coisas que, no final, acabam por facilitar a vida da gente. O Consórcio ELDORADO foi bolado com essa finalidade, isto é, com estas vantagens adicionais: 1) — Seu carro usado, de qualquer marca, vale como lance; 2) — O lance vencedor quita as últimas prestações, ficando as mesmas isentas de reajustes; 3) — Lance vencido é devolvido na hora; 4) — Você tem opção para qualquer modelo da linha Volkswagen; 5) — A entrega do seu carro é imediata; 6) — Tirando um carro no Consórcio ELDORADO você também concorre à promoção da Volkswagen "Vá à Copa de Volkswagen com tudo pago".

ENTRE NO ELDORADO!

ATRAVÉS DA FINANCEIRA E ASSIM:

NO CONSÓRCIO ELDORADO É ASSIM.

CARRO	PREÇO	ENTRADA	MENSALIDADE (24 meses)
Fusca 1.300-N	806.330,00	241.899,00	56.703,00
Voyage LS	1.276.470,00	382.941,00	89.763,00
Pick-Up Diesel	1.776.340,00	532.902,00	124.916,00

CARRO	PREÇO	ENTRADA	MENSALIDADE
Fusca 1.300-N	806.330,00	Não tem	18.546,00
Voyage LS	1.276.470,00	Não tem	28.976,00
Pick-Up Diesel	1.776.340,00	Não tem	33.159,00

Inscrição e informações:

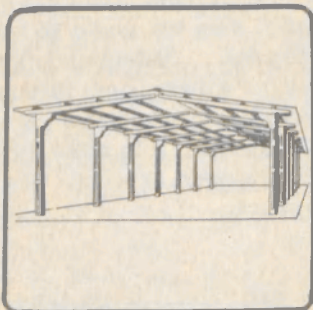


ELDORADO
Administradora de Consórcio Ltda.
Av. Prudente de Moraes, 547 fone 222-2909

CILNORTE

Lajes e pré-moldados em geral.

Galpões industriais podem ser construídos com pré-moldados de cimento da CILNORTE, proporcionando grande economia de tempo e dinheiro.



Com Lajes Pré-moldadas da CILNORTE tudo fica mais fácil para a sua construção, e com garantia de segurança absoluta.



As cercas construídas com as estações CILNORTE duram toda a vida.



CILNORTE

Indústria e Comércio Ltda.

Fábrica - BR 304 - Km. 16 — Macaíba - RN.

Esc. - Rua Apodí, 154 - C. Alta — Natal-RN.

Fones: 222-0989 e 222-8124

Multas às empresas agora vão se tornar rigorosas

A partir de 1.º de agosto toda empresa que infringir a Legislação Trabalhista estará sujeita a multas que variam de dez a 500 vezes sobre o valor de referência, que atualmente é de Cr\$ 5 mil e 488. Pelo menos é o que determina a Lei 6.986 publicada na edição do Diário Oficial da União do dia 14 de maio.

Para o advogado Edilson Alves de França, na verdade, a situação que se depara no momento é bem outra e, com justa razão, empregados e empregadores mostram-se atentos à modificação processada. Com a vigência dessa Lei — lembra Edilson — “a infringência de qualquer uma das normas do capítulo referente a férias, por exemplo, poderá chegar, no caso de reincidência, até 400 valores de referência o que, por si só, já é suficiente para desencorajar qualquer infrator contumaz”.

REIVINDICAÇÃO — Sem estardalhaços — não houve divulgação através da imprensa — nem participação da sociedade na discussão da Lei 6.986, o Governo Federal a fez publicar no Diário Oficial da União pegando empregados e empregadores de surpresa. Mas para o advogado Edilson França, “é de se destacar que a medida vem atender a uma repisada reivindicação de diversos e representativos segmentos da classe trabalhadora”.

Segundo ele, com o advento dos Decretos 1.736/79 e 1.793/80, que anistiavam as multas de valores de até Cr\$ 3 mil e autorizava o Executivo a deixar de ajuizar as cobranças de valores iguais ou inferiores a vinte ORTN's, avolumaram-se nos arquivos das DRT's os processos de multas administrativas, fato que, “indiscutivelmente estimulava o descumprimento das normas trabalhistas consolidadas”.

Com a nova Lei, as empresas — 90 por cento delas desrespeitam a Legislação Trabalhista — terão que atentar com maior zelo para seus setores de pessoal. E França faz um alerta: as pequenas empresas não mais de-

EDILSON BRAGA



Indústria: rigor

verão confiar tanto no “contador itinerante” que, muitas vezes assoberbado de trabalho e, consequentemente, sem tempo para uma maior dedicação tem se mostrado, na prática, inviável para quem pretenda tornar-se imune a uma ação fiscal”.

IMPUNIDADE — Com relação aos reais e diretos efeitos da medida, o advogado Edilson França afirma que “a tese vencedora é a que espousa o pensamento de que o clima de impunidade ou de punições benignas, é que tem concorrido para que o número de infrações trabalhistas aumentassem. E na verdade, uma repressão mais rigorosa e sensível ao infrator, de modo que sinta realmente a aplicação da pena tende a torná-lo mais atento e menos indiferente ao fiel cumprimento das normas consolidadas, seja no tocante aos direitos do trabalhador, seja no que concerne à sua segurança no trabalho”. E França conclui seu pensamento citando Magalhães Noronha, quando assevera que “é inegável a coação psicológica exercida pela pena”. □

Horário único: novidade que provoca mais adesões

Com o horário único já vigorando para a maioria das Secretarias de Estado e o movimento iniciado por líderes de entidades de funcionários das empresas de economia mista para que o sistema seja estendido também à administração indireta, alguma expectativa está sendo gerada no comércio em geral, sem dúvida o setor que receberá mais diretamente todo o impacto da medida. A Federação dos Lojistas vê as coisas de modo muito favorável. E os lojistas, em geral, parecem estar convencidos de que o horário único terá reflexos favoráveis no movimento das vendas em geral, segundo a expectativa da Federação Lojista. No princípio, a situação provocou alguma perplexidade, porque, a partir da segunda-feira, dia 17 de maio, quando começou a vigorar o horário único para algumas áreas da administração direta, na

parte da tarde, depois de 13h30m, o centro de Natal ficou com o estranho aspecto de um meio feriado não programado. Imediatamente surgiram as indagações de todos os tipos, mas com uma só finalidade: o comércio teria prejuízo?

OS ARGUMENTOS FAVORÁVEIS

— A Federação dos Diretores Lojistas tem um raciocínio muito prático para prever uma ativação das compras com o horário único. Segundo um seu porta-voz qualificado, a situação se configura da seguinte maneira:

— Normalmente, o melhor dia para o comércio é o sábado. É na manhã de sábado que o comércio tem um movimento maior, em termos percentuais, levando em consideração o fato de ser apenas um expediente. A explicação é muito simples: o funcio-

nário público, de modo generalizado, não tem tempo de fazer compras no horário comercial, no decorrer da semana. Assim, aproveita o sábado. Mas uma manhã, um só expediente, é muito pouco, não dá para uma movimentação adequada, para se escolher o que se quer. Com o horário único, de sete da manhã às 13 horas, o funcionário público não só tem apenas mais tempo para o lazer como para as compras, para a escolha do que quer comprar.

E ainda aponta outro fator adicional, que também considera de importância:

— Também vai sobrar mais dinheiro na mão do funcionário público.

O OUTRO LADO — Os lojistas e a Federação sabem que há outros ângulos da questão. Vai haver o problema do "bico". A mesma fonte da Federação Lojista diz:

— Nem todos vão aproveitar o tempo ocioso para o lazer, para cuidar da família — muito menos para fazer compras, claro. Há muita gente que vai querer aproveitar para tentar conseguir outro emprego — um "bico". E isso não vai ser fácil, porque o mercado de trabalho está saturado e muito difícil, como se sabe. Muitos vão sobrar. Vai haver disputa, claro.

A informática já é uma realidade no Rio Grande do Norte. É a tecnologia eletrônica atuando nos mais diversos setores empresariais, com o processamento de dados para facilitar a informação de números e outros elementos essenciais aos executivos e dirigentes de empresas. É o RN integrado na era da cibernética com a sua primeira empresa de prestação desses serviços — SISTEMA SA PROCESSAMENTO DE DADOS criada em 1973, consolidada nos seus negócios, oferecendo uma estrutura de computação que opera com eficiência e pode ser muito útil à sua empresa.

Informe-se sobre as alternativas oferecidas visitando-a nas suas novas e modernas instalações, ou solicite uma visita de um técnico.

SISTEMA SA PROCESSAMENTO DE DADOS LTDA.

Estrada de Ponta Negra, 1831
Capim Macio — Tels.: 231-4215 e 231-4890 Natal

COMPUTAÇÃO: ALTERNATIVA EMPRESARIAL PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS



" A CILADA DO DESENVOLVIMENTO "

CORTEZ PEREIRA

O desenvolvimento tornou-se a fascinante salvação da humanidade e o atraso, o seu próprio inferno.

Essa mística ergueu-se das cinzas da 2.^a Guerra, inquietou e agitou o 3.^o Mundo, envolveu todos os homens e todas as instituições. O próprio Papa quando dele falou foi vítima do seu encantamento, saudando o desenvolvimento como "o novo nome da paz".

O trágico dessa universal conscientização, está em que o processo de desenvolvimento eleito, é essencialmente injusto e suas leis profundamente cruéis.

Os povos que partiram na frente conquistaram cadeiras cativas no comboio do 1.^o Mundo e asseguraram, em seu favor, o privilégio de explorar os países subdesenvolvidos, dentro de uma inelutável lógica do próprio modelo econômico por todos aceito.

Um comportamento imoral lastreia toda uma cínica filosofia de vida, que é pregada e posta em prática sem nenhum respeito humano. O mais célebre dos economistas modernos, o mais respeitado e o mais acatado, faz a apologia do egoísmo, da inveja e da ganância sem limites, como estímulos necessários à conquista do progresso. Keynes vai mais adiante e conclama esquecer, por algum tempo, os sentimentos éticos que dificultam a marcha do desenvolvimento, porque "o justo não é útil e o injusto o é".

É exatamente este modelo cruel de desenvolvimento que o 3.^o Mundo, na ingênua passividade dos pobres, copia e segue, estimulado pelos argumentos bem urdidos das poderosas nações industrializadas. A estas, interessa muito a estupidez dessa cópia, que os seus caminhos sejam continuamente seguidos, suas tecnologias usadas, seus padrões de consumo repetidos. Tudo isto alimentará o sonho de um crescimento ilimitado, com apoio em dois princípios básicos: 1) o de encontrar sempre a quem vender bens e serviços que, cada dia, tornam-se superados; 2.^o) o de poder ressurgir uma nova forma de colonialismo, através do domínio tecnológico que detêm e exportam.

Não nos fixando no aspecto mais humilhante que é a espoliação, mostraremos, pelos resultados insatisfatórios alcançados nos Estados Unidos, país líder do desenvolvimento industrial, que este modelo não ofereceu motivos que justificassem a adesão do 3.^o Mundo.

Pesquisa recente, realizada naquele país, revelou o

descontentamento do povo com o estilo de vida que elegeu. 90% da sua população entende que é necessário parar e 61% sente-se culpado, em relação ao resto do mundo, por consumir 40% de toda a energia e da matéria-prima primária disponível na terra, quando representa apenas 5,6% da sua população.

Ora, um modelo de desenvolvimento que consumindo tanto não foi capaz de satisfazer a tão poucos, evidentemente não está certo. Não é possível aceitar uma perda tão expressiva de recursos naturais, uma concentração tão elevada de tecnologia e capital para não se ver resolvido, sequer, o problema fundamental do desemprego. Ampliando esta reflexão para o mundo, visto como uma grande empresa, e o desenvolvimento como seu imenso projeto, concluiremos pela falência de uma e inviabilidade econômica do outro.

Nenhum empresário considerará bem sucedido o negócio que sobreviva consumindo o seu capital original.

Desde que a Revolução Industrial teve início, a "empresa do mundo" sobrevive exaurindo o capital recebido da natureza: os combustíveis fósseis e os minerais não renováveis. Sobre esta destruição sem rendimentos, edifica-se a forma mais anti-econômica de viver e exhibe-se ao mundo como modelo ideal de desenvolvimento e progresso.

O Clube de Roma tem gritado ao mundo, advertindo contra todos esses erros. Os seus relatórios famosos — "Alto ao Crescimento", "Banquete Envenenado" — começam a despertar a sonolenta indiferença do mundo subdesenvolvido.

A Associação dos Economistas do 3.^o Mundo, reunida na Argélia, voltou-se, com seriedade, para repensar a economia, elegendo a superação da miséria como o seu grande e primeiro objetivo. Para isto impõe-se uma preocupação antecedente com a criação de novos empregos, de modo a garantir, basicamente, o trabalho de toda a população ativa.

Produzir com tecnologia compatível às necessidades de trabalho, pesquisar fórmulas para aumentar a produtividade do trabalhador, garantir o acesso à terra dos que nela trabalham, industrializar a produção agrícola, são algumas das novas diretrizes de uma economia repensada e reformulada a partir das preocupações, frustrações e esperanças do 3.^o Mundo.

O DETRAN ESTÁ CAPACITADO A ATENDE-LO EM

NÓS CONSTRUIMOS O NOVO DETRAN



**ENGENHARIA E CONSULTORIA
LTDA.**

E nos sentimos honrados, construindo uma das mais importantes obras do Estado. São mais de 4 mil metros quadrados construídos e entregues rigorosamente no prazo: uma obra de Cr\$ 60 milhões. A EC — Engenharia e Consultoria Ltda, utilizando material de primeiríssima qualidade, construiu a segunda etapa da obra do novo Detran. Construimos o prédio do Gabinete do Diretor Geral, o Auditório, o Galpão da Coordenadoria de Operações e ainda as Unidades Setoriais. Mais de 200 pessoas trabalharam nessa obra. Tudo deu certo. Estamos satisfeitos e agradecidos.

Sabe como a Indústria comemora o seu dia? Trabalhando.

A indústria brasileira não pode se dar ao luxo de parar de trabalhar. Mesmo no dia a ela consagrado. Hoje, portanto, em todos os quadrantes do país, a indústria nacional está a todo vapor. Gerando empregos, produzindo riquezas, ajudando a desenvolver o país. Em Natal, particularmente, além do trabalho de rotina, existe algo mais a comemorar. Hoje é dia da inauguração do Centro Clóvis Motta, órgão do Senai, que formará e treinará técnicos em confecções. Para inaugurá-lo, o Presidente da Confederação Nacional da Indústria, Albano do Prado Franco, está presente entre nós. É a primeira vez que um Presidente dessa entidade comemora o Dia da Indústria no Rio Grande do Norte. O fato significa, entre outras coisas, que as atividades da indústria norte-rio-grandense estão merecendo atenção especial. Para um Estado reconhecidamente pobre, isto não é apenas um motivo de orgulho. E o incentivo necessário de que precisamos para continuar comemorando o Dia da Indústria. A nossa maneira. Ou seja, trabalhando.



***Federação das Indústrias
do Estado do Rio Grande do Norte***

O CENTRO CLÓVIS MOTTA: FORMAÇÃO E TREINAMENTO EM CONFECÇÕES PARA O NORDESTE.

Pouquíssimas das 22 indústrias de confecções atualmente em atividade no Rio Grande do Norte possuem equipamento equivalente ao instalado nas dependências do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI) situadas na avenida Prudente de Moraes, ao lado da "Cidade da Criança", antiga Lagoa Manoel Felipe, nesta capital. São as máquinas do "Centro de Formação e Treinamento em Confecções Clóvis Motta", que a entidade vai inaugurar neste "Dia da Indústria", 25 de maio, em solenidade que contará com a presença do Presidente da Confederação Nacional da Indústria (CNI), Senador Albano Franco (PDS-SE).

Resultado da reivindicação feita pelo empresariado local, através da FIERN, desde que, nas últimas décadas, o Rio Grande do Norte passou a investir na sua vocação de pólo têxtil e de confecções. O Centro foi instalado, com apoio decisivo da CNI, no mesmo prédio onde o Departamento Regional do Senai funcionou durante vários anos, até a inauguração do Centro Integrado que mantém, nas imediações da Lagoa Nova, conjuntamente com o DR do Serviço Social da Indústria (SESI).

O CENTRO CLÓVIS MOTTA é uma das mais importantes realizações da gestão do engenheiro Fernando Bezerra, na presidência da FIERN.

AMOSTRAGEM DO NORDESTE

— A construção é um edifício de cerca de trinta anos, em forma de U e num só plano, situado na ladeira em que a Prudente de Moraes recebe, desde algum tempo, o tráfego oriundo da avenida Beira Canal e do Viaduto do Baldo. De paredes e telhado claros e rodeados de jameiros e castanholas, o "Centrinho", como já é chamado pelos servidores do SENAI lotados no "Centrão" de Lagoa Nova adquiriu vida em agosto último, quando o novo



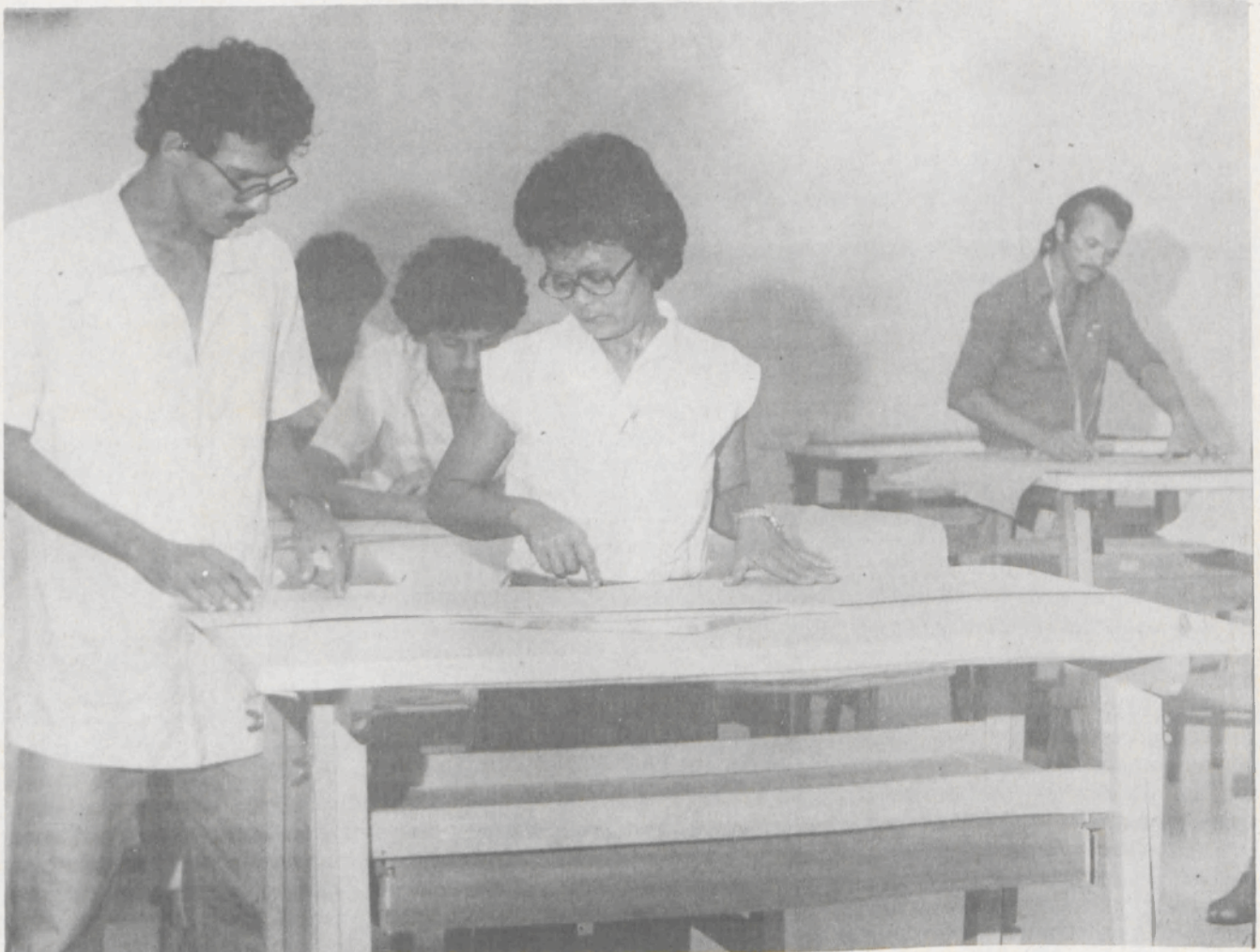
Curso de Mecânica de Máquinas Industriais

órgão iniciou suas atividades. Até o final de 1981, ministrando cursos de Mecânico de Máquina de Costura Industrial I (básico, para máquinas de ponto fixo), costureira industrial, modelagem masculina e cronometragem em confecções, o Centro treinou cem pessoas, segundo o economista Paulo Pereira dos Santos, seu diretor.

Formado pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), onde hoje é professor, Paulo tem considerável experiência na área de for-

mação e treinamento de pessoal, egresso que é da agência natalense do Programa Intensivo de Preparação de Mão-de-Obra, Pipmo, do Ministério do Trabalho. Conhecedor de vários órgãos de formação de mão-de-obra para a indústria espalhada pelo País e das indústrias do ramo no Norte e Nordeste, ele assegura:

— "Temos aqui uma amostragem de todas as máquinas industriais usadas nas fábricas de confecções da Bahia à Amazônia".



Curso de Modelagem Masculina

Segundo seus cálculos, além dos quase vinte milhões de cruzeiros aplicados pelo Departamento Nacional do Senai na adaptação do prédio às novas atividades, outros vinte milhões foram investidos na compra de equipamentos. São, ao todo, 139 máquinas, de todas as marcas e características conhecidas na área de serviço do Centro, que abrange o Norte e o Nordeste brasileiros.

Com elas, o Centro Clóvis Motta assim batizado em homenagem póstuma ao ex-Presidente da Federação das Indústrias, ex-Deputado e ex-vice-Governador do Estado que exerceu durante muitos anos liderança nos círculos empresariais da indústria, apresentou-se para o primeiro semestre de 1982 com a programação de seis cursos, compreendendo a oferta de 217 vagas, especificamente para Mecânico de Máquina I, Mecânico de Máquina II (para máquina de ponto corrente); Cronometragem em Confecção; Cronoanálise para Indústria de Vestuário; Modelagem Masculina e Cos-

tureiro Industrial.

OS PRIMEIROS MECÂNICOS — Paulo espera que já no próximo ano o "Clóvis Motta" disponha de equipamentos mais sofisticados, já solicitados ao Departamento Nacional do SENAI pelo Presidente da Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Norte (FIERN), engenheiro Fernando Bezerra, para dar início à sua programação de cursos de Formação de Técnico Especial de Confecções, com ano e meio de duração.

Por enquanto, o Centro conta com cinco professores fixos e ministra cursos de treinamento, qualificação e adiestramento, conforme as necessidades das indústrias locais de confecções. Dos setenta alunos que frequentam suas quatro salas de aula teóricas e os nove salões de aulas práticas — nos quais se distribuem as máquinas e mesas de moidagem e corte —, 24 fazem os cursos I e II de Mecânico de Máquinas de Confecções. Isto dá idéia de como o estabelecimento

veio ao encontro das necessidades das empresas locais: todos estes alunos já trabalham como mecânicos e foram encaminhados ao "Clóvis Motta" pelas próprias indústrias.

— "Até então elas não dispunham de nenhum mecânico cursado, só contavam com práticas", diz Paulo Pereira.

EXPANSÃO EM 1978 — Para outros cursos, havendo necessidade de especialistas, o Centro convoca-os onde houver. Até mesmo nas empresas, pagando hora-aula, mantida e respeitada a preocupação de não disputar a mão-de-obra. "Nosso empenho aqui é justamente o de suprir essas empresas com qualidade", insiste Paulo.

Também por enquanto, os cursos do Centro Clóvis Motta se têm limitado à área norte-rio-grandense. Para o estabelecimento começar a receber maciçamente alunos egressos de outros Estados nortistas e nordestinos, o que deverá ocorrer muito brevemente, será montada pelo Departamento Nacio-



Curso: Costureiro Industrial

nal do SENAI uma programação capaz de atender plenamente às necessidades localizadas. O primeiro passo neste sentido, após o levantamento básico das necessidades gerais de mão-de-obra da indústria de confecções nas duas regiões, é uma pesquisa atualmente em execução sobre as carências por Estados e por categoria de empresa.

— “Nós vamos atender a todo o Norte e Nordeste já a partir de 1983”, garante Paulo Pereira, assegurando que não serão necessárias grandes alterações na situação presente do “Clóvis Motta”, para isto, porque o Centro foi planejado para expandir modularmente. Tanto assim é que algumas de suas salas de aula ainda permanecem fechadas.

APOIO SOCIAL — O que terá de ser feito é a montagem de programas de apoio social aos alunos de fora nos períodos em que se concentrarem em Natal, a exemplo do que o SENAI oferece em outros centros. Isto preocupa

menos, na medida em que se sabe que serão encaminhados para Natal alunos já contratados pelas empresas dos outros Estados, em busca de aperfeiçoamento em atividades específicas e mais sofisticadas da indústria de confecções, e não candidatos às vagas do patamar do setor, que é onde estão as costureiras.

A breve existência do “Clóvis Motta” já ofereceu a Paulo Pereira e seus auxiliares oportunidades de forçarem a criatividade a serviço da solução de problemas dos candidatos, e não do centro, particularmente no caso dos participantes dos cursos de Costureiros. De costureiras, aliás, por quanto a predominância feminina é inquestionável.

Quanto a esta categoria de mão-de-obra, o plano que o Centro adotou, utilizando a propaganda volante em bairros da periferia natalense, é procurar as potenciais candidatas, treiná-las e, ao término do curso, encaminhá-las ao mercado de trabalho. De momento, a equipe exulta: as 34 parti-

cipantes do curso de Costureira Industrial que se encerrará com o término do semestre já estão praticamente empregadas nas indústrias Guararapes, Soriedem e Alpargatas.

Nem sempre, entretanto, o relacionamento entre as candidatas a costureira e o Centro Clóvis Motta ensejou alegrias. Paulo Pereira recorda que nos primeiros dias de um curso para Costureiras Industriais, pelo menos metade das participantes desmaiavam e apresentavam sintomas de fraqueza, provocadas pela fome.

Depois de मतुfar sobre o problema, em comum acordo com o engenheiro Antomar Ferreira de Souza, diretor do Regional do SENAI, ele conseguiu pôr em prática uma solução que vem dando certo: as peças de roupa confeccionadas nas aulas são vendidas, a preço de custo, apenas aos servidores do próprio SENAI, e a renda dessa comercialização é transformada em lanches e nas passagens de ônibus das futuras costureiras.



EMPREGOS

Mais mão-de-obra para o setor de mineração

Por ocasião do II Encontro Regional com Empresários dos Setores de Energia e Mineração — EMPRESEME —, ocorrido no último dia 10, em Pernambuco, o Secretário de Indústria e Comércio, Jorge Ivan Cascudo Rodrigues, ratificou, junto ao Ministério das Minas e Energia, a sugestão do Sindicato dos Mineradores do Rio Grande do Norte, no sentido de aproveitar parte das pessoas inscritas em planos de emergência da SUDENE, para trabalhar nas áreas do Estado onde existam ocorrências minerais. Mesmo com a emergência desativada, a sugestão do Sindicato consiste em por este plano em prática em outras prováveis emergências a serem acionadas no Rio Grande do Norte.

O pleito do Sindicato dos Mineradores fundamentam-se em que o emergenciado a ganhar o dinheiro referente à sua produção como garim-

peiro. Em outras palavras, significa dizer que o emergenciado, trabalhando no garimpo, elevaria em três vezes sua remuneração, conforme afirma o Presidente do Sindicato da classe, Marcelo Porto.

EMERGÊNCIA FUTURA —

Desde quando o Rio Grande do Norte passou a ser afligido pelas secas consecutivas, o Sindicato dos Mineradores sugeriu a mobilização de parte dos emergenciados para frentes de garimpo, considerando ser esta atividade bem mais rentável, o Estado apresentar diversas áreas com ocorrências minerais e a fácil adaptação ao trabalho. Com a desativação da emergência, a idéia só será aproveitada agora em possíveis novos planos de obras. A Secretaria de Indústria e Comércio ratificou o pleito do Sindicato junto ao Ministro César Cals, que considerou



Jorge Ivan: sugestão

interessante a iniciativa e sugeriu que o referido pleito fosse encaminhado à SUDENE, por intermédio dos Governadores dos Estados Nordesteiros que são, inclusive, conselheiros daquela Superintendência.

Marcelo Porto, tido como expert em mineração e Diretor da Mineração Tomáz Salustino ao sugerir em nome do Sindicato, a mobilização dos emergenciados para o garimpo, apresentou dados interessantes: "Em 1968, a Mineração Tomáz Salustino comprou 600 toneladas de garimpo. Nesses últimos três anos

não chegamos a comprar nem 100 toneladas. Na realidade, a falta das chuvas compromete um pouco o garimpo, mas se mobilizarmos parte dos emergenciais para a atividade, pelo pouco que produzem, ganharão bem mais do que o míngua salário da emergência. Eles passariam a ganhar o dinheiro da emergência mais o da produção”.

O plano de emergência da SUDENE que foi desativado há menos de vinte dias, cadastrou 135 mil pessoas, entre homens e mulheres. Na concepção do Sindicato dos Mineradores do Rio Grande do Norte, parte desse pessoal deveria ser mobilizado para o garimpo, aproveitado nas áreas que apresentem ocorrências minerais — principalmente o Seridó —, sem prejudicar o real propósito do Governo Federal que é, na emergência, construir açudes, poços etc, enfim, reter água. “Enquanto uns estariam nessa atividade, outros desenvolveriam suas funções no garimpo, inclusive mulheres”, adiantou Marcelo Porto.

COOPERATIVAS MOBILIZANDO — Achando por demais válida a idéia do Sindicato dos Mineradores, o Diretor da Companhia de Desenvolvimento Mineral, Elias Fernandes enfatizou que a Cooperativa dos Mineradores de São Tomé e a de Cerro Corá estão aproveitando — ou aproveitaram — pessoas inscritas na emergência para trabalhar no garimpo, e com absoluto sucesso. “Cento e vinte e oito emergenciais foram aproveitados por essas Cooperativas recentemente e elevaram consideravelmente seus níveis salariais”, concluiu Elias.

Com a presença do Ministro das Minas e Energia, César Cals e de todos os diretores de órgãos vinculados aquele ministério ao EMPRESE, o pleito do Sindicato dos Mineradores foi ratificado pela Secretaria de Indústria e Comércio, através de seu titular, Jorge Ivan. A desativação da emergência é um fato, mas o Sindicato dos Mineradores do Rio Grande do Norte está confiante que, caso sejam acionados outros planos emergenciais da SUDENE no Estado, que se mobilize parte dos inscritos para trabalhar nas frentes do garimpo.



NÓS MOVEMOS A INDÚSTRIA POTIGUAR

Nesta data de 25 de maio, consagrado à Indústria em todo o País, a Federação dos Trabalhadores nas Indústrias do Estado do Rio Grande do Norte, por intermédio de seu Presidente, Pedro Ricardo, saúda a todos aqueles que exercem a atividade fabril no Estado, mais particularmente aos industriários e congratula-se com a FIERN — Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Norte — por estar inaugurando hoje o Centro Clóvis Motta — Formação e Treinamento em Confeções —, lançando seu Cadastro Industrial e homenageando os 40 anos do SENAI.



Federação dos Trabalhadores da Indústria do Estado do Rio Grande do Norte

Muitas idéias para RN sair das dificuldades



O momento é de discussão e debate

Talvez seja influência da campanha eleitoral, ou da pressão da seca/inverno ou mesmo, como acreditam alguns, porque quando está próximo do fim de um mandato de um Governador é sempre assim. Mas o fato é que muitas idéias novas — ou simplesmente sugestões — estão surgindo no panorama empresarial do Estado, nos últimos meses. O aviltamento do preço de certas matérias-primas no mercado internacional — como a scheelita — também força o surgimento de planos visando novas alternativas, que estão sendo produzidas teoricamente tanto na área empresarial — fruto de iniciativas isoladas —, como na do Governo do Estado e da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. O próprio Reitor Diógenes da Cunha Lima tem afirmado seguidas vezes que a UFRN está voltando-se cada vez para esse processo de



As feministas também querem participar

EMSERV Empresa de Serviços de Vigilância

EMSERV E EMSERG — No dia 16 de fevereiro de 1971, Natal passava a contar com os primeiros serviços de locação de mão-de-obra, nas áreas de segurança e serviços gerais. Surgia a Empresa de Serviços e Vigilância — EMSERV, firma especializada em prestar serviços de vigilância, segurança e transportes de valores. Como previam seus estatutos, a EMSERV iniciou suas atividades também atuando na área dos chamados serviços gerais, destacando-se os de limpeza. No início de 1980, a

EMSERV desvinculou suas áreas de competência, criando assim a EMSERG — Empresa de Serviços Gerais.

A EMSERG — Turmas de limpeza, bombeiro hidráulico, electricista, marceneiro, motorista, servente, jardineiro, copeira, atendente, recepcionista, telefonista e outras especialidades, são pessoas que estão com seus nomes devidamente catalogados pela EMSERG. Na hora em que se necessitar de um desses profissionais, basta ligar 222-5674.



Esse é mais um serviço que a EMSERV oferece ao RN: transporte de valores sob guarda de portadores. Também somos pioneiros nos serviços de transporte de

valores em viaturas blindadas. Estamos ao dispor das indústrias e rede bancária de transportes de valores para qualquer parte do território potiguar.

ESTAMOS PRESENTES NO DESENVOLVIMENTO DO RN

Em julho de 1976 Natal ganhou mais uma Indústria no ramo de confecções, abrindo emprego direto e indireto ao povo da Capital. Inicialmente começamos com 06 funcionários, hoje proporcionamos 120 empregos diretos, e nossa perspectiva para o futuro próximo é de 250 ou 300 empregos. 70% de nossa produção é de fardamentos, sendo exportado para outros Estados do Brasil, alcançando até o longínquo território de Roraima. O restante de nossa produção é de roupas em geral, linha onde vem procurando uma maior expressão. Nós estamos sempre presentes no desenvolvimento do Rio Grande do Norte, somando mais para o engrandecimento do nosso Estado. A nossa meta é atingir o progresso ativo no ramo de confecções industriais em nosso Estado.



**ICOL : INDÚSTRIA E COMÉRCIO
DE CONFECÇÕES LTDA.**
FARDAMENTOS E ROUPAS EM GERAL

Rua Antônio Basílio, 616
Dix-Sept Rosado — Natal

“produção de idéias” que se reflitam de forma prática na sócio/economia do Estado, desenvolvendo um trabalho intenso de pesquisa na área tecnológica de modo a suprir os setores da economia de um arsenal científico razoável, com características locais e a baixo custo.

ESFORÇO INTEGRADO — Numa pesquisa realizada por RN/ECONÔMICO entre estudantes da UFRN que estão em cursos técnicos a constatação é de um entusiasmo muito grande sobre as possibilidades de “uma virada no futuro do Estado”. Numa amostragem com dez estudantes, o sentimento generalizado é de que simplesmente o diploma já não confere “status” a ninguém e que, numa economia moderna, “status não enche barriga”, como disse Fernando Oliveira da Nóbrega. O choque que o alto índice de desemprego no Estado tem causado é muito grande na classe universitária e entre os recém-formados. Uma indicação significativa desse estado de espírito é o alto número de formados que está tomando providências para conseguir o reingresso na Universidade. Também outro aspecto indicativo é a frequência inusitada dos “alunos especiais”, segundo revela um professor. Esses alunos especiais — que são pessoas geralmente já formadas e que conseguem frequentar a Universidade em algumas matérias de cursos noturnos — sempre se caracterizam pela pouca assiduidade. Eram mais pessoas que não queriam se afastar de todo do convívio da Universidade depois de formadas.

Mas isso mudou. RN/ECONÔMICO apurou que este ano as aulas nos cursos especiais são para valer e tem havido até reviviscências de antigas questões professores x alunos dos velhos tempos especialmente no curso de Inglês, onde a professora é apontada como “excessivamente exigente”. Na área dos cursos especiais a matéria Língua Portuguesa é a mais procurada e há uma imensa fila dos que estão tentando uma vez na sala de aula — o que é outra indicação da ânsia em aperfeiçoamento.

ESPERANDO — A sensação dominante nos cursos universitários, por outra parte, é de “espera”. Maria de Fátima Pereira diz que “está havendo muita coisa por aí, muita coisa deve mudar no Rio Grande do Norte nos próximos anos e a gente deve estar

preparada para isso”.

Maria de Fátima apresenta um conceito que também mostra o realismo que a pressão sócio/econômica exerce sobre a mentalidade estudantil:

— Emprego político está difícil. Emprego de qualquer forma está difícil. O meio mais seguro de se conseguir uma boa colocação, sem se estar humilhando a ninguém com pedidos e rebaixamentos, é o concurso público. E para fazer um concurso público é preciso saber alguma coisa — pelo menos ter boas noções.

Os estudantes também ficam confusos e, ao mesmo tempo, motivados, quando ouvem falar de todos os projetos e planos que circulam no momento no Rio Grande do Norte e principalmente na própria área da Universidade.

— O sentimento de todos é que todas essas coisas vão resultar em empregos e oportunidades — diz Maria de Fátima, traduzindo o pensamento de muitos estudantes. “Porque ninguém acredita mais que o Rio Grande do Norte vá viver eternamente esperando por um bom inverno e temendo a estiagem”.

ESPERANÇAS E DÚVIDAS — A situação gera esperanças e dúvidas. De qualquer maneira, segundo Vicente Correia de Souza, também estudante da UFRN, “é muito melhor esse estado de expectativa e insatisfação do que o conformismo”.

Quase todos pensam assim também. A insatisfação reinante em relação ao artificialismo dos currículos, a qualidade do ensino, o nível de certos professores e a ânsia pelos debates são sintomas dessa situação.

Não são só os setores estudantis que estão nessa efervescência. Em Natal, no momento, há cerca de meia dúzia de movimentos feministas divergentes entre si quanto às táticas de militância mas todos ativos e buscando uma participação mais ativa da mulher.


Essa “tensão social positiva”, na interpretação de um estrategista das campanhas políticas que estão em preparo, assusta até mesmo os assessores dos principais candidatos ao Governo do Estado, pois o dado mais relevante em todas as pesquisas de opinião pública até aqui realizadas é o número altíssimo de eleitores indecisos — superior a 40%. Isso quer dizer que até mesmo os candidatos estão sendo questionados. □

NOTÍCIAS DO SINDICATO DOS CERAMISTAS

São Paulo abriu mão da cobrança da demanda de energia elétrica para as indústrias que parem suas máquinas nos horários de “rush”.

O nosso Sindicato está tentando o mesmo tratamento para com as indústrias potiguares, particularmente às cerâmicas. O assunto foi levado ao Ministro da Indústria e Comércio, Camilo Penna, em sua última viagem a Natal, que prometeu estudar o problema junto ao Conselho Nacional de Energia. Vamos lutar para tudo dar certo. Só assim as indústrias terão um abatimento de 50% nas contas de energia.

SIND. DA IND.
DE CERAMICA
PARA CONST.
DO ESTADO DO
RIO GRANDE
DO NORTE



16. 5. 1932
16. 5. 1982

Hoje como há 50 anos : **CONSTRUIR E RENOVAR**

Essa é uma história de 50 anos, sintetizada no binômio construir e renovar. A história de três gerações de empresários que construíram uma empresa cuja história, em muitas oportunidades, se confunde com a história da Cidade do Natal e do seu povo. Um testemunho eloquente de que a força do trabalho consciente e persistente é o caminho certo de quem pretende construir. Construir no compromisso de realizar, perenizar, edificar, criar. E a imperiosa necessidade de renovar. Renovar no sentido de adaptação aos novos tempos, de incorporação de novas tecnologias, de garantir a continuidade ao que foi feito com esforço e sacrifício. Nas três gerações de empresários que legaram ao Rio Grande do Norte uma organização do porte de Galvão Mesquita Ferragens S/A, este binômio - renovar e construir - está presente em cada instante, a cada conquista, na luta diária, nos desafios permanentes.



Porque homens como nosso fundador, Amaro Mesquita, ousaram construir a partir de uma sólida base moral, quando a fragilidade da economia estadual era desestimulante. E outros, como o seu seguidor Hermita Cansanção, que recebendo uma empresa estabilizada, em vez de se acomodar, aceitaram o desafio da renovação.

GALVÃO MESQUITA FERRAGENS S/A tem ajudado muitos norte-rio-grandenses que também constroem e renovam.

Hoje, como há 50 anos, quem constroi ou renova tem um aliado e um amigo em Natal.

Conte com esse compromisso, pelo menos por mais 50 anos.

GALVÃO MESQUITA FERRAGENS S/A.

Afinal a definição de um programa controvertido

Afinal, acabou a Emergência. Seu fim, se foi lamentado por muitos políticos — alguns por interesse eleitoral, outros por sincera preocupação com o destino de mais de 120 mil trabalhadores rurais no Rio Grande do Norte — foi um alívio para alguns técnicos do Escritório da Sudene no Estado que vinham tendo uma trabalhadeira extraordinária para evitar que seus recursos não fossem tão mal aproveitados. Um técnico confidenciou à **RN/ECONÔMICO** que a “corrupção na Emergência era realmente angustiante e nos preocupava muito, porque criava situações muito constrangedoras”.

Para o pessoal da Sudene, a corrupção na Emergência, no Rio Grande do Norte, era realmente um problema altamente delicado e explosivo. Os técnicos se viam compelidos a atuarem num constrangedor aparente equilíbrio: os relatórios e os números indicavam a corrupção, mas eles não podiam abordá-la. E não podiam — como disse o mesmo técnico à **RN/ECONÔMICO** — por um conjunto de motivos: a delicada e sempre suspeita posição da Sudene em relação às medidas que costuma tomar, o pudor de não interferir em assuntos internos do Estado e a própria ética profissional que exige um tipo de forçada neutralidade.

TAMBÉM A EMATER — Mas o Plano de Emergência vem se constituindo num pesadelo, há três anos, também para a Emater e todo o seu corpo técnico. E igualmente por muitos motivos. O principal dele prende-se ao desvirtuamento das funções originais do órgão, que é a extensionista, a assistência técnica ao homem do campo. No entanto, como a Emater dispõe de uma rede de escritórios em todo o Estado e está mais em contato com os agricultores, foi escolhida como instrumento mais apropriado para a execução do Plano de Emergência — execução, explique-se, que se resume no alistamento e pagamento dos agricultores. Sem poder realizar os seus planos originais, a Emater

I. SILVA



Emergência não mudou o drama da seca

também se viu num atoleiro — num duplo, num múltiplo e pegajoso atoleiro.

Por diversas vezes o diretor-presidente da Emater-RN, agrônomo Gilzenor Sátiro, lamentou o envolvimento do órgão em tal tarefa. Esse envolvimento, além de implicar no desvio das metas originais e que, naturalmente, são mais do agrado dos técnicos, colocou a Emater no centro das pressões. Pois foi ela a mais sujeita a esse tipo de pressão, com os seus escritórios praticamente cercados de pedidos para inscrições. Em certas circunstâncias, nas cidades menores, os técnicos da Emater simplesmente não tinham condições de

escapar a todas as pressões para incluir este ou aquele na Emergência. E aí está explicada uma parte da corrupção no programa de ajuda.

A INSATISFAÇÃO — O Plano de Emergência também tem aspectos controvertidos e até agora, mesmo em sua fase final de desativação, não explicados. Num apanhado de todas as opiniões — ou quase todas — em torno dele, fica-se sem saber se, afinal, foi útil, ou não. Ou seja: os políticos opositoristas têm criticado duramente a Emergência porque o que pagou a cada trabalhador — inicialmente pouco mais de três mil e, no fim, pouco mais de quatro mil cru-

zeiros — não dava nem para a alimentação de uma semana. Depois, houve a modificação no critério de inscrição, por idade e sexo, que passou a vigorar na última etapa do Plano.

O deputado estadual Garibaldi Alves Filho, do PMDB, um dos maiores especialistas na Emergência no Estado e que tem se dado ao trabalho de, semanalmente, percorrer pessoalmente os locais onde ele funcionava para ouvir os trabalhadores — além de manter uma grande correspondência com eles por causa do seu programa diário na Rádio Cabugi — sempre criticou duramente o programa por significar uma ajuda irrisória — e uma ajuda paga sistematicamente com atraso. Mas, ao mesmo tempo, todas as vezes em que foi ventilada a possibilidade de extinguir a Emergência, Garibaldi protestou com a tranqüila, mas sistemática, combatividade que lhe é peculiar.

É A MÃO-DE-OBRA? — Nunca houve concordância em relação à Emergência. Os pequenos e médios proprietários têm, em relação a ela, uma posição absolutamente ambígua. Por um lado, reclamam porque,



Garibaldi: crítico da Emergência

UM DIA MUITO ESPECIAL

O Dia da Indústria, 25 de maio, tem um sentido todo especial para o Empresariado, Povo e Governo.

Nesta oportunidade, associando-me aos que fazem a FIERN e, em perfeito entendimento com os seus propósitos, tenho a certeza de que a luta sempre contínua do Empresariado Potiguar fará, sem nenhuma dúvida, com que a soma de esforços das lideranças empresariais e do Governo Lavoisier Maia alcancem o ponto maior de fortalecimento do Rio Grande do Norte: o seu desenvolvimento para o bem comum.



Otacílio Silva da Silveira
Otacílio Silva da Silveira
SECRETÁRIO DA FAZENDA



A agricultura nada lucrou

com o dinheiro pago a cada membro de uma família de agricultores fica difícil conseguir mão-de-obra para os pequenos serviços. A renda conjunta, em muitos casos, ultrapassava o que o pequeno proprietário podia pagar. A consequência imediata era a inflação salarial e a dificuldade para conseguir mão-de-obra.

Esse o lado negativo. Mas sempre houve o lado positivo para o pequeno e médio proprietário rural que, mesmo reclamando, usou fartamente a Emergência para as melhorias em suas propriedades e foram os mais ansiosos quando os pagamentos mensais empancavam nos bancos depois de liberados pela Sudene.

Um agrônomo da Emater depõe:

— Todos reclamam da Emergência, todos têm alguma coisa a dizer contra ela, mas todos protestaram com o seu fim e, pelo gosto de todos, ou pelo menos da maioria, ela não se acabaria nunca.

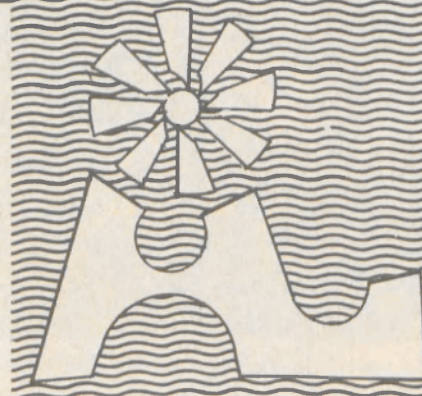
ILUSÃO — E, segundo alguns observadores mais acostumados com as incoerências da Emergência, o que parecia já estar existindo era uma espécie de ilusão sobre a sua perpetuidade. Era como se o hábito daquela

O GRUPO NORA-LAGE TAMBEM PARTICIPA DO DIA DA INDÚSTRIA

São decorridos muitos anos, são algumas décadas de trabalho sem interrupção em vários empreendimentos, inclusive numa salina aqui no Rio Grande do Norte. E aqui nós não ficamos naquela de só colher sal, não. Ampliamos os nossos projetos, viabilizamos novas alternativas econômicas nos campos da agropecuária e da maricultura. No Dia da Indústria vimos juntar nossa palavra de confiança e de apoio aos dirigentes da Federação das Indústrias — FIERN, assim como confiamos no futuro deste Estado.



- HENRIQUE LAGE
SALINEIRA DO NORDESTE S/A
- HENRIQUE LAGE AGRO-PECUÁRIA LTDA.
- HENRIQUE LAGE MARINOCULTURA LTDA.



contribuição mensal já se tivesse enraizado tão profundamente que muitos não concebiam mais ficar sem o dinheiro dela. A lógica, contudo, dizia que mais cedo ou mais tarde o sistema teria de ser desativado. Mesmo porque, o Governo Federal já percebera todas as distorções que o programa tinha provocado e estava determinado a extingui-lo. Só não o fez antes porque havia o aspecto político da questão e os técnicos não queriam se meter numa polêmica sem fim tentando mostrar a opinião pública os motivos reais escondidos em muitos protestos pela extinção da ajuda.

Nisso tudo, até hoje a opinião pública não foi suficientemente esclarecida sobre tudo o que realmente acontece e aconteceu em relação à Emergência. Ela ouve o vozerio, mas não sabe distinguir com quem está a razão. Os interesses são muitos e variados.

O RESULTADO — O fato é que, no balanço da Emergência, pode-se dizer que ela pouco se diferenciou das antigas frentes de trabalho. Não passou, de fato, conforme reconhecem os técnicos, de uma ajuda sem muita profundidade, que pouco se diferen-

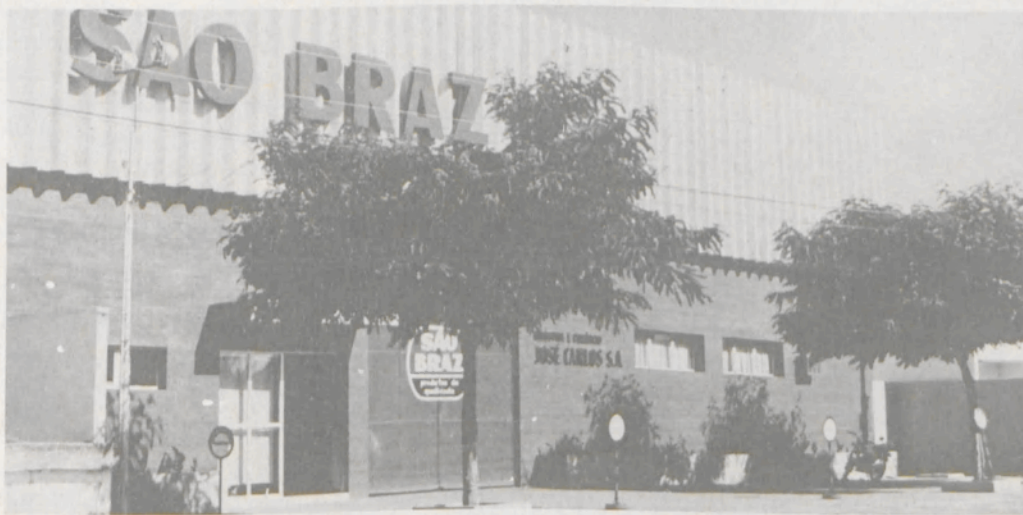


A paisagem continuará seca?

ciou dos critérios da antiga "indústria da seca". Em substância, não há diferenças.

Mesmo que o inverno se torne mais regular e as previsões do Centro de Tecnologia da Aeronáutica não se

confirme para que a seca seja neste ano a mais dramática de todo o ciclo previsto, o problema do agricultor pequeno e sem propriedades continuará sendo o mesmo: o de crédito, de recursos para financiar o seu plantio. □



Indústria é progresso.

O progresso de uma terra pode ser medido pelo seu Polo Industrial! Ao longo dos últimos anos, o esforço dos empresários norterio-grandenses vem sendo redobrado, com o intuito de colocar a terra potiguar numa posição de destaque no cenário industrial brasileiro.

Esse esforço não foi feito em vão, pois o Complexo Industrial do Rio Grande do Norte já gañou as posições almejadas por seus executivos, que não param por aí, pois procuram dinamizar as suas empresas através da modernização da tecnologia, a fim de que, à cada dia que passa, o progresso potiguar seja reconhecido mais e mais, através do que representam suas indústrias no Complexo Nacional.

*Neste dia, o esforço dos industriais norterio-grandenses não pode ser esquecido, principalmente por uma Empresa que, no seu Estado, luta com as mesmas armas e pelo mesmo interesse: elevar o nome do seu torrão, ratificando o pensamento de que INDÚSTRIA É PROGRESSO!!
Dia da Indústria: data de homenagens a quem quer ajudar sua terra!*



**INDÚSTRIA E COMÉRCIO
JOSÉ CARLOS S.A.**

PRAGMATISMO DO CUSTEIO AGRÍCOLA

“A maioria dos municípios do Estado onde a atividade de produção agrícola existe, já recebeu a primeira parcela do custeio agrícola e os que não receberam foi porque o inverno ainda não está caracterizado nesses locais. Quanto aos recursos, tivemos algumas dificuldades momentâneas devido nosso condicionamento orçamentário que somos obrigados a cumprir”. A declaração é do Superintendente Adjunto do Banco do Brasil, Leobardo de Souza, com relação a informação existente entre os agricultores sobre o financiamento pelo Banco do Brasil nessa área.

Dando explicações sobre a liberação do custeio para esta safra, disse que a segunda parcela dessa linha de financiamento somente sairá caso o inverno esteja mesmo caracterizado — “Nós, dentro das limitações orçamentárias, não podemos também emprestar sem ter uma garantia de safra. Trabalhamos com isso há bastante tempo e sabemos todo esse procedimento”. Diante das perspectivas de um inverno razoável, pelo menos com as últimas chuvas caídas, afirmou Leobardo que acredita que atualmente somente 30 por cento dos municípios têm a garantia de uma safra regular e, por conseguinte, fariam jus a segunda parcela do custeio agrícola.

Para o Superintendente Adjunto, o Banco do Brasil está perfeitamente integrado à política orçamentária nacional. Para isso o Governo determina valores e o Banco é obrigado a trabalhar apenas em cima desse orçamento.

DIFERENTES — Salientou que, definido o orçamento para o corrente ano, o BB divide os recursos pelas principais linhas de crédito, que inclui cerca de 20, entre elas, o custeio agrícola, e trabalha dentro de cada dotação.

No Estado, por exemplo, os recursos são distribuídos entre as 25

parcelas. Inicialmente, quando o cliente tem sua proposta aprovada, o Banco solta a primeira parcela.

Esta será destinada a desmatamento, preparação do terreno, gradagem, aração e plantio. Feito isso, o produtor tem que aguardar o inverno. Somente com a definição de uma safra, diante de chuvas regulares é que o Banco do Brasil libera a segunda parcela: “Achamos que o agricultor que assumiria empréstimos, como é o caso de querer a segunda parcela do custeio, se ele tem certeza de frustração de safra”. A primeira parcela do custeio é de 40 por cento do total do empréstimo. Se o inverno estiver mesmo caracterizado o BB libera a segunda parcela que corresponde a cerca de 30 por cento do financiamento, para que o produtor possa fazer a limpeza de sua plantação. O último procedimento que permite o Banco do Brasil garantir a última parcela do custeio sem qualquer dúvida, é quando a safra está garantida, com o agricultor recebendo os 30 por cento restantes do financiamento.

Questiona então Leobardo de Souza: — “Por que o Banco vai liberar dinheiro se sabemos quando há ou não perspectiva de inverno”? Lembrou ainda que o BB, dispõe de vários organismos que trabalham em função da fiscalização para saber mesmo das probabilidades de sucesso da safra. Para isso informações são dadas pela Emater, fiscais do Banco, além de existir na instituição um quadro de agrônomos justamente para somente trabalhar analisando esses aspectos que condicionam o custeio agrícola.



agências do BB, que também atuam em diversas linhas de financiamento: “É preciso que se compreenda que as nossas dotações são limitadas mês a mês.

Explicou que os recursos do custeio agrícola são divididos em três

QUEM MAIS LHE FARIA ESTA PROPOSTA QUASE INDECOROSA?

Na Rolmaque
você tem o melhor
preço à vista

Aproveite esta oferta de lançamento e compre o mais novo modelo da Facit Elétrica. A máquina de escrever que faz qualquer trabalho, até os mais pesados, com um toque sempre macio, e não perde tempo com manutenção. A nova Facit tem avançados recursos que permitem uma datilografia perfeita. Ela simplifica o trabalho, que fica mais rápido e econômico. Esta oferta é válida também para a Facit manual.

ou em 4 vezes
sem acréscimo

*Nova Facit Sueca
preferida por ser a mais forte*

 **FACIT**

ROLMAQUE

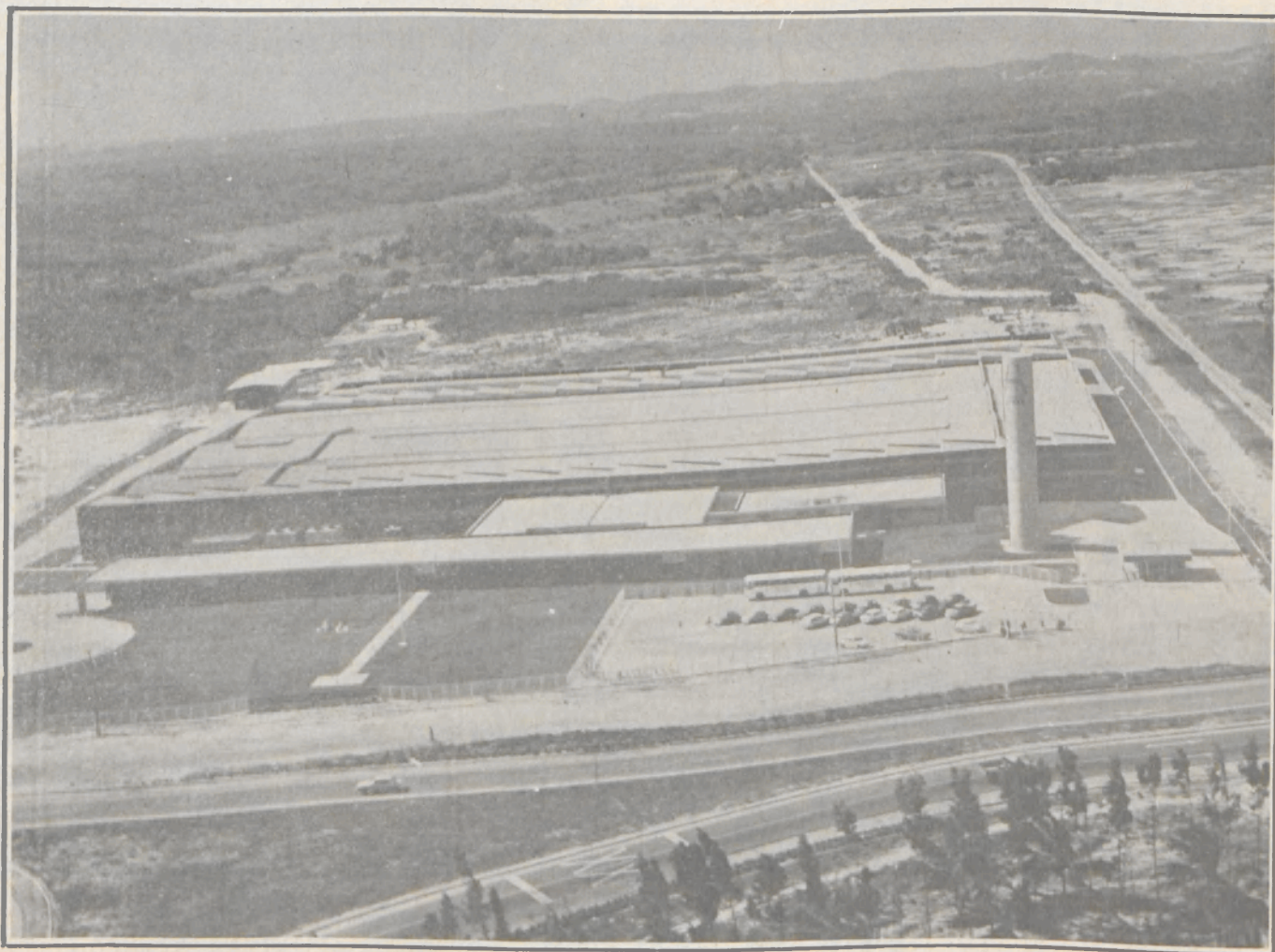
ROLAMENTOS E MÁQUINAS LTDA.

Matriz: Rua Dr. Barata, 238 — Tels.: 222-2854/1467. Filial: Praça Augusto Severo, 103/105 — Tel: 222-6742

SEMPRE FIANDO

No momento em que é comemorado o Dia da Indústria, a SPERB manifesta a sua disposição de continuar no esforço comum pelo crescimento industrial e econômico do Rio Grande do Norte. Produzindo mais, exportando e

criando novas oportunidades para o crescimento das riquezas deste Estado, a SPERB comunga os mesmos objetivos de quantos se congregam em torno da Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Norte — FIERN.



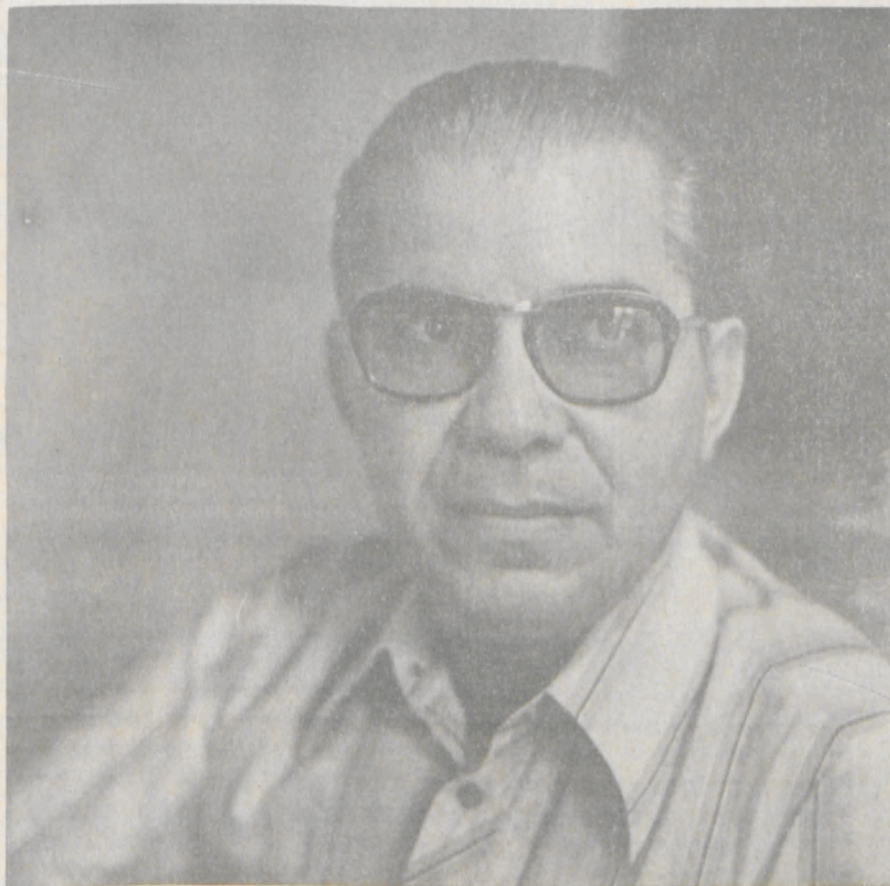
SPERB DO NORDESTE S.A. INDÚSTRIA TÊXTIL

Entroncamento da BR-101 com a BR-104 — Eduardo Gomes

Padre Agnelo: um bicampeão do mundo tem fé na seleção

Faltando poucos dias para a Copa do Mundo da Espanha há, em Natal, quem tenha motivo mais do que especial para aguardar com ansiedade o momento em que a Seleção Brasileira começar a disputar, em campo, o que poderá ser o quarto título mundial: é o Padre Agnelo Dantas Barreto. O motivo é mais do que especial porque ele já participou diretamente de um Campeonato Mundial, e justamente o mais emocionante: o de 1962, no Chile, no qual Padre Agnelo prestou assistência espiritual e esteve lado a lado de jogadores — hoje autênticas lendas do futebol brasileiro — como Gilmar, Garrincha, Amarildo, Nilton Santos, Djalma Santos e, naturalmente Pelé. De certa forma, o sacerdote, que é natural de Ceará Mirim e hoje está ligado à Cúria Metropolitana de Natal, se sente bicampeão do mundo. E, nessa condição, não se inclui, propriamente, entre os 120 milhões de técnicos que formam a massa torcedora brasileira mas, de fato, percebe de maneira mais prática o que pode acontecer na Espanha porque sabe o ambiente interno de uma Copa do Mundo, a sua real atmosfera, o que se passa nos bastidores.

O CAMPEÃO ENGAJADO — O engajamento de Padre Agnelo na delegação brasileira, em 1962, ocorreu por um feliz acaso de circunstâncias. Segundo conta à RN/ECONÔMICO, estava realizando um curso superior na Pontifícia Universidade Católica do Chile em 1962 num grupo de padres de diversas partes do mundo. O Comitê Executivo da Copa do Mundo tinha tomado a si a responsabilidade de fazer convites aos padres para atuarem como capelães junto às diversas delegações. O vice-Presidente Executivo do Comitê, Hidalgo Cebellas, fez o convite ao padre potiguar, que se encontrava em Santiago. Mesmo tendo de se deslocar para Vina del Mar, a 150 quilômetros de distância, onde a Seleção Brasileira disputava os jogos pelas oitavas de final, Padre Agnelo não hesitou. Ao



chegar em Vina del Mar, ele ficou hospedado na Chácara Qilpus.

ASSISTÊNCIA ESPIRITUAL — Lembra o religioso que, devidamente instalado, passou a prestar toda assistência espiritual possível não só aos jogadores como aos torcedores brasileiros que estavam na cidade em grande número.

Ainda hoje, ele lembra com muita emoção o jogo com a Espanha. Foram momentos inesquecíveis e que ainda lhe passam claros pela mente. Recordada, por exemplo, a excelente atuação do elegante e eficiente arqueiro Gilmar, especialmente quando o Brasil estava perdendo o jogo por 1 a 0 e ele evitou a marcação de um tento certo que poderia liquidar, de vez, com a sorte da partida e o destino do Brasil naquela Copa.

Naquela partida, lembra Padre Agnelo, Garrincha foi um dos melho-

res jogadores do Brasil. Mas foi Amarildo quem fez os dois gols que permitiram a vitória.

Segundo o religioso, o clima não era de muita confiança. A idade dos jogadores levava parte dos torcedores a desconfiar de uma "possível velhice" da Seleção. Para piorar, Pelé, diante da Checoslováquia sentiu uma

distensão na virilha e a Comissão Técnica, que o tinha como a grande arma, ficou confusa. Nessa ocasião, entra o conforto espiritual do Padre Agnelo, o que não deixou de ter sua valia, sabendo-se como o jogador de futebol é impressionável. Ele lembra que dava conforto espiritual em especial a Amarildo, que tinha a grande responsabilidade de substituir Pelé e fazer os gols de que necessitava a Seleção.

AS BATALHAS NERVOSAS — Os jogos iam se sucedendo num clima de natural nervosismo. Além do nervosismo natural, havia a guerra de nervos extra-campo. Espanha e Inglaterra, dois jogos extremamente difíceis, nervosos. Naquela confusão, o Padre Agnelo não tanto quanto os jogadores, mas de qualquer forma com certa intensidade, dava entrevistas às emissoras de rádio e televisão e aos

jornais. Era apenas um membro da delegação brasileira e não um rio-grandense do norte de Ceará Mirim.

Até que chegou o dia da grande final em 17 de junho com a Checoslováquia, time que o Brasil já tinha enfrentado nas oitavas de final, ficando no 0 a 0. O Brasil começou em desvantagem no marcador, de um gol. Mas, depois, virou para dois a um — Amarildo e Zito. E, no segundo tempo, Vavá marcou o gol definitivo do jogo.

RELIGIÃO E FUTEBOL — Padre Agnelo, como religioso, não pode deixar de recordar o perfil espiritual dos jogadores, tanto como o ambiente psicológico e as emocionantes disputas no campo, em si. Ele lembra, por exemplo, que Zagalo — o então incansável ponta esquerda da Seleção — era tão dedicado aos serviços religiosos como na hora de enfrentar os adversários no gramado. O goleiro Gilmar, elegante e elástico — a imprensa o chamava de “a maravilha elástica” — portava-se com muita devoção nos atos litúrgicos, entoando os cantos sagrados com muita contrição.

Enquanto a Seleção esteve em Vina



Padre Agnelo crê em milagres

del Mar, as missas eram celebradas na Capela Santa Cruz. Delas, os torcedores participavam também — únicos momentos em que davam folga a algazarra. Quando a delegação viajou para Santiago, as missas passaram a ser celebradas na Igreja São Vicente, nas proximidades da Embaixada brasileira.

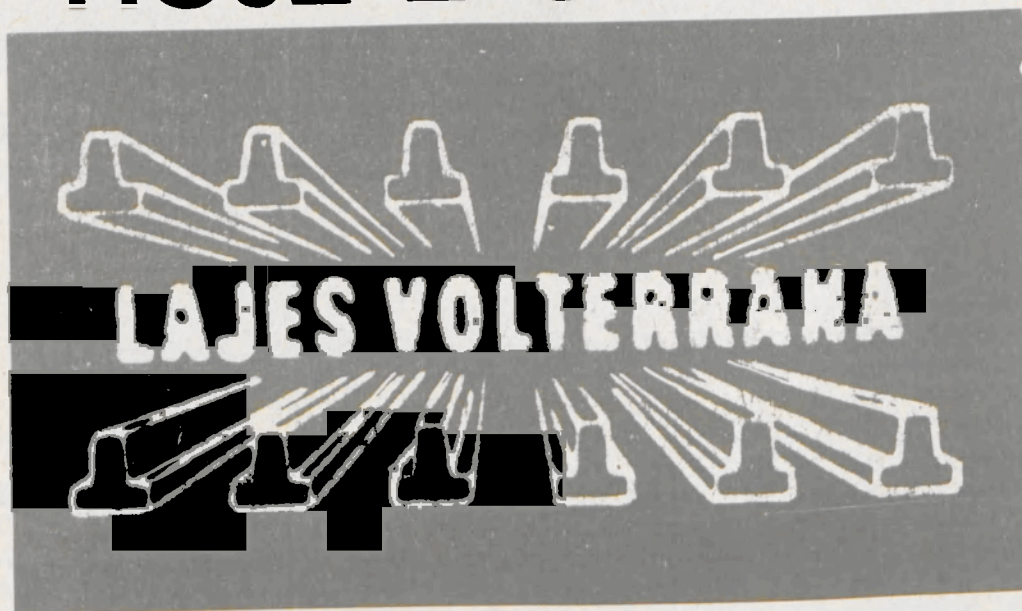
LEMBRANÇAS E DECEPÇÕES — Padre Agnelo guarda muitas boas lembranças da Copa do Mundo de 1962 — e algumas decepções. Ele tem, como uma das lembranças agradáveis, um ofício do Comitê Executivo da Copa convidando para capelão. Tem também muitas fotos dos jogadores, todas devidamente autografadas. E, ainda hoje, alguns jogadores bicampeões se correspondem com ele, como Zagalo, Pepe e Gilmar, de quem ficou amigo.

Uma grande decepção o religioso teve quatro anos depois daquela Copa de 62, na Inglaterra. Mais uma vez ele se encontrava presente, então, na qualidade de torcedor, pois se encontrava de férias. E teve o desprazer de ver uma Seleção inteiramente diferente, em todos os sentidos.

Hoje, passados 20 anos dos momentos emocionantes que viveu no Chile, ele espera mais uma Copa sem muita fé na Seleção. Acha que houve injustiças, como a não convocação de Reinaldo que, no seu entender, deveria ter ficado, ao menos, na regra três.

Mas, como religioso, acredita em milagres. Principalmente, os que não são tão difíceis. □

HOJE É O NOSSO DIA,



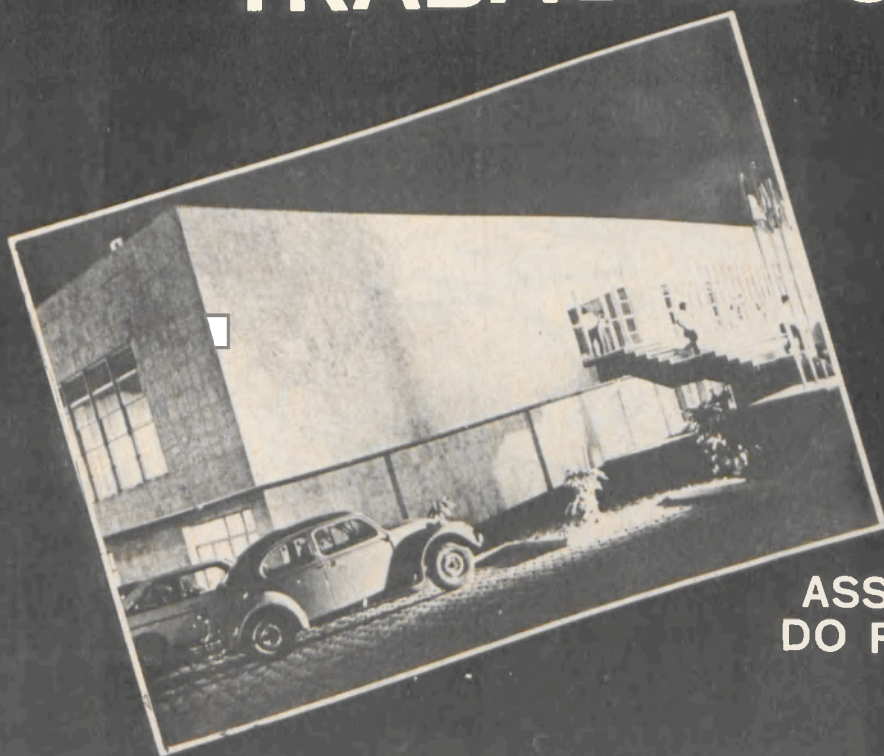
DIA DA INDÚSTRIA

E a Saci — Material de Construção — sente-se feliz nesta data, por estar fabricando, ininterruptamente, há 20 anos, e com absoluta exclusividade, as conhecidíssimas Lajes Volterrana. Em fabricarmos pré-moldados de cimento em geral, é mais uma razão de saudarmos o DIA DA INDÚSTRIA.



Rua Prof. Bañdeira, 828 — Fones:
222-1543 — 222-4677 — 222-3513
Av. Rio Branco, 304 — NATAL-RN

**O PODER LEGISLATIVO
DO RIO GRANDE DO NORTE,
NESTE DIA DA INDÚSTRIA,
SE ASSOCIA ÀS
HOMENAGENS PRESTADAS
HOJE À LABORIOSA CLASSE
EMPRESARIAL, ATRAVÉS
DOS SEUS LEGÍTIMOS
REPRESENTANTES,
EMPRESÁRIOS E
TRABALHADORES.**



**ASSEMBLEIA LEGISLATIVA
DO RIO GRANDE DO NORTE**

A CONJUNTIVITE

el d'altro

VAMO APROVEITAR
QUE O POVO NÃO TA'
VENDO NADA DIREITO,
E FAZER UMA
CORRUPÇÃOZINHA!

BOA



ELE NÃO
PODE ATENDER
ESTA' COM
CONJUNTIVITE...



el d'altro

AS EXPLICAÇÕES
SOBRE A APLICAÇÃO
DOS EMPRESTIMOS
CONTINUAM
OBSCURAS!

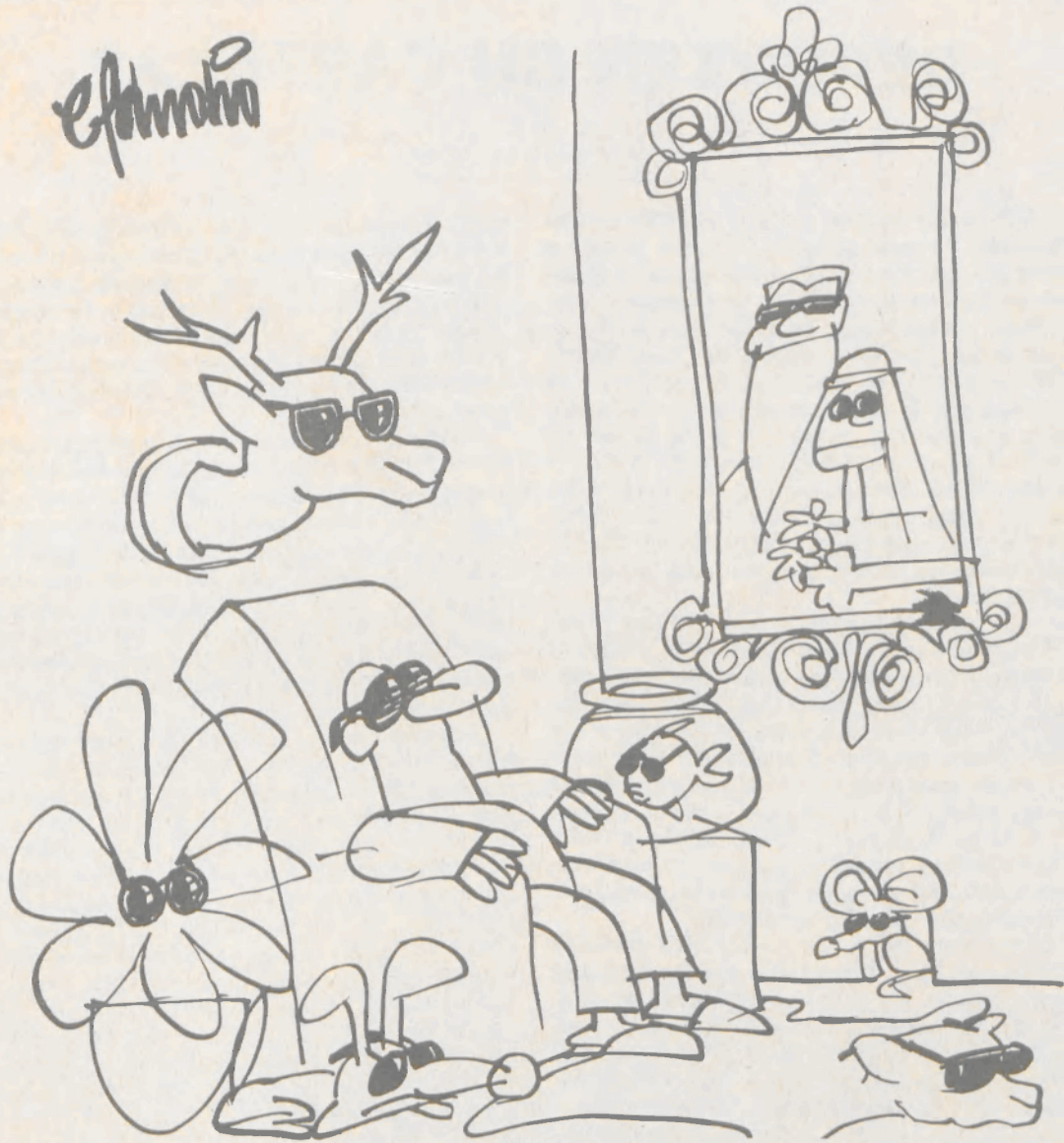


ALEGAM QUE
O POVO TA' COM
CONJUNTIVITE
E NÃO PODE VER
NADA' AS
CLARAS!



el d'altro

elamônio



E ESSE SEUS
OLHOS ASSIM
VERMELHOS!?

É CONJUNTIVITE
MEU IRMÃO!
É CONJUNTIVITE!



REPÓRTER OU CARTOLA?

ROSEMILTON SILVA

O comentário maior do mês foi, sem sombra de dúvidas, a chamada "virada de mesa", numa tentativa de não deixar que os chamados clubes grandes ficassem de fora do final da competição. Desagradou a todos, até mesmo o presidente da FNF, Rui Barbosa, achou a decisão do Conselho Arbitral um tanto quanto idiota. Não podia ser de outra forma. A criação de mais um turno só serviu mesmo para afastar mais ainda o torcedor do estádio e, como não podia deixar de ser, os cartolas ficaram mais desacreditados. O Atlético tinha que ser tirado para escanteio, ninguém podia aceitar que um clube pequeno estivesse na "cabeça-de-chave" e com amplas possibilidades de chegar à final. Mandaram-no para o interior para as coisas ficarem mais fáceis.

Modificou-se o regulamento e deu no que deu. América é campeão antecipado num jogo contra o mesmo Atlético, com muita chuva e sem quase nenhum torcedor. As consequências vieram logo depois. ABC e Alecrim, que seria um clássico, passou a ser apenas um amistoso, o mesmo acontecendo com América e ABC, outro amistoso. A decisão da criação do terceiro turno, assim, sem mais nem menos, apenas para que o ABC ou América, já que o Alecrim tinha sua posição garantida para a final porque já conquistara o primeiro turno, foi absurda, insensata, sem lucidez e fora de qualquer respeito ao torcedor.

Tem de haver uma mudança, senão dos cartolas mas das cabeças deles. É preciso que alguém entenda que anda tudo errado. Os próprios jogadores sentem isso e boicotam as possíveis vitórias. Calados, com medo de serem dispensados vão perdendo as partidas importantes e numa competição tipo a Taça Cidade do Natal quem perde um jogo fica alijado automaticamente. E os dirigentes iniciam um rosário de desculpas ensalando um vexame cavado, alicerçado e construído por eles próprios.

O torcedor que não é besta nem fanático já está afastado há bastante tempo. Aquele mais fiel e que espera sempre uma mudança, uma melhora ainda continua indo ao estádio, mas também já começa a ficar de "orelha em pé" e ensaia um protesto que poderá ter sérias repercussões quando estivermos no Campeonato Estadual. Ninguém se engane, todos os clubes terão um grande prejuízo se não houver uma mudança radical e para tal é preciso que América, Alecrim, ABC e outros clubes sentem à mesa para discutirem uma fórmula ideal. Mas também necessário se faz que a grande maioria dos dirigentes receba, peça, implore até uma ajuda dos "velhos" cartolas, daqueles que fizeram um futebol mais inteligente, mais cheio de malandragens sutis, num processo não muito distante.

O ABC corre o risco de perder o título este ano novamente. À frente dele estão Alecrim e América, com suas equipes bem estruturadas e ainda existe um forte espinho na garganta de todos que é o Baraúnas e, sem nenhuma assombração, o Potiguar. Se acontecer o que se prevê, isto é, a perda do título por parte da

equipe alvinegra, a Vila Olímpica não fará sentido nem tampouco servirá de alento para o torcedor, nem de paliativo ou engodo pela derrota sofrida na quarta vez seguida. E se for América o campeão aí muito "nêgo" vai ver onde o vento faz a curva e a poca torcer o rabo. Mas aí alguém deve estar dizendo que eu estou batendo na mesma tecla do meu comentário mês passado.

O negócio é contratar? Pelo que me consta isso ajuda mas não é o mal da raiz. A falta de contratações não desmotivou o nosso torcedor nem tirou o abecedista do estádio. A bagunça dos dirigentes e as más administrações têm sido o ponto nevrálgico da questão. Todos estão desacreditados, até mesmo aqueles que continuam dando títulos. A razão é muito simples e óbvia, basta verificar a questão da "vira de mesa" para se observar que houve um erro quilométrico e sem razão de ser, portanto inexplicável e sem poder de persuasão.

As contratações, como disse anteriormente, ajudam na motivação, mas o time também tem que ganhar jogo, senão acontecerem vitórias o torcedor fica irritado e aí pode ser até Pelé que não convence o torcedor ir a campo depois de três ou quatro partidas.

Eu não acredito na derrota do ABC para o Atlético. Prá mim foi boicote e se estivesse na Loteria algumas pessoas — não eu — diriam que a equipe tinha sido comprada pela "gang da Loteca" para dar a zebra. É claro que não quero menosprezar o rubronegro de Coqueiro dizendo que a goleada aplicada sobre o alvinegro foi facilitada. A partir daí, inconformados com a humilhante derrota a direção de Morro Branco usou o expediente do "Tapetão" e afirmando que a preocupação era a "Vila Olímpica". E vai daí que a questão tomou outros rumos e acabou na infeliz decisão da criação de mais um turno, numa prova cabal da in experiência dos cartolas.

Meu irmão Romualdo, alucmado por uma cor preto-e-branco a ponto de guardar consigo todos os ingressos das partidas do Botafogo que viu lá no Maracanã, abecedista de brigar, doente pelo clube do povo, deixava Santa Cruz a qualquer dia e hora para vir ao Castelão. Foi se desiludindo e agora já nem mais escuta a resenha. Como ele eu conheço muitos outros. Até alguns companheiros de redação da Tribuna, do Diário e da República, que deixaram de frequentar o estádio às vezes até para trabalhar. O nosso futebol e de rádio. É muito mais empolgante ficar em casa ouvindo uma narração do que um deslocamento até ao estádio. A razão é muito simples: estamos sem cartolas. Disse isso uma vez e recebi como resposta na Rádio Cabugi, de um dirigente que nem me lembro o nome nem clube, que o nosso Estado estava precisando de repórter. Aos poucos foi se confirmando que estamos mesmo é sem dirigentes, sem cartolas. Continuo defendendo a tese e não abro mão dela até que me provem em contrário, até que se convença ao nosso torcedor que a nossa cartolagem vai muito bem, obrigado.

Seridó

82

RN/ECONÔMICO vai circular em julho, mês da Festa de Santana, com uma grande edição sobre o Seridó. Mais um documentário do jeito que o seridoense gosta — reportagens, entrevistas, depoimentos e artigos com sua gente, sobre seus costumes, suas riquezas e potencialidades. E desta vez com uma particularidade: *É tempo*

de conferir. 82 é um ano político. Tem eleições e o seridoense vai eleger os seus dirigentes: prefeitos, vereadores, deputados, um senador e o governador. Vai portanto conferir o trabalho de quem está construindo o futuro dessa região. No mês de junho os nossos repórteres, fotógrafos e pesquisadores estarão em contato com os líderes do Seridó, reunindo todo o material para mais uma edição histórica que será lançada durante a sua

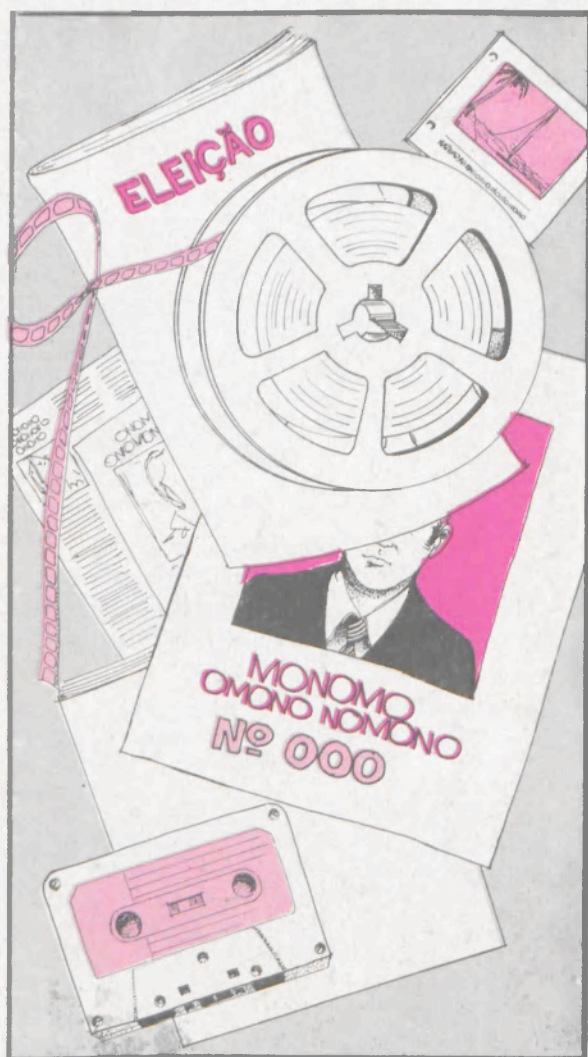
feira de maior tradição. Reserve com os nossos contatos seu espaço de promoção e publicidade na Edição do Seridó. Marque sua presença de fé e confiança nos destinos da sua região.

O lançamento de RN/ECONÔMICO, Edição do Seridó, constará do calendário das festas de Currais Novos e Caicó.

RN/ECONÔMICO
Rua São Tomé, 421 Tel.: 222-4722



82 um ano político



Junto à nossa mensagem de sucesso, de vitória aos que vão se candidatar nas próximas eleições de novembro, RN/ECONÔMICO vem oferecer à sua candidatura o melhor padrão de qualidade em cartazes, folders, panfletos, anúncios para jornais, jingles e outros serviços de criação e arte que colocamos à sua disposição. Já é tempo de programar sua campanha eleitoral. Quem sai na frente quase sempre chega na frente. RN/ECONÔMICO está agora no seu novo endereço, à rua São Tomé, 421 - Centro da Cidade - perto do SESC e do SENAC, numa rua de fácil acesso e estacionamento garantido, telefone 222-4722, onde atendemos com presteza e pontualidade.

RN/ECONÔMICO
Gráfica (Off-set e Tipografia)